

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS  
(TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS)**

---

**TIC NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: PARA ENSINAR BASQUETEBOL**

**ANA LÍVIA GORGATTO FRAIHA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**Março – 2016**

ANA LÍVIA GORGATTO FRAIHA

**TIC NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: PARA ENSINAR  
BASQUETEBOL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Área de concentração: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Suraya Cristina Darido

Rio Claro/SP  
2016

796.323 Fraiha, Ana Lívía Gorgatto  
F812t TIC nas aulas de educação física : para ensinar o  
basquetebol / Ana Lívía Gorgatto Fraiha. - Rio Claro, 2016  
126 f. : il., figs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientadora: Suraya Cristina Darido

1. Basquetebol. 2. Educação física escolar. 3. Tecnologias  
de Informação e Comunicação. 4. Facebook. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: TIC NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: PARA ENSINAR BASQUETEBOL

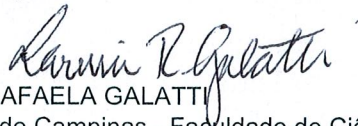
**AUTORA: ANA LÍVIA GORGATTO FRAIHA**

**ORIENTADORA: SURAYA CRISTINA DARIDO DA CUNHA**

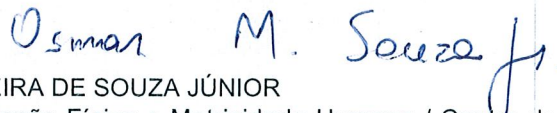
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. SURAYA CRISTINA DARIDO DA CUNHA  
Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. LARISSA RAFAELA GALATTI  
Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Ciências Aplicadas de Limeira - SP



Prof. Dr. OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR  
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos - SP

Rio Claro, 07 de março de 2016

## DEDICATÓRIA

*“Dedico este trabalho para as pessoas mais importantes da minha vida: à minha mãe, Márcia, e ao meu pai, William que são TUDO PARA MIM!”*

## AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas para agradecer, pessoas muito especiais que nenhum trabalho seria capaz de abranger a todos. Pessoas que, sem sombra de dúvidas, estiveram e sempre estarão presentes em minha vida.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus pela existência e pela proteção de cada dia. À Nossa Senhora das Graças, minha santinha guerreira, e à Nossa Senhora da Aparecida, minha padroeira. Sem a minha fé, não conseguiria chegar até onde eu cheguei hoje, passando por tantas provas em minha vida.

Aos meus QUERIDOS e AMADOS pais pelo apoio em todas as escolhas no meu caminho, pela compreensão, pela paciência, o cuidado, as preocupações de todos os dias, o carinho e principalmente o amor, que é tão grande e lindo entre a gente. Vocês estiveram ao meu lado o tempo todo me apoiando, me acalmando e me dando forças para seguir em frente, sempre me levantando nos momentos de fraquezas. Com certeza, tudo o que sou hoje, toda a educação, carinho e amor, eu devo a vocês. É para vocês que eu dedico este trabalho... à você minha mãe, minha rainha e exemplo de força, superação e luta e a você meu pai, meu eterno fã, protetor e carinhoso. Meus pais, vocês são a minha base, o meu refúgio de todas as aflições, medos, alegrias e conquistas. Sem vocês, eu não seria ninguém. Eu amo demais vocês. Obrigada por tudo e por acreditarem em mim sempre.

Ao meu namorado tão amado, Rodolfo, pela paciência, compreensão, carinho e amor em todo esse tempo juntos, principalmente nesta fase do mestrado, que tantas coisas aconteceram em nossas vidas. Tê-lo ao meu lado nesses anos me proporcionou muita força para seguir em frente e amá-lo cada dia mais. Te amo muito, meu amor. Obrigada por ser este companheiro e namorado tão especial em minha vida.

À dona Maria (*in memoriam*), uma amiga muito especial que rezou e acreditou em mim sempre, como filha, aluna, namorada e principalmente como uma pessoa que só quer o bem do próximo. Ela era e continua sendo o meu anjo da guarda. Quanta saudade, dona Maria. Muito obrigada pela sua luz que guiava e ainda guia a mim e à minha família.

Aos meus familiares, tios, avós, primos, meus sogros, cunhada, parentes distantes, que oraram e torceram por mim de longe para que eu conseguisse conquistar a mais esta etapa em minha vida. Muito obrigada, meus queridos.

À minha querida professora e orientadora, Suraya, pela credibilidade e paciência, a qual me conduziu para realizar mais um trabalho, já que também foi a minha orientadora de TCC. Agradeço pelo crescimento e aprendizado que tive com a senhora. Muito obrigada por tudo. Com certeza foi uma honra e felicidade muito grande para mim em ter mais um trabalho sob a sua orientação.

À Prof. Dra. Laríssa Galatti, pela atenção e por ter aceito contribuir com este trabalho. Você foi minha professora da disciplina de Basquetebol na graduação no meu segundo ano de faculdade, e desde então te admiro pelo seu trabalho e estudos, além de ser uma pessoa querida. Muito obrigada pelos conhecimentos acerca do basquetebol (ainda tenho muito o que aprender) e pela amizade que construímos, Lari!

Ao Prof. Dr. Osmar, que também aceitou contribuir com meu trabalho e que conheci nas oficinas das Semanas de Estudos da Educação Física durante a minha graduação. Fui me aproximar dele há dois anos nas reuniões do LETPEFÃO, e desde então só tenho admiração e respeito pelo professor e pela pessoa que é. Muito obrigada por sua contribuição e dedicação com meu estudo, Osmar. E vai Corinthians!!!!

À minha psicóloga Vanessa por ter me recebido em seu consultório com tanto carinho e atenção nos momentos mais difíceis desse processo, me ajudando para meu autoconhecimento e aceitação. Grata eternamente, Van.

Ao meu grupo de dança Terapêutica, o qual a Van é professora, pelas pessoas lindas que conheci e tenho a felicidade de dizer que sou amiga de cada uma. Muito obrigada, meninas lindas! A energia e a torcida de vocês foram essenciais para mim neste período.

Aos meus amigos do grupo LETPEF: Vitor, Raphael, Juliano, Affonso, Amanda, Tiagão, Alex Ipatinga, Mariana e Irla, em especial à Aline, que não mediu esforços para me ajudar, principalmente com orações. Muito obrigada. Agradeço imensamente, meus amigos por toda a força e carinho... Letamigos forever!!

Ao grupo LETPEF, tanto o grupo de professores quanto o de alunos, por proporcionar momentos tão bacanas de trocas de experiências, debates e intervenções na escola, contribuindo muito para minha prática pedagógica.

Às minhas amigas de infância, em especial à Ana Luísa e à Luana pelo apoio, pelas orações e preocupações todos os dias. Amo vocês, amigas.

A todos meus amigos que a UNESP me concedeu em especial ao Márcio Kamimura, meu amigo e parceiro desde os tempos de graduação. Obrigada, fiotinho. E à Nara pela força e confiança. Obrigada, querida.

Aos meus amigos queridos que o Mestrado me deu de presente: Marcela, Denis, João e Marcio. Sou grata por todas as palavras de carinho, incentivo e trocas de experiências com vocês. Saiba que sou fã de cada um. Muito obrigada por tudo, meu amigos queridos.

À professora Fernanda Moreto Impolcetto que foi minha professora da disciplina de Pedagogia do Esporte no curso da pós, na qual pude aprender e compreender um pouco mais sobre este universo no ensino do esporte a partir das novas tendências pedagógicas, e também por todo carinho e torcida durante este período. E ao Guy, amigo querido que foi monitor na disciplina de atletismo no meu primeiro ano de faculdade, e partir daí construímos uma amizade bacana. Duas pessoas que tenho um carinho enorme e admiração. São meus companheiros de estudos e congressos sobre a Pedagogia do Esporte, tema que comecei a estudar mais a fundo junto a eles. Muito obrigada pelo carinho e parceria de vocês, Fer e Guy. Que venham muitas parcerias mais!!

Ao meu time de basquetebol da UNESP pela compreensão e por toda a força que me deram neste período. E ainda levantamos o troféu no Interunesp neste período...uhull!!!! Obrigada a cada um de vocês.

A todos os meus professores da UNESP que me proporcionaram tantos conhecimentos e experiências. Muito obrigada.

À professora Sara, pelos tempos em que estive no Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA), pelas oportunidades, aprendizagens e amizade que construímos ao longo desses anos. Muito obrigada, Sarinha.

Aos funcionários unespianos que foram e são importantes durante todo este tempo que estive na Universidade. Muito obrigada.

Às minhas queridas, Katlen e Michele, que trabalham no xerox da UNESP desde meu primeiro ano, por todo carinho, atenção e paciência comigo durante os atendimentos. Muito obrigada, suas lindas!

À minha teacher Denilce por todo ensinamento e ajuda com as correções dos Abstracts. Muito obrigada, Dê! Você é uma professora admirável.



Aos professores participantes da pesquisa, pela confiança, ajuda e contribuição de suas experiências durante todo esse processo na escola.

Aos meus professores de Educação Física da escola, Tenani e Luís, por me apresentar o mundo esportivo e com isso querer a profissão.

Ao Marcão, meu primeiro treinador, que me ensinou a jogar basquetebol e ao meu segundo treinador Marcelão pelos toques de pivôs que me dava e que até hoje utilizo. Muito obrigada, professores.

Ao basquetebol, meu parceiro de hoje e sempre.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa nestes dois anos de estudo e apoio para a realização do presente trabalho.

Enfim, agradeço a todos meus amigos de longe e de perto, e a todas as pessoas que rezaram e torceram por mim, para que esse trabalho se tornasse uma realidade.

MUITO OBRIGADA A TODOS DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO! Que Deus abençoe cada um de vocês.

## RESUMO

A Educação Física enquanto prática pedagógica em muitas escolas ainda baseia-se em uma concepção tradicional relacionada ao ensino tecnicista de algumas modalidades esportivas. Com as novas propostas pedagógicas na Educação Física escolar, o ensino do basquetebol deve estar atrelado à uma concepção de cultura corporal no qual a modalidade não deve ser abordada somente de maneira procedimental. Neste sentido, com a implementação do currículo de Educação Física do Estado de São Paulo, o ensino do basquetebol encontra-se pautado nesta perspectiva. Uma alternativa interessante é a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como ferramenta pedagógica. Assim, os objetivos deste estudo foram: 1) Mapear as dificuldades de dois professores de Educação Física do 7º ano do Ensino Fundamental – ciclo II, da rede pública de uma cidade no interior de São Paulo em relação ao ensino do conteúdo Basquetebol na perspectiva da cultura corporal e em relação ao uso das TIC; 2) Elaborar e implementar um material didático utilizando as TIC para o ensino do Basquetebol, complementar ao currículo de Educação Física do Estado de São Paulo; 3) Disponibilizar este material no grupo criado no Facebook e avaliar as suas possibilidades, junto aos dois professores. A análise dos dados ocorreu por meio da observação das aulas dos professores, das aulas implementadas pela pesquisadora, análise dos comentários realizados no grupo do *Facebook* e entrevistas semiestruturadas com os dois professores. Os resultados expressos culminaram em duas categorias de análise, sendo elas: Diagnóstico, realidade, dificuldades e TIC; e Concepções dos professores em relação à Educação Física na escola. Na primeira categoria, pôde-se observar que há dificuldades na utilização das TIC e há pouca estrutura das escolas, devido à falta de alguns recursos e pela razão dos professores não terem tido acesso a esse tipo de conhecimento durante sua formação inicial e continuada. Verificou-se, também, que a utilização de redes sociais está presente no cotidiano destes professores, mas não como procedimento pedagógico. Em relação à disponibilidade de propostas pedagógicas no grupo criado na plataforma digital, o *Facebook* se mostrou uma ferramenta viável. Tratando-se do conteúdo basquetebol, o ensino ainda é pautado na perspectiva tecnicista. Neste sentido, apesar das dificuldades, considera-se que foi significativo o estudo para a construção de novas propostas pedagógicas para o ensino do Basquetebol e do uso do *Facebook*, que funcionou mais como meio de disponibilização de material didático do que para interatividade entre os professores.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar. Tecnologias da Informação e Comunicação. Basquetebol. *Facebook*.

## ABSTRACT

The physical education while pedagogical practice in many schools is still based on a traditional conception related with the technician teaching of some sport modalities. With the emergence of new pedagogic proposals in school physical education, basketball teaching must be linked with a body culture conception, in which the modality is not approached exclusively in a procedural manner. With the implementation of the physical education curriculum in São Paulo state, basketball teaching is inserted in this perspective. An interesting alternative is to use the Information and Communication Technologies (ICT) as pedagogic tools. Thus, the objectives of this study are: 1) Map the difficulties of two 7<sup>th</sup>-grade physical education teachers of Fundamental School II in a public school located in São Paulo state countryside concerning basketball teaching in the perspective of body culture and the use of ICT; 2) Elaborate and implement a didactic material using ICT in basketball teaching, complementary to the physical education curriculum in São Paulo state; 3) Make this material available in the group created on Facebook and evaluate the possibilities offered by discussing them with the teachers. The data were analyzed through class observation, classes implemented by the researcher, analysis of the comments on Facebook and semi-structured interviews with two teachers. The results expressed culminated into two analysis categories: a) diagnostic, reality difficulties and ICT, and b) the teachers' conceptions regarding school physical education. In the first category, it was possible to observe that there are difficulties in the use of ICT, the schools lack resources, and the professionals did not have access to this technology in their initial formation and continued formation. The use of social networks is present in the teachers' daily living; however, they are not used as pedagogical resources. Regarding the availability of pedagogical proposals in the group create in the digital platform, the *Facebook* can be considered a viable tool. With specific regard to the basketball content, teaching is still follows the technician perspective. In this sense, despite the difficulties, this study was significant for the construction of new pedagogical proposals on basketball teaching and the use of *Facebook*, which served as a tool to make the didactic material available for the teachers' interaction.

**Key words:** school Physical Education. Information and Communication Technologies. Basketball. Facebook.

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1: Distribuição do conteúdo Basquetebol ao longo dos anos (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental – ciclo II)..... | 30 |
| Quadro 2: Resumo das três etapas realizadas na pesquisa.....  | 60 |
| Quadro 3: Categorias de análise e subcategorias.....  | 82 |

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Grupo fechado de “Basquetebol e TIC na escola” ..... | 64 |
|--|----|

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO .....   | 13 |
| 1. Introdução .....  | 15 |
| 1.1 Objetivos .....  | 25 |
| 2. A Educação Física Escolar.....  | 26 |
| 2.1 Educação Física e currículo do Estado de São Paulo .....   | 28 |
| 3. Basquetebol .....   | 32 |
| 3.1 História e suas características .....  | 32 |
| 3.2 Basquetebol na cultura corporal e nas dimensões do conteúdo.....   | 34 |
| 3.2 Basquetebol e as novas propostas de ensino .....   | 40 |
| 4. Educação e tecnologia .....   | 46 |
| 4.1 Novas tecnologias na Educação e na Educação Física .....   | 49 |
| 4.2 As redes sociais na Educação e na Educação Física.....   | 51 |
| 4.3 Tecnologias e a formação dos professores .....   | 54 |
| 5. Metodologia.....  | 58 |
| 5.1 Descrição da metodologia .....   | 58 |
| 5.1.1 Seleção dos professores .....  | 59 |
| 5.2 Primeira etapa: Levantamento das dificuldades dos professores em relação ao ensino do basquetebol e o uso das TIC.....                   | 60 |
| 5.2.1 Observação das aulas.....  | 61 |
| 5.2.2 Primeira entrevista semiestruturada.....   | 61 |
| 5.3 Segunda etapa: Elaboração e implementação do material didático .....   | 63 |
| 5.4 Terceira etapa: Postagem, interação e avaliação do material didático no Facebook proposto e da interatividade entre os professores ..... | 64 |
| 5.4.1 Roteiro da segunda entrevista semiestruturada .....  | 65 |
| 5.5 Análise dos dados.....   | 66 |
| 6. Resultados e discussão.....   | 67 |

|   |            |
|---|------------|
| 6.1 Descrição do processo: um resumo.....                                   | 67         |
| 6.2 Descrição da observação inicial.....                                    | 68         |
| 6.2.1 Apresentação das escolas participantes e suas características.....    | 68         |
| 6.2.2 Observação das aulas de outros conteúdos e do Basquetebol .....       | 72         |
| 6.3 Seleção dos quatro temas .....  | 73         |
| 6.4 As aulas implementadas pela pesquisadora.....                           | 75         |
| 6.4.1 Aula 1 – Aspectos históricos e contextualização do Basquetebol .....  | 75         |
| 6.4.2 Aula 2 - Compreendendo o jogo de Basquetebol.....                     | 76         |
| 6.4.3 Aula 3 - Basquetebol em cadeira de rodas .....                        | 79         |
| 6.4.4 Aula 4 - As mulheres no Basquetebol .....                             | 80         |
| 6.5 As categorias de análise.....   | 81         |
| 6.5.1 Diagnóstico, realidades e TIC .....                                   | 82         |
| 6.5.2 Concepções dos professores em relação à Educação Física escolar ..... | 92         |
| 7. Considerações finais .....   | 103        |
| REFERÊNCIAS.....  | 107        |
| APÊNDICES.....  | 116        |
| <b>APÊNDICE A – PROPOSTAS DE AULAS .....</b>                                | <b>116</b> |

## APRESENTAÇÃO

Neste estudo tratarei de dois temas centrais, o basquetebol e as novas tecnologias na educação, analisando suas possibilidades na Educação Física na escola.

De fato, poderia optar por inúmeras manifestações corporais, mas considerando as experiências vividas preferi não me afastar do esporte, particularmente do basquetebol, no qual fui atleta dos 14 aos 18 anos.

Minha experiência na modalidade se deu a partir de 2004, há 12 anos, e não foi na escola, foi em um clube na minha cidade. Antes disso, eu nunca havia pensado em praticar o basquetebol por ser uma modalidade que não estava inserida no meu dia-a-dia. Em um campeonato de basquetebol no clube que sou sócia, minha professora de Educação Física da escola e também funcionária do clube, fez a minha inscrição. A princípio eu não queria participar, mas quando iniciou, meu pai como torcedor de sempre, gostou do meu jeito de jogar e pela minha altura, resolveu procurar um clube para me aperfeiçoar.

Na verdade, eu tinha gostado de jogar basquetebol. A princípio foi bem difícil, pois eu não tinha conhecimento a fundo da modalidade. Mas consegui me adaptar com o tempo.

Na escola só tinha futebol, voleibol e atletismo, e todos na perspectiva esportivista, ou seja, eu repetia o que meus professores demonstravam. Não entendia o porquê estava aprendendo aquilo tudo. Mas eu executava, devido às minhas habilidades e apreço pelos esportes.

Em relação ao uso das novas tecnologias na escola, mais especificamente na qual eu estudei dos seis aos 17 anos (1996-2007), o máximo que se utilizava de tecnologias eram filmes e aulas com datas shows, mas este último avanço foi a partir de 2004. Os filmes eram dados quando algum professor faltava ou aleatório sem nenhum contexto e as aulas dadas em Power Point, eram mínimas, devido à formação dos professores no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e no manuseio delas, apesar de estarem disponíveis na escola.

A partir do momento no qual decidi fazer faculdade de Educação Física, prestei o vestibular e passei. Até o presente momento não havia pensado em fazer



licenciatura, e sim bacharelado na área por conta da minha experiência no esporte fora da escola. Pensava em trabalhar em algum clube como treinadora.

Já cursando, me deparei com várias discussões e disciplinas que valorizavam a Educação Física escolar, e me identificava em muitos pontos com ela, o que me fez optar primeiramente pela Licenciatura, mas pensando depois na complementação em Bacharelado.

Assim, ao longo da minha graduação, quis de alguma forma contribuir para um ensino diferente do que eu tive na escola.

Fiz iniciação científica com projeto de basquetebol na escola utilizando o livro didático e agora, no mestrado, quero contribuir ainda mais com a qualidade das aulas, utilizando o basquetebol como conteúdo e as novas tecnologias como um dos meios para ensinar esta modalidade na escola.

## 1. Introdução

A partir das deliberações contidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/BRASIL, 1996), a Educação Física passa a apresentar uma importância maior dentro do âmbito escolar, sendo considerada como um componente curricular. Em seu artigo 26, a LDB (BRASIL, 1996) considera a Educação Física como um componente curricular da educação básica, ajustando-se às diferentes faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Porém, em dezembro de 2003, foi promulgada a lei 10.793 que tornou a Educação Física nos cursos noturnos obrigatória, sendo facultativa ao aluno que cumpre jornada de trabalho igual ou superior a seis horas e/ou que seja maior de trinta anos, que tenha prole, que esteja prestando serviço militar, entre outros (BRASIL, 2003).

No entanto, embora garantida por lei, a Educação Física enquanto prática pedagógica em muitas escolas ainda baseia-se em uma concepção tradicional relacionada ao ensino tecnicista de algumas modalidades esportivas, com caráter de reprodução dos movimentos. Isso se deve à grande influência que esses profissionais sofreram, principalmente durante o período que ela foi ensinada, nas décadas de 1970 e 1980, de acordo com a tendência esportivista (RANGEL-BETTI, 1995; DARIDO; RANGEL, 2005; BRACHT, 2010; RUFINO; DARIDO, 2014).

No basquetebol não foi diferente. A modalidade na escola possuía e ainda possui características nítidas do modelo esportivista, tais como ser ensinado aos mais habilidosos; as aulas exclusivamente práticas com treinamentos de fundamentos (passe, drible, etc); treinos repetitivos dos fundamentos; aulas em que todos os alunos devem cumprir as mesmas tarefas, do mesmo modo, ao mesmo tempo, e se caso não fizessem os alunos eram punidos com castigos e sanções; aulas em que não se permita o erro do aluno; o objetivo exclusivo é a participação em competições esportivas, cujo fim é vencer a qualquer custo; aulas em que não são disponibilizadas informações sobre o porquê realizar determinados movimentos ou onde se discutem intencionalmente as relações entre o esporte e a sociedade; e os alunos considerados passivos no processo de ensino-aprendizagem (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

O esporte, por ser um conteúdo tradicional do componente curricular Educação Física e pelo fato de estar intensamente presente na nossa sociedade, necessita receber um tratamento pedagógico adequado.

Ao desenvolver as modalidades esportivas no âmbito escolar, os professores, na maioria das vezes, concentram suas ações em ensinar movimentos e gestos técnicos específicos, mas para o aluno adquirir um amplo conhecimento deste conteúdo entendemos que seja fundamental, além da aprendizagem de movimentos esportivos, que ele saiba analisar o porquê da realização de tais movimentos, como também possa atribuir valores e ter atitudes apropriadas para e nas diversas práticas esportivas (BARROSO; DARIDO, 2009).

No entanto, para romper com os modelos anteriores, ocorreu o surgimento das novas abordagens na década de 1980, como exemplo surgiram as perspectivas Construtivista, Desenvolvimentista, Crítico-superadora, entre outras.

Há diferenças nas concepções dessas abordagens, umas partindo de um referencial teórico mais crítico, outras pautada na área do comportamento motor, na construção do conhecimento, em referenciais da psicologia etc. Em algumas dessas abordagens, o conceito de cultura corporal está presente com diferentes denominações, como cultura corporal, cultura de movimento, cultura física, entre outras.

Para Soares et al. (1992), cultura corporal está presente nas atividades expressivas corporais, diferentemente das abordagens anteriores. Betti (2009) destaca cultura corporal como forma de desenvolver a criticidade por meio da apropriação crítica dessas manifestações. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/BRASIL, 1998) concebem a cultura corporal como o objeto de estudo da Educação Física na escola, devendo estar presente durante a prática pedagógica desse componente curricular.

O basquetebol pode ser inserido no contexto escolar por meio da concepção da cultura corporal que faz parte das novas abordagens da Educação Física. Ele é o objeto de estudo próprio da Educação Física, representada por diversas manifestações corporais enraizadas na cultura, tendo importância histórica e social para o ser humano.

Betti (2009) destaca cultura corporal como forma de desenvolver a cidadania por meio da apropriação crítica dessas manifestações.

É possível desenvolver formas de ensinar o basquetebol na escola na perspectiva da cultura corporal. O aluno não precisa apenas de elementos técnicos e táticos para jogar, como fundamentos de passe, arremesso, drible, sistemas de jogo como 3x2, 2x1x2, etc., e sim de momentos que o permita compreender estes elementos, e isso pode acontecer por meio de jogos/brincadeiras e de aprendizagens que possam ampliar os conteúdos a serem propostos nas aulas.

Com isso, é possível que o aluno se interesse mais pela modalidade, experimentando com mais interesse e vontade o jogo, desenvolvendo sua sociabilidade com outros colegas, sua consciência crítica e também aperfeiçoando suas habilidades motoras que são muito importantes para o decorrer de seu desenvolvimento.

O aluno deve ser reconhecido como o sujeito ativo do processo, sendo que o professor deve utilizar de princípios pedagógicos que englobem valores, ideias, fundamentos técnicos, que se relacionam, sendo primordiais no processo ensino-aprendizagem, facilitando o entendimento do jogo e ampliando os conteúdos propostos durante a prática educativa.

Dessa forma, o ensino do basquetebol deve estar atrelado à cultura corporal, que representa as manifestações historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas dos seres humanos. Assim, o basquetebol não deve ser abordado exclusivamente na perspectiva esportivista, como era antigamente e ainda é em muitas escolas, na qual os mais habilidosos se sobressaem, as aulas exclusivamente práticas, sofriam castigos se os alunos não fizessem os movimentos corretamente e os alunos passivos no processo, mas sim abordado tanto historicamente, proporcionando a compreensão do aluno em relação aos objetivos e finalidades em praticar essa modalidade (dimensão conceitual), quanto trabalhar as atitudes, comportamentos, valores e ideias que possam desenvolver no aluno a sua criticidade e o bom convívio com o próximo (dimensão atitudinal).

Em 2014 foi lançado um material que atende a esta proposta e aos princípios básicos do esporte educacional que são totalidade, coeducação, emancipação, participação, cooperação e regionalismo na escola, para subsidiar os profissionais envolvidos com o ensino do esporte. Esta coleção transcende a ideia de atender apenas aos envolvidos com os programas e projetos da Secretaria Nacional de

Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social – SNE LIS do Ministério do Esporte (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

O conceito de esporte-educação ou esporte educacional surge a partir da Carta Internacional da Educação Física, elaborada pela UNESCO, que renovou os conceitos do esporte em função da reação mundial pelo uso político do esporte durante a Guerra Fria (SNEE/BRASIL, 2015). Em 1995 com a criação do Ministério Extraordinário dos Esportes e do INDESP (Instituto Nacional do Desenvolvimento do Esporte) foi elaborado um documento-ensaio com os princípios básicos do esporte educacional. Os princípios acima citados são estes:

- **Princípio da Totalidade:** a prática esportiva educacional deve fortalecer a unidade do homem consigo, com o outro e com o mundo, tendo como elementos indissociáveis a emoção a sensação, o pensamento e a intuição. Nesse princípio, os praticantes do esporte educacional deverão fortalecer o conhecimento, a autoestima e a auto superação, tudo isso desenvolvido dentro de um ambiente de respeito e preservação das individualidades.
- **Princípio da Co-Educação:** o esporte educacional integra situações heterogêneas de sexo, idade, nível socioeconômico, condições físicas, etc. das pessoas envolvidas nas práticas esportivas.
- **Princípio da Emancipação:** também introduzido nas atividades esportivas educacionais, busca levar os participantes a situações estimulantes de desenvolvimento da independência, autonomia e liberdade.
- **Princípio da Participação:** estão todas as ações que levam os protagonistas do esporte educacional a interferir na realidade através da participação. Esse princípio compromissa os praticantes no campo social do esporte pelas vivências que essa participação oferece.
- **Princípio da Cooperação:** ao registrar situações de individualismo, promove ações conjuntas para a realização de objetivos comuns durante a prática do esporte educacional.
- **Princípio do Regionalismo:** remete os praticantes do esporte educacional a situações de respeito, proteção e valorização das raízes e heranças culturais (SNEE/BRASIL, 2015).

Este material traz muitas possibilidades pedagógicas de ensino do basquetebol a partir da perspectiva da cultura corporal, no qual o aluno aprende

sobre modalidade jogando, e faz com que ele veja sentido e significado ao seu aprendizado.

Já o currículo escolar se apresenta como uma seleção dos conhecimentos da cultura, envolvendo os processos escolares de maneira ampla e diversificada, incluindo as práticas pedagógicas, as filosofias educacionais, a formação de professores e os seus conhecimentos (FORQUIN, 1993; SACRISTÁN, 2000). Deste modo, o currículo assume um papel importante no desenvolvimento dos conteúdos escolares, visto que atua como um dos norteadores da prática pedagógica dos professores.

A proposta curricular de Educação Física do Estado de São Paulo foi lançada pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE/SÃO PAULO, 2008), resultando da Resolução nº 92, publicada pelo mesmo órgão no final de 2007. Esta resolução tinha como objetivo uniformizar o currículo do Ensino Fundamental II e Médio das escolas públicas estaduais paulistas, a fim de proporcionar melhorias no ensino (SEE/SÃO PAULO, 2008).

Esta proposta tornou-se oficialmente no ano de 2010 em todas as áreas, incluindo a Educação Física, apresentando os conteúdos que deveriam ser tratados nas aulas ao longo dos anos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

No currículo, o basquetebol está presente no capítulo “Esporte – modalidade coletiva: basquetebol” e é inserido no 7º ano do ensino fundamental – ciclo II, no segundo bimestre. No caderno do aluno, este material apresenta uma breve introdução histórica sobre esta modalidade, propõe pesquisas, lições para casa, curiosidades, desafios, algumas regras do jogo e tópico para ampliação do conhecimento tratado no capítulo (SÃO PAULO, 2009), mas não disponibiliza outros conhecimentos para o professor abordá-lo em sua prática.

O caderno do professor não explora profundamente estes conteúdos, o que de certo modo, dificulta ainda mais a implementação do basquetebol na sua totalidade na prática pedagógica dos professores inovadores. No caso do basquetebol, o currículo não aborda as questões de valores, ética, gênero na modalidade. Isto faz com que os alunos conheçam apenas o básico da modalidade, como a história, regras e os fundamentos técnico-táticos, deixando de vivenciar e discutir sobre diversas atitudes e fatos que ocorrem no basquetebol, seja na iniciação esportiva, no esporte de alto-rendimento, seja na mídia.

A partir disso, podemos pensar em formas de concretizar parte desses materiais, produzindo complementações durante a prática pedagógica, ressaltando a contribuição da ação pedagógica do professor acerca do conteúdo Basquetebol, permitindo aos alunos mais conhecimentos e aprendizagens deste conteúdo, das mais variadas formas de ensino e recursos.

Atualmente, algumas escolas vêm buscando utilizar as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em sala de aula. Nas aulas de educação física não é diferente. Muitos professores as utilizam como mais uma ferramenta de ensino, por meio de vídeos e imagens de modo a possibilitar maior motivação dos alunos, autonomia e melhora de autoestima através da inclusão digital (OLIVEIRA; LUDWIG; FINCO, 2011).

Entendemos que, mais uma alternativa para auxiliar o professor seria organizar e produzir por meio de conhecimentos complementares disponibilizados *on-line*, acerca do conteúdo Basquetebol de forma mais variada, de fácil acesso e com interatividade. Portanto, além do suporte encontrado nos materiais do currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2009), o professor sempre que considerasse necessário, teria acesso a uma base de dados, constantemente atualizada.

As novas tecnologias e mídias eletrônicas consolidam-se na atualidade como uma linguagem prazerosa e sedutora para os alunos e professores, desenvolvendo formas sofisticadas de comunicação e interação, devendo fazer parte da prática pedagógica (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2011). Porém, para atingir tal objetivo faz-se necessário que os professores tenham noções básicas em relação às novas tecnologias associadas à educação. Esta cultura digital vivenciada atualmente por uma geração que se comunica de modo exacerbado tece redes de conexões virtuais e reais integrando-se como extensões da humanidade (MC LUHAN, 2006).

Contudo, são necessárias discussões sistematizadas referentes a propostas que visem elaborar, implementar e avaliar possibilidades de inserção destas tecnologias como mais um recurso de cunho pedagógico dos conteúdos. Muitas questões envolvem estas tecnologias principalmente no que se refere a sua utilização em ambientes educacionais, levantando barreiras e dificuldades que os professores encontram para utilizá-las (ALMEIDA; MORAN, 1997; KENSKI, 2008; SILVA, 2011).

Além disso, seriam necessárias mais reflexões acerca da utilização das TIC, como uma possibilidade de formação complementar e continuada dos professores, já que com a inserção das mídias na escola, muitos professores estão buscando cursos que ensinam e aperfeiçoam o uso de tecnologias, bem como cursos oferecidos pelas secretarias de ensino como formação continuada para assim implementarem de vez as TIC no campo educacional.

Há muitos professores que possuem dificuldades de manipulação dessas tecnologias, devido à sua formação inicial e à sua geração profissional, mas também há professores que já dominam as TIC, como por exemplo, já acessam redes sociais como forma de interagirem com o corpo docente, alunos e público em geral.

As TIC são o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas, sendo as possibilidades infinitas, que vão desde “casas ou automóveis inteligentes” até os androides reais e virtuais para finalidades diversas, incluindo toda a diversidade dos jogos *online* (BELLONI, 2009).

As novas tecnologias de informação e comunicação permitem a busca contínua de informações de forma mais simplificada e ágil, multiplicando as possibilidades de acesso e contato com referências bibliográficas atualizadas e globalizadas.

Neste sentido, com os conhecimentos interligados aos recursos tecnológicos, seria possível desenvolver e aprimorar conteúdos interativos em *blogs*, *e-mails*, redes sociais, *sites* especializados, plataformas *on-line*, vídeos jogos digitais, entre outros, possibilitando novas maneiras de ensinar e aprender.

Estudos sobre a utilização de redes sociais na educação vêm sendo realizados atualmente e em grande escala (MATTAR, 2013; DIAS; COUTO, 2011; MILANI, 2015). Enquanto o uso de e-mail tem caído entre os alunos, a comunicação por redes sociais tem aumentado, sendo considerado recurso predileto como ferramenta de ensino para os alunos (MATTAR, 2013). Segundo o autor, sites de redes sociais são plataformas em que pessoas têm perfis, estabelecem amizades e compartilham informações e interesses. O *Orkut* foi, durante alguns anos, a rede social mais utilizada entre as pessoas e hoje superada pelo *Facebook*.

Alguns professores possuem dificuldades em manipular as tecnologias. Apesar disso, muitos professores utilizam plataformas *online*, como sites de vídeo



*Youtube, Google* para pesquisas em geral, imagens, etc, para sua prática pedagógica.

Segundo Demo (2000), o futuro da educação estará na teleducação, no sentido preciso de que parte dela será virtual naturalmente. Ultimamente, as entidades públicas buscam introduzir na escola a antena parabólica e o computador, com êxito dúbio, já que não se trata propriamente de programas educativos tanto quanto de programas de compra de serviços e materiais.

O que mais tem faltado são professores habilitados a lidar com tais artefatos. Sem sombra de dúvida, o fator extrínseco de aprendizagem mais decisivo é o professor, insubstituível no processo reconstrutivo político (DEMO, 2000). Segundo o autor, todos os outros fatores – livro didático, currículo, biblioteca e videoteca, merenda, ambiente escolar – são relevantes, mas dependem intrinsecamente do desempenho e compromisso do professor. Assim, novas tecnologias, ao contrário de colocar em xeque o professor, o valorizam ainda mais, embora certamente em outra direção que não seja a tradicional (DEMO, 2000).

Mas não é só isso. As condições de trabalho dos professores não são muito satisfatórias quanto ao salário, horas livres disponíveis, estrutura da escola em relação a materiais, comunidade escolar, etc.

O governo Estadual hoje oferece cursos de formação continuada a professores de escolas da rede pública, mas nem todos têm tempo para se dedicarem, por causa da carga horária lotada, e conseqüente cansaço para chegar em casa e ter que além de todo o dia que lecionou, terem que sentar em frente a um computador e estudar.

Segundo Demo (2000) é aprimorado o lado da informação – sempre relevante – deixando-se de lado a formação. Segundo ele, toda população que sabe pensar tem por trás de si professores que sabem pensar. O “barateamento” da formação do professor inicial, em vez de facilitar o acesso ao saber pensar, faz parte da estratégia clássica de imbecilização (DEMO, 2000).

A utilização das novas tecnologias durante as aulas e na construção de material de apoio ao currículo do Estado no conteúdo basquetebol pode propiciar um ambiente virtual de interação entre os professores da rede, criando espaços para discussão, trocas de experiências envolvendo o ensino do basquetebol,

multiplicando as possibilidades de ensino, postagens de aulas e aprendizagem deste conteúdo, sendo uma possibilidade viável como suporte didático.

Assim, neste estudo foram escolhidos quatro temas, dentro do conteúdo Basquetebol, na qual a pesquisadora julgou importante ser trabalhado com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental – ciclo II. Estes quatro temas foram escolhidos de acordo com o tempo que o professor utiliza no bimestre para trabalhar este conteúdo. Como ele utiliza um mês para o conteúdo, o que equivale a quatro aulas, por isso estes quatro temas foram escolhidos.

Os temas que não estão sendo abordados no currículo do Estado de São Paulo de Educação Física, e as propostas de aula para trabalhar estes temas terão as TIC como uma das ferramentas para o ensino, sendo que no final, estas propostas serão postadas no *Facebook* para os professores consultarem quando acharem necessário.

De acordo com Mattar (2013), pesquisas realizadas avaliando o *Facebook* mostram ser um método mais efetivo e eficiente para discussões dos temas das aulas, por ser um canal de comunicação mais aberto, sendo preferível meio de comunicação entre alunos e professores.

Isso posto, neste trabalho há algumas questões para se refletir: Quais as dificuldades que os professores têm no ensino do basquetebol na perspectiva da cultura corporal? Os professores estão preparados para utilizarem as novas tecnologias nas aulas de Educação Física? Quais as dificuldades que os professores têm no uso das TIC? Novas metodologias para o ensino do basquetebol os ajudariam? O *Facebook* pode ser uma ferramenta para se disponibilizar propostas de aulas?

Assim, o presente estudo buscou discutir possibilidades de respostas a algumas destas questões. Para isso, foi realizado um mapeamento com os professores sobre as dificuldades de dois professores de Educação Física da rede pública estadual do município de Rio Claro/SP, mais especificamente professores do 7º ano do Ensino Fundamental – Ciclo II, em relação ao ensino do conteúdo Basquetebol na perspectiva da cultura corporal e os conhecimentos desses professores em relação ao uso das TIC. Em seguida, foi elaborado e implementado um material didático do conteúdo Basquetebol, complementar ao currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. Ao final, este material de apoio foi

disponibilizado no grupo criado no *Facebook* e os professores avaliaram as suas possibilidades junto a estes dois professores.

### 1.1 Objetivos

Os objetivos do estudo foram: 1) Mapear as dificuldades de dois professores de Educação Física do 7º ano do Ensino Fundamental – ciclo II, da rede pública de uma cidade no interior de São Paulo em relação ao ensino do conteúdo Basquetebol na perspectiva da cultura corporal e em relação ao uso das TIC; 2) Elaborar e implementar um material didático utilizando as TIC para o ensino do Basquetebol, complementar ao currículo de Educação Física do Estado de São Paulo; 3) Disponibilizar este material no grupo criado no *Facebook* e avaliar as suas possibilidades, junto aos dois professores.

## 2. A Educação Física Escolar

De acordo com Soares et al. (1992), a influência do esporte no sistema escolar foi tão grande que se passou a ter não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indicava a subordinação da Educação Física aos sentidos da instituição esportiva, o caracterizando na escola como um prolongamento dessa instituição: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses sentidos podem ser resumidos em princípio de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (SOARES; TAFFAREL; VARJAL; CASTELLANI FILHO, 1992).

Outras concepções do esporte podem ser observadas nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, os quais serviram para organizar novamente a Educação Física escolar. Esses princípios são destacados também no âmbito da pedagogia tecnicista muito difundida no Brasil na década de 1970, onde os pressupostos dessa pedagogia originavam da concepção de neutralidade científica e reforçaram os princípios mencionados no âmbito mais geral do processo de trabalho escolar, fazendo-o objetivo e racional. Exemplo disso na Educação Física escolar é a divisão das turmas por sexo, respaldada inclusive pela legislação específica, o Decreto nº 69.450/71 (SOARES; TAFFAREL; VARJAL; CASTELLANI FILHO, 1992).

No basquetebol, essas características eram evidentes devido à própria lógica interna deste jogo, muitas vezes compreendido como sendo apenas técnico e mecânico, que visava apenas o alto-rendimento e a produtividade, sendo que aprender a técnica não é ruim, mas sim abranger os outros aspectos. Para Rodrigues (2009) o basquetebol durante esse período era o segundo esporte mais praticado no Brasil, com a seleção masculina nacional sendo bicampeã Mundial no qual o primeiro título conquistado em 1959, no Chile e o segundo conquistado em 1963, no Brasil.

Na década de 1980, a Educação Física escolar passa por uma série de transformações em suas bases epistemológicas, principalmente no que corresponde às perspectivas de pesquisas acadêmicas da área. Nesta época, estava acontecendo a redemocratização do país por meio das “Diretas Já” e vários

aspectos influenciaram a Educação Física, havendo um relativo aumento de publicações diversificadas, baseadas por diferentes teorias políticas e ideológicas, bem como encontros e debates entre profissionais e acadêmicos de várias vertentes da Educação Física e a ida ao exterior de professores para cursar pós-graduações trazendo novas concepções para a área (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Assim, surgem novas abordagens na Educação Física escolar em oposição à vertente tecnicista, esportivista e biologista inspiradas no novo momento histórico social do país, com o objetivo de romper com os modelos anteriores. Como exemplos, podemos citar as abordagens Crítico-superadora, Desenvolvimentista, Construtivista, Humanista, Fenomenológica, Psicomotricidade, Cultural, Saúde renovada, dentre outras (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

É preciso considerar que há diferenças nas concepções dessas abordagens, umas partindo de um referencial teórico mais crítico, outras pautadas na área do comportamento motor, na construção do conhecimento, em referenciais da psicologia, etc. Em algumas dessas abordagens, o conceito de cultura corporal está presente, com diferentes denominações, como cultura corporal de movimento, cultura de movimento, cultura física, entre outras.

A cultura corporal envolve a relação do corpo e da sociedade, configurando-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo da vida e da história fazendo com que o corpo se modifique constantemente criando novos sentidos e significados mediante experiências que vão ocorrendo. Neste sentido, o corpo humano ao se encontrar com o mundo em que vive, cria movimentos e, ao mover-se, cria sentidos (BETTI, 2007).

Para Soares et al. (1992, p. 50), a Educação Física na perspectiva da cultura tem características bem diferenciadas das tendências esportivistas uma vez que eles a definem como uma “prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

Para Betti (2009, p. 64), que usa a denominação cultura corporal de movimento, a Educação Física pode ser definida como uma disciplina que tem por objetivo proporcionar aos alunos a adaptação crítica, formando cidadãos que possam “usufruir, compartilhar, produzir e transformar as formas culturais do

exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas/ expressivas, lutas/ artes marciais, práticas alternativas”.

Cultura corporal de movimento também é a denominação utilizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/BRASIL, 1998, p. 26), que entendem a Educação Física como componente curricular, podendo ser compreendida como uma área que trata deste tipo de conhecimento e que tem como temas “o jogo, a ginástica, o esporte, as lutas, a dança, a capoeira e outras temáticas”.

Pretende-se neste estudo, por meio da contextualização descrita anteriormente, propor alternativas pedagógicas para o ensino do basquetebol na escola pautadas na perspectiva da cultura corporal, utilizando metodologias diferentes da concepção esportivista.

### *2.1 Educação Física e currículo do Estado de São Paulo*

Currículo é a expressão de tudo o que existe na cultura científica, artística e humanista, transposto para uma situação de aprendizagem e ensino (SEE/SÃO PAULO, 2008). Neste sentido todas as atividades da escola são curriculares, ou não serão justificáveis no contexto escolar (SEE/ SÃO PAULO, 2008).

De acordo com o mesmo órgão, a proposta curricular do estado de São Paulo surgiu em 2008, envolvendo vários setores da instituição escolar com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino público estadual, formar cidadãos e jovens autônomos, desenvolver principalmente as competências da leitura e da escrita, para assim prepará-los à sua ação cidadã e inseri-la no mundo de trabalho e na sua vida.

A proposta foi elaborada a partir dos conhecimentos, sistematizações, publicações e experiências que resultaram em boas práticas nas escolas da rede estadual, dando base ao trabalho do professor que, muitas vezes, possui dificuldade em como sistematizar seus conteúdos, além de apresentar conteúdos que eram poucos tratados nesta disciplina.

A finalidade da Educação Física neste currículo está dentro de uma perspectiva cultural que deve ser repensada, com a correspondente transformação em sua ação educativa. A transformação a que se refere “não pretende negar a

tradição da área construída pelos professores, mas ampliar e qualificar suas possibilidades de atuação” (SEE/ SÃO PAULO, 2008), priorizando a cultura dos alunos e as práticas corporais atreladas a eles.

Nesse sentido, a proposta curricular afirma que a Educação Física trata da cultura relacionada aos aspectos corporais, que se expressa de diversas formas – cultura corporal - dentre as quais os jogos, a ginástica, as danças e atividades rítmicas, as lutas e os esportes, que são os eixos de conteúdos selecionados, sistematizados e tratados pedagogicamente no ensino fundamental II e no ensino médio.

O conceito muito presente no currículo é do “Se movimentar” (KUNZ, 1991). O “Se”, propositadamente colocado antes do verbo, segundo os autores da proposta, enfatiza o fato de que o sujeito (aluno) é autor dos próprios movimentos, que estão carregados de suas emoções, desejos e possibilidades, não resultando apenas de referências externas, como por exemplo, as técnicas esportivas (SEE/ SÃO PAULO, 2010).

Assim, no processo de ensino-aprendizagem devem ser considerados os significados que a comunidade escolar atribui às práticas corporais, ressaltando as experiências dos alunos juntamente com a comunidade escolar a qual ele está inserido, tendo o professor como peça fundamental para mediar e qualificar os conhecimentos.

O currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2009), trata o basquetebol no conteúdo de “Esporte – modalidade coletiva: basquetebol” inserido no 7º ano do ensino fundamental – ciclo II, além de ser abordado em pequena escala no sexto ano com o tema Jogo e Esporte trabalhando a cooperação e a competição, e princípios gerais do esporte coletivo. No oitavo ano trás como possibilidade uma modalidade que pode ser escolhida pela turma enfatizando sistemas táticos (ataque, defesa, proteção do alvo, etc.) e no 9º ano trata o tema de organização esportiva ou campeonato.

O material do 7º ano apresenta uma breve introdução histórica sobre esta modalidade, os seus fundamentos, propõe pesquisas, lições para casa, curiosidades, desafios, algumas regras do jogo e tópico para ampliação do conhecimento tratado no capítulo (SÃO PAULO, 2009).



**Quadro 1.** Distribuição do conteúdo Basquetebol ao longo dos anos (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental – ciclo II).

| <b>6º ano</b>  | <b>7º ano</b>   | <b>8º ano</b>  | <b>9º ano</b>                                     |
|--|---|--|---|
| <b>1º bimestre</b>                                   | <b>2º bimestre</b>  | <b>2º bimestre</b>   | <b>4º bimestre</b>                                |
| <b>Jogo e esporte:</b><br>competição e<br>cooperação | <b>Tema 1:</b><br><b>Esporte –<br/>modalidade<br/>coletiva:</b><br>basquetebol:<br>história, regras,<br>fundamentos,<br>sistemas táticos<br><b>Tema 2:</b><br><b>Organismo<br/>humano,<br/>movimento e<br/>saúde:</b><br>capacidades<br>físicas e<br>aplicações no<br>basquetebol | <b>Esporte -</b><br>Modalidade<br>esportiva coletiva<br>a escolher | <b>Esporte -</b><br>Organização de<br>campeonatos |

Fonte: Elaborado pela autora

É evidente que há maior destaque oferecido às práticas esportivas ao longo do currículo, que além de possuírem mais espaço em termos de conteúdo, apresentam os seus objetivos mais ampliados e esclarecidos. Por exemplo, o primeiro tema abordado no bimestre é o Jogo e Esporte. Inicialmente já se encontra um texto introdutório associando o esporte ao conceito do “Se movimentar”, além disso, o currículo fornece diversas sugestões de atividades, bem como estratégias de ação e propostas de discussão para o professor.

O material trata também de alguns elementos técnicos. Outro fator que merece destaque referem-se às imagens que se encontram em maior quantidade, retratando técnicas e materiais.

Neste sentido, com o avanço tecnológico e com a inserção das TIC no contexto escolar, pode ser uma alternativa efetiva propor aos professores de Educação Física possibilidades de aulas sobre o basquetebol, complementares ao currículo, como por exemplo, tratar dos valores, da presença da mulher na modalidade e ética no esporte. A partir disto, construir e elaborar um material tratando destes conteúdos, utilizando algumas TIC para este ensino e disponibilizá-lo via grupo na rede social *Facebook* com o intuito de auxiliá-los na sua prática pedagógica, compartilhando experiências e vivências em suas aulas.

Assim, estas propostas foram novas, com o objetivo de motivar os alunos durante as aulas e de complementar ao que contém no currículo sobre o ensino do basquetebol.

### 3. Basquetebol

Este capítulo será destinado a apresentar e discutir a história do basquetebol, sua trajetória e características buscando refletir sobre suas nuances e relações com o conteúdo da Educação Física escolar, na perspectiva da cultura corporal e as novas propostas de ensino.

#### 3.1 História e suas características<sup>1</sup>

Em 1891 o professor canadense James Naismith recebeu um desafio do diretor do Colégio de Springfield, Massachusetts que era criar um jogo que fosse motivante, dinâmico, envolvente, não violento, e que em virtude do rigoroso inverno da região, pudesse ser praticado em ambiente fechado, pois os campos e as quadras esportivas estavam cobertas de neve, mas que pudesse também ser praticado no verão em áreas abertas.

Refletindo bastante, chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com algum grau de dificuldade. O jogo deveria ser realizado com uma bola, maior que a de futebol, que quicasse com regularidade. Naismith decidiu então que o jogo deveria ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida por muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas de lances.

Naismith então pensou em um alvo, dois cestos utilizados na colheita de pêssegos, pendurou-os no ginásio a 3,05m de altura, onde imaginava que nenhum jogador da defesa seria capaz de parar a bola que fosse arremessada para o alvo. Tamaña altura também dava certo grau de dificuldade ao jogo, como Naismith desejava desde o início (GALATTI, 2002). No início deve ter sido bem difícil, pois toda a vez que alguém fazia cesta era preciso utilizar uma escada para recuperar a bola. Depois de um tempo, alguém teve a ideia de cortar o fundo do cesto.

Assim, ele explicou a dinâmica do jogo, expôs algumas regras e deu início ao que, futuramente, se tornaria uma das mais fascinantes modalidades esportivas da atualidade. Em 1936, nos Jogos Olímpicos de Berlim, James Naismith ergueu a bola

---

<sup>1</sup>Algumas informações referentes à modalidade foram retiradas do *site* <http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/HistoriaOficial>, acessado dia 15 de maio de 2015

para abertura da primeira partida oficial de basquetebol em Olimpíadas, que curiosamente, foi disputada em quadra aberta. O jogo se disseminou rapidamente pelo mundo, tornando-se hoje mais divulgado e praticado (FERREIRA; GALATTI; PAES, 2005). Surge assim o basquetebol. Um esporte imprevisível e surpreendente.

No Brasil, a modalidade foi trazida pelo professor de artes norte-americano Augusto Shaw, em 1894, quando veio dar aula no tradicional Colégio Mackenzie, se disseminando para vários Estados brasileiros. A primeira equipe a ser montada foi no clube América Futebol Clube, do Rio de Janeiro, e os principais ídolos brasileiros foram Oscar Schmidt (maior recordista mundial de pontuação), Hortência Marcari (maior pontuadora da seleção brasileira de basquetebol) e Paula ou Magic Paula (em referência ao jogador americano Magic Johnson - considerada uma das melhores jogadoras de basquetebol de todos os tempos).

O basquetebol faz parte de um grande rol de esportes, denominados de coletivos, que juntamente com o voleibol, futebol, futsal, handebol, softball, rugby entre outros, é reconhecido como um fenômeno cultural de múltiplas manifestações, ou seja, um fenômeno plural que pode ocorrer em diversos contextos de prática (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Várias são as caracterizações da modalidade ao longo do tempo. Daiuto (1983) cita que esta modalidade é uma sucessão de esforços intensos e breves, realizados em ritmos diferentes. É um conjunto de corridas, saltos e lançamentos. Para Ferreira e De Rose (1987), o basquetebol é constituído por uma soma de habilidades que, unidas, compõem o jogo, cada uma dessas, isoladamente, constitui uma unidade significativa e total em si mesma.

Ao analisar a lógica interna desse esporte é possível compreender, devido à necessidade de cooperar com os companheiros para marcar cestas, que o basquetebol é 'coletivo', tendo lógica de funcionamento e o objetivo que é invadir o espaço defendido pelo adversário para marcar ponto, sendo denominado um esporte de invasão (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

Esta modalidade é jogada por duas equipes de cinco jogadores cada uma, e seu objetivo é jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe se apodere dela ou faça pontos, podendo a bola ser passada, arremessada, batida por tapas, driblada ou rolada em qualquer direção, respeitando as restrições impostas pelas regras do jogo (CBB, 2014). Para isso, existem princípios ofensivos,

defensivos e de transição, que para a prática ser estabelecida, existe um conjunto de habilidades técnico-táticas realizadas pelos jogadores, com a finalidade de alcançar os objetivos do jogo. Essas ações técnico-táticas são denominadas de fundamentos (controle de corpo, manipulação de bola, passe/recepção, drible, arremesso e rebote) e ações táticas (fintas, infiltrações, corta-luz, recuperação defensiva e marcação) (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Segundo González et al. (2014), o basquetebol se caracteriza pela necessidade constante de resolução de problemas, nas mais diversas situações durante o jogo, tratando-se de um rápido processo cognitivo em que o jogador precisa perceber todas as informações relevantes para sua ação, escolher o que fazer entre as várias opções existentes e, por fim, executar os movimentos para solucionar as dificuldades de forma proficiente naquele momento específico. O que torna esse processo mais interessante é pensar que ele ocorre rapidamente, às vezes em menos de um segundo (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

O basquetebol se constitui como um jogo coletivo dinâmico e complexo, que exige de seus praticantes habilidades motoras básicas e específicas; capacidades físicas; as múltiplas competências, como a cooperação, estratégias, tomadas de decisão, respeito com as regras, com os colegas de equipe e com os adversários; além de um domínio mínimo da sua lógica técnico-tática e de tantas outras características presentes em todas as modalidades coletivas.

### *3.2 Basquetebol na cultura corporal e nas dimensões do conteúdo*

O basquetebol integra o rol de práticas que compõem a cultura corporal, e para tanto, é reconhecido como um dos conteúdos da Educação Física escolar (presente como tema no conteúdo de Esporte), juntamente com os jogos, danças, lutas e ginásticas.

No currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2009), o conteúdo do basquetebol é inserido no 7º ano do ensino fundamental – ciclo II, além de, em pequena escala, aborda no sexto ano com o tema Jogo e Esporte trabalhando a cooperação e a competição, e princípios gerais do esporte coletivo, no oitavo ano como uma modalidade que pode ser escolhida pela turma enfatizando sistemas táticos (ataque, defesa, proteção do alvo, e etc.) e no 9º ano o tema de organização

esportiva. Os temas são enfocados a partir da concepção teórica da disciplina, fundamentada nos conceitos de cultura corporal e “Se-movimentar” (aluno é autor de seus movimentos) (SÃO PAULO, 2009).

O basquetebol não se resume apenas ao basquetebol profissional. A vivência desse esporte também atravessa outros ambientes com objetivos bastante diversificados, como o lazer, busca por saúde, apreciação do espetáculo, um campo de conhecimento, entre outras.

Esta modalidade esportiva se propagou de diversas maneiras, podendo ocorrer em diversos contextos de prática, com diferentes sentidos e significados, como o esporte amador, escolar, para pessoas com necessidades especiais e na iniciação esportiva. No caso dos iniciantes, o esporte profissional pode estimular a prática, servindo de forma lúdica para o entretenimento e para o incentivo, dependendo da intervenção do professor.

Segundo Rodrigues e Darido (2012) há diversas possibilidades de prática e apreciação da modalidade, podendo citar a escola, o clube, o basquetebol de rua, o basquetebol de cadeira de rodas, as diversas manifestações sobre o basquetebol e até mesmo filmes sobre este esporte.

Todas essas manifestações compõem a cultura desse esporte. Trata-se de um rico patrimônio cultural produzido pela humanidade e é indispensável preservar e apresentar às novas gerações, sendo a escola o ambiente ideal para o ensino-aprendizagem da modalidade (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

Para o professor/treinador é indispensável ter conhecimentos técnicos (conhecer minimamente o esporte, a dinâmica do jogo, suas regras, os movimentos mais característicos), além de dispor de conhecimentos didático-pedagógicos (como organizar a aula, selecionar os conteúdos, avaliar os alunos, solucionar problemas de aprendizagem, resolver conflitos etc.) (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) apresentam que ao ensinar esporte na escola, em consonância com o conceito de educação e ensino destacados, devemos atentar às condutas pedagógicas, de modo a possibilitar condições favoráveis para que o ato de jogar seja sentido e gere significado ao jogo realizado e ao aluno que está presente no processo de ensino-aprendizagem, não mais reduzindo o ensino de esportes à transmissão de conhecimentos prontos ou

imitações de gestos esportivos, em que o aluno seja apenas um receptor passivo, acrítico e ingênuo.

Ensinar esportes deve ser entendido como uma prática pedagógica desenvolvida dentro de um processo de ensino-aprendizagem que leve em conta o sujeito/ aluno, criando possibilidades para a construção de conhecimentos que extrapolem os limites da quadra, do campo e das intenções e tensões que a sociedade, direto ou indiretamente, atrela ao ensino do esporte e as suas consequências (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014).

Segundo Ferreira, Galatti e Paes (2005), é comum que técnicos e professores preparem suas aulas de iniciação esportiva com o mesmo conteúdo aplicado aos profissionais; com isso, consequências negativas são acarretadas, pois provoca cobranças e pressões em busca de vitórias, especialização precoce em detrimento da experimentação motora e diversificação de estímulos cognitivos, afetivos e sociais, e stress, levando ao desinteresse pelo esporte.

Neste contexto, entendemos que o aluno não precisa aprender apenas elementos específicos do basquetebol para jogar, como fundamentos de passe, arremesso, drible, e sim que vivencie e compreenda estes elementos por meio de jogos e brincadeiras. Isto se deve ao interesse que a criança tem em jogar, experimentando o jogo, se sociabilizando com outras crianças e desenvolvendo suas habilidades motoras que são muito importantes para o decorrer de seu desenvolvimento, desde que elas estejam atreladas à concepção de cultura corporal.

Paes (1997) cita em seu trabalho que o esporte será mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e poder de iniciativa. Neste sentido, Reverdito e Scaglia (2009) enfatizam a importância dos jogos/brincadeiras na vida do aluno como um fator determinante à capacidade de jogo, pois o aluno não deve ser incentivado apenas a alcançar patamares almejados e espelhados no alto rendimento esportivo, e sim proporcionar a ele capacidade em solucionar problemas próprios e comuns ao ambiente do jogo, realizando de maneira eficiente as diversas situações.

É importante que o aluno seja o sujeito de um processo e leve em consideração a modalidade como um todo, participando dos aspectos técnicos, táticos, mas não deixar que isto seja o principal para seu aprendizado. Ferreira,

Galatti e Paes. (2005), apontam que o professor deve utilizar princípios pedagógicos que englobem todos os aspectos (valores, ideias, fundamentos técnicos), que se inter-relacionam, e que faça parte do processo ensino-aprendizagem, facilitando a compreensão do jogo por parte do aluno.

Deste contexto, faz parte conhecer a técnica do jogo (fundamentos), a fim de aplica-las (ofensiva e defensiva) que deve dar espaço para manifestações individuais, mas conscientes de sua importância para o coletivo; assim, o fazer não estará desvinculado das razões do fazer (GALATTI, 2002).

Contudo, para uma melhor compreensão do conteúdo Basquetebol por parte dos alunos, há uma reivindicação frequente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados importantes além dos fatos e conceitos, mostrar-se solidário com os colegas, respeitar e valorizar os outros e não discriminar as pessoas.

Atualmente, estes conhecimentos são dados como conteúdos, classificados por Zabala (1998) em dimensão conceitual, dimensão procedimental e dimensão atitudinal que serão tratados a seguir.

Para começo de discussão, faz-se necessário entender um pouco sobre o que é conteúdo. Coll et al. (2000) definem conteúdo como uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta etc., cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada ao aluno. Assim, conteúdos formam a base objetiva da instrução - conhecimentos sistematizados referidos aos objetivos e viabilizados pelos métodos de transmissão e assimilação (DARIDO, 2005).

Segundo a mesma autora, o fato é que o termo conteúdo foi, e ainda é utilizado para expressar o que se deve aprender, em uma relação quase que exclusiva aos conhecimentos das disciplinas referentes a nomes, conceitos e princípios.

De acordo com Coll et al. (2000) há uma reivindicação frequente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados importantes além dos fatos e conceitos, como por exemplo, estratégias ou habilidades para resolver problemas, utilizar os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas, saber trabalhar em equipe, mostrar-se



solidário com os colegas, respeitar e valorizar o trabalho dos outros, não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade, tamanho ou outro tipo de características individuais.

Portanto, se forem construídas associações entre as situações de jogo e as situações cotidianas na vida das crianças participantes, a construção e transformação de valores positivos para o convívio em grupo serão facilitadas e naturais ao processo de ensino-aprendizagem do basquetebol, estimulando relações construtivas no ambiente esportivo e fora dele. Assim, além de ensinar o basquetebol, tem que se ensinar através dele (GALATTI, 2002).

Mas, não podemos esquecer que um dos principais motivos pelo qual deveríamos nos preocupar em ensinar o basquetebol na escola diz respeito à cultura corporal, que faz-se necessário para compreendê-lo como patrimônio cultural com o objetivo de preservá-lo, transmiti-lo e transformá-lo nas várias perspectivas da modalidade, como saúde, lazer, apreciação crítica (seja pela mídia, seja presente no ambiente do jogo), desempenho atlético e estética (aumento da autoestima) (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

Segundo Daólio (2004) as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural e expressam significados próprios em contextos específicos. No basquetebol isto não é diferente, uma vez que ele foi construído, é utilizado por muitos e continua sendo transformado pela sociedade (DAOLIO, 2004).

Atualmente, há uma tentativa, de acordo com Zabala (1998), de ampliar o conceito de conteúdo e passar a referenciá-lo como tudo quanto se tem de aprender, que não apenas abrangem as capacidades cognitivas, como inclui as demais capacidades.

Os conhecimentos são dados como conteúdos, classificados por Zabala (1998) em dimensão conceitual (o que deve saber?), dimensão procedimental (como deve ser feito?) e dimensão atitudinal (como deve ser?).

Na Educação Física, em particular, priorizou-se ao longo da história os conhecimentos na dimensão procedimental, e não o saber sobre a cultura corporal ou como se relacionar nas manifestações dessa cultura, ou ainda os valores e atitudes relacionados a esta cultura (DARIDO; RANGEL, 2005).

Na mesma perspectiva, como já foi descrito anteriormente, é possível que o aluno, além de conhecer os fundamentos da modalidade, possa também aprender a

conviver com a vitória/derrota e respeitar as regras. É interessante conhecer também o basquetebol historicamente e perceber suas transformações ao longo do tempo.

No ensino do basquetebol a ênfase na dimensão procedimental é evidente. No entanto é possível aplicar a modalidade nas outras dimensões como é citado em Rodrigues (2009) que acentua o ensino do basquetebol na dimensão conceitual, na qual corresponde aos conhecimentos e informações que possibilitam ao praticante uma visão melhor sobre esta modalidade permitindo a compreensão dos motivos, objetivos e finalidades em praticá-lo, conhecimentos relativos ao condicionamento físico, à influência da mídia, às lesões e formas de preveni-las, ao histórico e evolução da modalidade, às regras, entre outros exemplos que possibilitem ao aluno saber sobre o basquetebol.

Já na dimensão atitudinal, podem ser trabalhados os padrões e regras de comportamento, princípios e ideias que permitam juízo de valor sobre condutas sociais. Assim, temas como o uso de anabolizantes, a exclusão dos menos habilidosos, o espaço reservado às mulheres, a modificação e/ou adequação às regras, a luta por espaços de prática são importantes na maneira como o aluno vai conceber e relacionar-se com e no esporte (RODRIGUES, 2009).

Os conteúdos não devem ser ensinados e aprendidos pelos alunos apenas na dimensão do saber fazer, mas devem incluir um saber sobre esses conteúdos e um saber ser e se relacionar, de tal modo que possa efetivamente garantir a formação cidadã (GONZÁLEZ; BRACHT; CAPARROZ; FENSTERSEIFER, 2014). Segundo os autores, na prática concreta de aula, isso significa que o aluno deve aprender a dançar carimbó, jogar queimada, futebol de casais ou basquetebol e, juntamente com esses conhecimentos e vivências, deve aprender quais os benefícios de tais práticas, porque se pratica tais manifestações da cultura corporal hoje, quais as relações dessas atividades com a produção da mídia televisiva, imprensa, dentre outras.

Dessa forma, mais do que exclusivamente ensinar a fazer, o objetivo é que os alunos obtenham informações contextualizadas, da mesma forma que aprendam a ser e a se relacionarem com os colegas, centradas nessa perspectiva.

Neste sentido, para tratar o basquetebol na perspectiva da cultura corporal, é necessário englobar conceitos, ideias, fatos, princípios, regras, habilidades

cognitivas, habilidades motoras, convivência social, valores e atitudes no âmbito educacional.

### 3.2 Basquetebol e as novas propostas de ensino

O esporte, como expressão de cultura, é um fator de desenvolvimento humano e é uma das manifestações mais difundidas em todo o mundo, seja para a prática cotidiana ou para a espetacularização. É um patrimônio cultural da humanidade que deve ser compreendido como uma manifestação social, presente em nossa cultura, em todas as fases da vida, e considerado como um fenômeno de múltiplas possibilidades, o qual pode ser acessível a todo cidadão, e não restrito a uma pequena parcela da população (MARQUES, 2001).

No início do século XX, a Educação Física brasileira se consolidou como componente curricular, entre os defensores da ginástica e os adeptos do esporte como meio adequado de educação física. Neste período, na qual predominava a prática da ginástica, e os próprios métodos ginásticos contemplavam a atividade atlético-esportiva, como era o caso do método francês, adotado oficialmente pelo exército brasileiro e estendido às escolas por força de lei em 1931 (GONZÁLEZ; BRACHT; CAPARROZ; FENSTERSEIFER, 2014).

A partir dos anos 1940 e 1950 do século XX, é consolidada como a manifestação hegemônica da cultura corporal, o que significa que a modalidade de prática corporal mais presente na vida cotidiana das pessoas é o esporte, sendo a única manifestação da cultura corporal presente nas aulas de Educação Física (GONZÁLEZ; BRACHT; CAPARROZ; FENSTERSEIFER, 2014).

Os autores explicitam que no Brasil, houve um grande desenvolvimento do esporte no contexto escolar, e este processo se deu em dois momentos distintos: o primeiro, precariamente, no início do século XX até as décadas de 1950 e 1960, em que o esporte aparece como um *meio* educativo, tornando-se uma disciplina; e o segundo momento, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, em que o esporte caracteriza-se sofre uma crescente subordinação da Educação Física escolar ao esporte, surgindo o termo *esportivização* da Educação Física e as aulas tendo como objetivo iniciar os alunos nos esportes de maneira a estimular para o esporte de alto rendimento.

Com isso, de acordo com Tubino (1975 apud GONZÁLEZ; BRACHT; CAPARROZ; FENSTERSEIFER, 2014), duas correntes se debatiam, a dogmática (esporte como *meio* educativo) e a pragmática (formar futuros esportistas de alto rendimento). Embora a Educação Física escolar tenha transitado nessas duas correntes por muitos anos, na prática ainda predomina a corrente pragmática, na qual o ensino é pautado no caráter de reprodução de movimentos, ou seja, tecnicista.

Após inúmeras críticas a esse modelo, alguns professores ainda, não compreendendo esta proposta, acabaram excluindo o conteúdo esportivo e, assim, o ensino de suas técnicas e táticas (COSTA, 2012). As tentativas para superar os problemas da abordagem tradicional, também denominada tecnicista (ao se referir ao ensino do esporte), principalmente das ações de ensino descontextualizadas. No entanto, a crítica em relação a esta perspectiva refere-se à falta de contextualização, ou seja, o aluno, na maioria das vezes, não consegue aplicar o que aprende, pois não sabe por que está aprendendo (COSTA, 2012).

Neste sentido, novas propostas pedagógicas tanto da Educação Física escolar quanto da pedagogia do esporte surgem para combater o ensino apenas na perspectiva tradicional e atrelar este processo com a concepção de cultura corporal, no qual o esporte não deve ser abordado somente de maneira procedimental, enfatizando-se o saber fazer e ressaltando a técnica, mas sim estimulando o aluno a entender o conteúdo e a complexidade do jogo, tornando-se criativo e sujeito ativo do processo.

Para isso, nada como iniciar estas discussões e vivências na escola, já que o esporte é um patrimônio produzido pela humanidade e que deve ser transmitido às gerações futuras, local/espço este onde as crianças começam a se formar enquanto futuros cidadãos e a se socializarem com outras pessoas.

Para isso, ensinar esporte não é uma tarefa fácil, o que exige indiscutivelmente a presença do professor, os seus conhecimentos técnicos, sendo mínimos, além de apresentar conhecimentos didático-pedagógicos sobre a modalidade, processo que já faz parte de seu planejamento e organização (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

A escola, como gestora de ambientes de aprendizagem, preconizando o ensino dos conhecimentos elaborados e construídos ao longo da história da

humanidade e traduzindo-se em aumento de conhecimento, ressignificação, autonomia e liberdade, tem como objetivo a obrigação de ensinar.

Ao ensinar, tem-se o comprometimento de formar. Formar o cidadão que, para se superar e ser sujeito histórico no mundo, necessita desenvolver sua criticidade, adquirir autonomia moral, assumir conscientemente sua liberdade de expressão, e sua capacidade de refletir (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014). Contudo, este cidadão/aluno, não será mais aquele que simplesmente se adapta ao mundo do jeito que está, mas se insere, fazendo parte, deixando sua marca na história e na sociedade na qual está presente.

Scaglia et. al. (2014), cita que ensinar é fator decisivo e fundamental para a construção da humanidade; e para ensinar, não precisa ser um especialista no assunto, precisa apenas conhecer o conteúdo em específico e perceber o quê, para quem e por que ensiná-lo.

Mas de onde vem a expressão pedagogia do esporte?

A pedagogia é a ciência que tem como objeto de estudo a educação, o processo de ensino e aprendizagem, uma reflexão de todo o contexto que envolve a ação educativa, integrando uma intervenção comprometida, intencional, dirigida e organizada, ciente de suas responsabilidades educacionais (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014). Entre as áreas de conhecimento que tomaram o esporte como objeto de estudo e intervenção, a Pedagogia contribuiu de forma significativa, respondendo a problemática educativa inerente às práticas esportivas.

Neste sentido, a Pedagogia do Esporte tem como objeto de estudo e intervenção do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, acumulando conhecimento significativo a respeito da organização, sistematização, aplicação e avaliação das práticas esportivas nas suas diversas manifestações e sentidos (GALATTI; REVERDITO; SCAGLIA; PAES; SEOANE, 2014).

Assim, Bento (1999) aborda a Pedagogia com a missão de educar, considerando e construindo a cultura e o contexto, ou seja, considerando o homem um ser pensante e crítico. Para o autor, “educar” constitui o objeto do pedagogo e o tema da pedagogia.

Neste sentido, como a pedagogia leva à construção de conhecimentos, por meio do ensino-aprendizagem, é certo que quando o conteúdo é esporte, é

necessário antes de tudo pedagogizá-lo. Segundo os autores Scaglia et. al. (2014), a pedagogia do esporte tem como objetivo educar o ser humano *no e pelo* esporte, tendo suas intencionalidades pedagógicas, com intuito de assumir a responsabilidade de realizar nos sujeitos a formação humana.

Garganta (1995) considera o jogador/aluno como sujeito que já possui uma representação da atividade, considerado detentor de conhecimento, e constrói suas habilidades conforme ele explora e entende as circunstâncias do jogo. Estes procedimentos estão pautados na dinâmica e na finalidade do jogo, a partir das relações de cooperação e oposição, individuais e coletivas.

Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) explicitam que a aprendizagem do jogo conduz-se a partir da compreensão dos princípios dele e sua própria lógica na elaboração de ações táticas frente ao caráter situacional do jogo. O aluno, assim, torna-se ativo do processo criando estratégias para resolver conflitos, jogadas, regras, espaço, ou seja, questões referentes ao jogo.

Galatti (2002), em seu estudo, cita que há dois princípios relativamente resistentes e expressivos na metodologia de jogos: o analítico-sintético e o global-funcional. O método analítico-sintético se caracteriza por apresentar cursos de exercícios ou, esporadicamente, jogos, os quais partem de elementos especiais (técnicos, táticos ou condicionais dos jogos), reunindo-os, pouco a pouco em conexões maiores (síntese), recolhendo, posteriormente as partes, em conjuntos lógicos; e o global funcional baseia-se em jogos de menor complexidade que o formal, mais lúdicos e adequados à faixa etária do iniciante e que envolvam técnica, tática e regras (GALATTI, 2002). A autora tem seu estudo voltado para esportes coletivos, no qual o basquetebol faz parte, conteúdo no qual é pautado esta pesquisa.

Galatti (2002) deixa claro em seu estudo que não existe o melhor método, já que os valores, a intencionalidade e outros pontos ligados a intersubjetividade do técnico. Sua equipe de trabalho, alunos, atletas e demais componentes do sistema é que vão determinar quais elementos de cada princípio metodológico é mais adequado em cada proposta de acordo com cada turma com a qual trabalha.

Costa (2012) entende que deve se ensinar o porquê e quando realizar determinado gesto técnico ou fundamento. Vários são os métodos para se ensinar isso, dentre eles o Modelo Desenvolvimentista (ensino das habilidades no contexto

do jogo), Modelo de Abordagem Progressiva do Jogo (ensino do esporte a partir de progressões de ensino) e Método Situacional (estruturas funcionais que se iniciam a partir das ações do jogo). Segundo a autora, o objetivo do ensino dos esportes é desenvolver a inteligência tática para que seja estimulada a tomada de decisão por parte dos alunos, ou seja, o que fazer, por que fazer e quando fazer determinado movimento (COSTA, 2012).

É necessário que o professor trace os objetivos a serem atingidos e tenha clara sua linha (filosofia) de trabalho, para que possa existir coerência e continuidade (GALATTI, 2002; RODRIGUES; DARIDO, 2012).

Assim, pretende-se que as Situações de Aprendizagem possibilitem que os alunos diversifiquem, sistematizem e aprofundem suas experiências do Se-Movimentar no âmbito das culturas lúdica, esportiva e gímnica, tanto para proporcionar novas experiências de se movimentar, permitindo-lhes estabelecer novas significações, como ressignificar experiências já vivenciadas (SÃO PAULO, 2009).

Como outra proposta para o ensino do esporte, o Ministério do Esporte, em parceria com o Ministério da Educação, na perspectiva do Programa Mais Educação, ampliou o Programa Segundo Tempo para promover o acesso ao esporte, tendo como foco de intervenção a Educação Básica (BRASIL, 2010).

O principal foco é o fortalecimento de hábitos e valores que incrementem a formação da cidadania com o intuito de ampliar o Sistema Nacional de Esporte, para a formação de atletas de alto rendimento. Tem como objetivo também, oportunizar o acesso à prática esportiva a todos os alunos das Escolas Públicas da Educação Básica, iniciando o atendimento com as escolas que participam do Programa Mais Educação.

Em 2014 foi lançado o material que atende aos princípios básicos do esporte educacional que são totalidade, coeducação, emancipação, participação, cooperação e regionalismo na escola, para subsidiar os profissionais envolvidos com o ensino do esporte. Esta coleção transcende a ideia de atender apenas aos envolvidos com os programas e projetos da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social – SNEELIS do Ministério do Esporte (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

Trata-se de uma contribuição a todos que se interessam e atuam com o Esporte Educacional. A coleção chama-se “Práticas corporais e organização do conhecimento”. É uma coleção de quatro volumes, sendo que o volume 1 apresenta Esportes de invasão – Basquetebol em um dos capítulos.

Este capítulo possui características e histórico da modalidade, alguns elementos de desempenho esportivos do basquetebol, mapa de conhecimentos táticos, orientações didáticas, espaços e materiais e um campeonato a ser organizado pelos alunos.

O desafio maior tem sido a busca continuada no desenvolvimento de materiais pedagógicos que se aproximem das realidades que temos em nosso país, principalmente nas escolas (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

Estes temas abordados não são muito diferentes do que é retratado na proposta curricular do Estado; a diferença é que esta proposta contém planos de aula mais completos, abordando as três dimensões do conteúdo com orientações didáticas mais detalhadas para o professor, e é um material que pode subsidiar de forma ampliada as práticas e discussões sobre o esporte educacional em todas as regiões do país.

Sendo assim, não se pode deixar de lado esta proposta nas escolas. É preciso inseri-lo em todas as redes de ensino para que a prática esportiva propicie a ampliação do acervo da cultura corporal das crianças e adolescentes, mantendo a ludicidade e a formação humana como pontos cruciais na vida dos alunos.



#### 4. Educação e tecnologia

A palavra tecnologia é um termo bastante abrangente que envolve entre outros, o conhecimento técnico-científico e as ferramentas, processos e materiais criados e/ou utilizados a partir de tal conhecimento.

O homem, desde a pré-história, vem fazendo uso das tecnologias. Muitos utensílios e ferramentas foram criados em todas as épocas da existência humana. Sabiamente, o homem registrou sua história mediante aos símbolos iconográficos nos quais mostrou como viviam, caçavam, pescavam e como eram seus rituais e suas danças (KENSKI, 2003a; MARCONDES FILHO, 1988,1994).

A história também registra que, desde o período Paleolítico (conhecido como a Idade da Pedra Lascada) até o período Neolítico (conhecido como a Idade da Pedra Polida), em que eles organizavam-se em clãs e aldeias. Foi um período que marcou profundamente o relacionamento entre o homem e a natureza, em virtude de sua intervenção na mesma. Nesses períodos, desenvolveram a agricultura, domesticaram os animais e os instrumentos eram fabricados com a pedra polida, melhorando muito o corte. Com o passar do tempo, os homens foram evoluindo socialmente e suas ferramentas foram aperfeiçoadas (ALTOÉ; SILVA, 2005).

As pessoas, em seus grupos sociais, foram criando culturas específicas e diferenciadas que foram constituindo-se em conhecimentos, maneiras peculiares e técnicas particulares de fazer as coisas; conseqüentemente, consolidaram as culturas e os costumes, crenças, hábitos sociais que foram sendo transmitidos às gerações (KENSKI, 2003a). Neste sentido, verificamos que as tecnologias estão presentes em todos os lugares e em todas as atividades que realizamos.

Segundo Kawamura (1990), a tecnologia consiste no saber (conhecimentos científicos aplicados à produção) historicamente acumulado através da apropriação sistemática dos conhecimentos intrínsecos à própria prática do trabalho.

Sancho (1998) relata que no campo educativo, a história da tecnologia se desenvolveu nos Estados Unidos a partir da década de 1940 e que ela foi utilizada visando formar especialistas militares durante a Segunda Guerra Mundial e, para alcançar tal objetivo, foram desenvolvidos cursos com o auxílio de ferramentas audiovisuais.

Segundo a mesma autora, como matéria no currículo escolar, a tecnologia educacional surgiu nos estudos de educação Audiovisual da Universidade de Indiana, em 1946. O uso dos meios audiovisuais com um intuito formativo constituiu o primeiro campo específico da tecnologia educativa e desde então tem sido uma área permanente de investigações (SANCHO, 1998).

De acordo com Sancho (1998), as transformações causadas por esses estudos foram imprescindíveis, sobretudo como novos paradigmas de aprendizagem que muito influenciaram o desenvolvimento da tecnologia educacional como disciplina dos currículos pedagógicos.

Na década de 1960, houve grande avanço no desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no âmbito social. A "revolução eletrônica", sustentada em um primeiro momento pelo rádio e pela televisão, foi fundamental para que houvesse uma revisão de inigualável importância aos padrões de comunicação empregados até então. Esse desenvolvimento influenciou a vida cotidiana de milhares de pessoas, tanto "nos costumes sociais, na maneira de fazer política, na economia, no marketing, na informação jornalística como também na educação" (DE PABLOS, 1998, p. 52).

A década de 1970 foi o marco inicial do desenvolvimento da informática, com o emprego de computadores utilizados para fins educativos. Assim, foram enfatizadas, principalmente, as aplicações com o ensino assistido por computador (EAC), e nos Estados Unidos se realizaram experiências com o objetivo de mostrar como a utilização dos computadores no ensino poderia ser eficaz e mais econômica (CASTELLS, 2000).

Com isso, o âmbito educacional conta, hoje, com um universo de possibilidades de utilização das novas tecnologias. O aluno possui as ferramentas principais para esta mudança e já chegam conectados nos mais modernos aparelhos tecnológicos junto às câmeras digitais, redes sociais, telefones celulares conectados à internet.

Atualmente, com a inserção das mídias na escola, muitos professores estão buscando cursos que ensinam e aperfeiçoam o uso de tecnologias, bem como cursos oferecidos pelas secretarias de ensino como formação continuada para assim implementarem de vez as novas tecnologias no campo educacional.

Mas existem várias dificuldades de inserção de TIC nas escolas. A infraestrutura impede na maioria das vezes o uso destas TIC, pois a sala fica sempre ocupada, os equipamentos são velhos e estragam com facilidade; os professores reclamam da falta de tempo de preparar o material e para frequentar os cursos de capacitação devido sua alta carga horária de trabalho, muitos não sabem utilizar tais mídias; por fim, os professores sentem falta de um professor responsável pelo laboratório que possa os auxiliar nas atividades.

Há de se considerar também quem é o professor de hoje não tem boas condições de trabalho, como estrutura física e material; remuneração é baixa e seu trabalho é desvalorizado socialmente; não são nativos digitais, portanto precisam de cursos para aprender a utilizar as TIC e ainda a aproveitar o potencial pedagógico de cada uma destas; não têm tempo para frequentar tais cursos, pois muitos têm jornada longa de trabalho, além da casa e família; encontram vários problemas no ambiente escolar como a desmotivação e desinteresse dos alunos pelas aulas (FERREIRA, 2014).

Assim, as novas tecnologias e mídias eletrônicas consolidam-se na atualidade como uma linguagem prazerosa e sedutora para os alunos e professores, desenvolvendo formas sofisticadas de comunicação e interação, devendo fazer parte da prática pedagógica (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2011).

Estudos sobre a utilização de redes sociais na educação vêm sendo realizados atualmente e em grande escala (MATTAR, 2013; DIAS; COUTO, 2011; RIBAS; ZIVIANI, 2008). Enquanto o uso de e-mail tem caído entre os alunos, a comunicação por redes sociais tem aumentado, sendo considerado recurso predileto como ferramenta de ensino para os alunos (MATTAR, 2013). Segundo o autor, sites de redes sociais são plataformas em que pessoas têm perfis, estabelecem amizades e compartilham informações e interesses. O *Orkut* foi, durante alguns anos, a rede social mais utilizada entre as pessoas e hoje superada pelo *Facebook*.

Sendo assim, acredita-se que o *Facebook* possa ser uma ferramenta interessante, na qual será utilizada para disponibilizar o material construído e elaborado pela pesquisadora com conteúdos de basquetebol complementar ao currículo do Estado de São Paulo, para que os professores o utilizarem durante sua prática pedagógica como um apoio de modo a ampliar os seus conhecimentos e de seus alunos.

#### 4.1 Novas tecnologias na Educação e na Educação Física

O processo de modernização tecnológica no Brasil está presente desde meados da década de 1950, intensificando-se com o golpe militar de 1964, em que a internacionalização do mercado interno, da política e da cultura começam a receber maiores estímulos (KAWAMURA, 1990). As tecnologias se disseminaram por todos os centros desenvolvidos e aos poucos foram sendo inseridas nas regiões mais afastadas desses grandes centros.

Na educação as tecnologias são inseridas anos mais tarde. Segundo Kawamura (1990), o interesse do governo pela informatização da educação é expresso por meio do I Seminário Nacional de Informática na Educação, promovido pelo Ministério da Educação (MEC), pela Secretaria Especial de Informática (SEI), e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), em 1982.

É evidente que nos dias de hoje há a necessidade de iniciativas de implementação de propostas didático-pedagógicas que considerem as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) para a Educação de modo geral e em específico para a Educação Física, importantes para a melhora da qualidade de ensino (BETTI, 1998; SANCHO, 1998; KENSKI, 2008; MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2011; GUIMARÃES, 2011).

Atualmente, as escolas estão se adaptando e inserindo de maneira gradativa as TIC em sala de aula. Para Guimarães (2011), o uso da tecnologia na Educação é responsável pela melhor aprendizagem dos alunos, desde que elas sejam empregadas e utilizadas de maneira que permitam a eles desenvolverem estas aprendizagens. Para ela, a discussão está pautada em como utilizar as TIC da melhor forma, pois “não adianta trocar o caderno por *notebook* ou tablet, sem ter estratégias e conteúdo para usá-los” (GUIMARÃES, 2011, p. 83).

Nas aulas de Educação Física não é diferente. Poucos professores as utilizam como mais uma ferramenta de ensino em suas aulas, apresentando vídeos, imagens, discutindo o que sai na mídia, etc. Na Educação Física a implementação das TIC ainda não possui estratégias efetivamente empregadas na prática pedagógica (BIANCHI; PIRES, 2010; SILVA; PIRES, 2010). Neste sentido, as novas tecnologias apresentam informações ricas e diversificadas de modo muito atrativo,

sobretudo relacionando aos diferentes conteúdos da cultura corporal com as tecnologias (SOUZA DE SENA, 2011).

Acredita-se que iniciativas de inclusão digital possibilitem a melhora da autoestima dos estudantes, da autonomia e assim possibilitam o desenvolvimento de diferentes competências por meio de atividades interdisciplinares (OLIVEIRA; LUDWIG; FINCO, 2011).

As novas tecnologias e mídias eletrônicas consolidam-se na atualidade como uma linguagem prazerosa e sedutora para os alunos, desenvolvendo formas sofisticadas de comunicação e interação, devendo fazer parte da prática pedagógica (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2011). Porém, para atingir tal objetivo faz-se necessário que os professores tenham o mínimo de noções básicas em relação às novas tecnologias associadas à educação.

Segundo Darido (2002), a utilização de vídeos, filmes, documentários e reportagens especiais são ótimos recursos para aulas de Educação Física, desde que sejam utilizados com alguns cuidados. Para estabelecer a relação entre esta tecnologia e o tema abordado em aula o professor deve assistir ao vídeo antes de trabalhá-lo em aula, para que possa destacar algum aspecto relevante; estabelecer um roteiro de observações selecionando momentos mais marcantes que poderão ser reproduzidos novamente; antecedendo o vídeo, o professor deve informar aos alunos a respeito dos aspectos a serem observados, podendo facilitar a assimilação e compreensão dos objetivos, tendo maior aceitação e o cumprimento dos objetivos das aulas por parte dos alunos.

Betti (2001) afirma que “a cultura corporal, senão no plano da prática ativa, ao menos no plano do consumo de informações e imagens, tornou-se publicamente partilhada na sociedade contemporânea” (p. 125). Neste sentido, é inevitável que se construam possibilidades para a Educação Física, uma vez que isto poderia significar maiores interações aluno/professor por meio da troca de informações, otimizando o aprendizado e tornando-o mais significativo.

Escolas equipadas com computadores e acesso à internet e professores egressos de cursos básicos de informática educativa não têm sido suficientes para que se integrem os recursos digitais e as práticas pedagógicas. Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados

pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar (FREITAS, 2010).

Há muitos professores que possuem dificuldades de manipulação dessas tecnologias, devido à sua formação inicial e à sua geração profissional, mas também há muitos professores que já dominam as TIC, como por exemplo, já acessam redes sociais como forma de interagirem com o corpo docente, alunos e público em geral.

Embora dê um destaque maior à necessidade de formação aos professores para lidar com as TIC em sala de aula, seria interessante refletir sobre algumas de suas possibilidades de utilização como mais uma opção de formação continuada. Os professores poderiam encontrar em uma plataforma digital conhecimentos complementares, estratégias diferenciadas, novas informações, bem como, uma fonte segura de pesquisa (DINIZ, 2014).

Ginciene (2012) desenvolveu em sua pesquisa de mestrado um banco de dados acerca da prova de 100 metros rasos do atletismo. O autor reuniu na plataforma Moodle um vasto corpo de conhecimento acerca desta prova, agregando em um mesmo espaço virtual, sites, jogos, vídeos, blogs e redes sociais. Desta forma, o professor passou a possuir em uma única fonte de pesquisa um amplo apanhado sobre a prova dos 100 metros rasos, com dados sobre a história, técnicas, regras, bem como alguns atletas desta modalidade.

Percebe-se, no entanto, que alguns professores não aproveitam de forma significativa este espaço de formação, realizando os cursos desta natureza apenas para obtenção de certificados. Neste sentido, Diniz (2014) diz ser necessária a criação de outros espaços virtuais, em que os professores possam consultar quando sentirem necessidade de explorar e aprimorar conhecimentos diversos, sem a intenção direta de fazer um curso específico.

Portanto, as novas tecnologias de informação e comunicação permitem a busca contínua de informações de forma mais simplificada e ágil, multiplicando as possibilidades de acesso e contato com referências bibliográficas atualizadas e globalizadas.

#### *4.2 As redes sociais na Educação e na Educação Física*

A utilização de redes sociais na educação vem crescendo consideravelmente. Como um exemplo de rede social, o *Facebook* que é um site e serviço de redes social que foi lançada em 4 de fevereiro de 2004, pelo universitário Mark Zuckerberg, operado e de propriedade privada da *Facebook Inc*, tinha como principal objetivo ser um espaço de conexão entre os estudantes da universidade de Harvard (ELDON, 2008).

Devido ao enorme sucesso entre os universitários daquela instituição, rapidamente se expandiu para outros estados norteamericanos até ser a rede social mais acessada no mundo. De acordo com dados fornecidos pelo *Facebook*, mais de 75% dos usuários da rede estão fora dos Estados Unidos e há mais de 70 idiomas disponíveis no site (ELDON, 2008). Segundo o autor, os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos, trocar mensagens, criar grupos, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil.

A popularização das redes sociais, como o *Facebook*, veio reforçar o contexto das novas formas de relações e comunicação, o que se alia recentemente à intensa propagação de novos instrumentos de comunicação (TAVARES; DE PAULA; DE PAULA, 2013). Segundo eles, além dos softwares que dão base para as redes sociais virtuais, o crescente uso de smartphones e tablets tem permitido o acesso instantâneo à internet, o que dinamiza ainda mais a comunicação e interações das pessoas.

Este contexto também influencia o campo da educação, pois há a incorporação de novas formas de se realizar os processos de ensino, mesmo que tal mudança ocorra como forma de complementar as relações de sala de aula do presencialmente.

Duarte (2008) define rede social como uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns. Uma das fundamentais características na definição das redes é a sua abertura e fácil acesso, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes (DUARTE, 2008).

Tais redes se referem às novas formas de sociabilidade e de relacionamentos sociais a partir de ambientes virtuais – ciberespaço -, diferentes da dinâmica e dos

objetivos das redes desenvolvidas nos ambientes reais (TAVARES; DE PAULA; DE PAULA, 2013).

Neste sentido, algumas pessoas demonstram uma necessidade de se integrar a grupos sociais específicos, seja objetivando interesses comuns ou mesmo pela identificação com estes grupos e os indivíduos que os formam. A identificação e inserção em redes sociais, em especial por meio do ambiente virtual proporcionado pela internet, permitem a criação de espaços e condições de comunicação (CASTELLS, 2000).

Para Lévy (1999), a rede social virtual é estruturada de acordo com os conhecimentos e interesses mútuos de seus integrantes/participantes em um processo pautado por trocas e cooperação, sem necessitar exclusivamente de uma proximidade geográfica e institucional entre os integrantes.

Tavares et al. (2013) explica que as redes sociais virtuais são possíveis a partir dos ciberespaços - espaço existente no mundo de comunicação em que não é necessária a presença física para constituir a comunicação como fonte de relacionamento -, originados do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), da Web 2.0 e de recursos computacionais disponíveis, destacando-se os e-mails e seus grupos, chats e, em especial, os softwares sociais.

Algumas redes sociais online podem operar em diferentes níveis, como, por exemplo, redes de relacionamentos (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Google+*, *MySpace*, *Badoo*), redes profissionais (*Linkedin*), redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades) e redes políticas.

Contudo, vários agentes e setores na sociedade têm se servido destas redes, tais como setores públicos e de negócios de diferentes naturezas, movimentos sociais e culturais, e, em especial, a educação e os sistemas de ensino (MACHADO; TIJIBOY, 2005). Estas redes não apenas possibilitam a interação, encontro de pessoas e desenvolvimento de relações sociais, mas se destacam por permitirem a criação de espaços de aprendizado coletivo, bem como de trocas de conhecimento e experiências de forma coletiva (MACHADO; TIJIBOY, 2005).

Minhoto (2012) apresenta em seu estudo que *Facebook* se mostra como uma possibilidade com maior interatividade e de participação. Ela argumenta que a familiaridade dos alunos com o ambiente deste software social diminui a curva de aprendizagem das ferramentas, o que facilita a utilização e estimula a participação,



sendo que a utilização de uma plataforma onde o período de aprendizagem é mais longo constitui, frequentemente, um fator de desmotivação de uma utilização rotineira.

A implementação e a utilização dessa ferramenta pelos professores e alunos pode ser uma alternativa válida na construção de conhecimento e manipulação das novas tecnologias auxiliando o professor na sua prática pedagógica e interação com seus alunos, colegas de profissão e comunidade escolar. No *Facebook* podem ser postados vídeos, nesses vídeos pode haver comentários, pode ser postadas notícias, trabalhos, imagens, e tudo isso pode ser utilizado a favor e de maneira efetiva no processo de ensino-aprendizagem e na formação continuada dos professores.

Portanto, as novas tecnologias podem auxiliar o professor tanto no processo de ensino-aprendizagem, como também compartilhando e trocando experiências com outros colegas de profissão.

A escola tem a responsabilidade de ensinar seus alunos de modo a torná-los cidadãos críticos e reflexivos, produtores de conhecimento e autônomos, e as novas tecnologias são meios para este processo. Neste sentido, é necessário saber utilizá-las de modo a contribuir no processo de ensino-aprendizagem e na formação social e crítica dos alunos.

Sendo assim, discussões das tecnologias dentro da Educação Física são necessárias, para que se criem maiores espaços para problematizar o conteúdo da área, inclusive o basquetebol, proporcionando ao professor mais ferramentas que o auxiliem na sua prática pedagógica e na consulta por outros materiais de apoio.

#### *4.3 Tecnologias e a formação dos professores*

A formação dos professores é primordial para a incorporação efetiva das TIC no ambiente escolar. Segundo Valente (2010) esta formação deve preparar o professor para construir conhecimento, identificar as potencialidades de cada aluno, dominar a área de conhecimento que atua e incluir as TIC nestes processos.

A atual conjuntura da sociedade exige do professor outras formas de dedicação à aprendizagem, que precisam ser contínuas e de qualidade, visto que o formador possui um papel fundamental na mediação entre o conhecimento

culturalmente produzido pela humanidade e os alunos (DINIZ, 2014). Entretanto, o professor encontra inúmeras dificuldades para incluir as ferramentas tecnológicas no contexto de aprendizagem.

Ferreira (2014) cita que os professores estão sendo pressionados pelos programas do governo e pelos alunos que cada vez mais aparecem com aparelhos tecnológicos na escola e também estão desmotivados com o modelo de aula vigente, fatos que exigem uma preparação (que não ocorre) para o trabalho com as TIC. A saída de alguns professores é utilizá-las sem muita reflexão, que segundo Belloni (2005) é o escape da maioria dos professores.

Os professores atualmente não têm boas condições de trabalho, não possuem uma estrutura física e materiais adequados, sua remuneração é baixa e seu trabalho é desvalorizado socialmente. Os professores não são nativos digitais<sup>2</sup>, e sim imigrantes digitais, portanto precisam de cursos para aprender a utilizar as TIC; não têm tempo para frequentar tais cursos, pois muitos têm jornada dupla, tripla, casa, filhos, família; encontram vários problemas no ambiente escolar como a desmotivação e desinteresse dos alunos pelas aulas; entre outras características específicas dos professores de cada contexto (BELLONI, 2005; CHANAN; NASCIMENTO; CHANAN, 2006; SILVA, 2011).

Para Masetto (2011) mesmo que as condições estruturais fossem proporcionadas ao professor, ainda assim seria difícil mobilizá-lo para incorporar as TIC em sua prática pedagógica. Para o autor, o conforto disponibilizado no tradicional papel de transmissão de saberes, deveria a partir de então, sofrer mudanças no planejamento, nas estratégias didáticas e métodos, o que não é uma tarefa fácil.

Para Sancho (2006) uma das principais dificuldades para transformar os contextos de ensino com a incorporação das tecnologias está na concepção de que a escola possui sua centralidade no professor, destacando-se que existem outros elementos que precisam ser considerados neste debate.

Em dados percentuais, Silva (2011) apresenta que os professores têm pouco acesso a tecnologia e a cultura, segundo os dados “mais de 40% dos entrevistados

---

<sup>2</sup> O conceito de *nativos digitais* foi cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001) para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores. Já *imigrantes digitais* é utilizado para definir as gerações anteriores, que viram essas tecnologias se desenvolverem, se solidificarem e se incluírem em seu cotidiano.

foram no máximo uma vez a museus, 23,5% leem jornal somente uma ou duas vezes por semana, 58,4% nunca usam a internet e 59,5% não têm correio eletrônico. A maioria (74,3%) tem como principal forma de lazer a televisão” (p. 540).

Melo e Branco (2011) apresentam que 75% dos professores de Educação Física entrevistados em sua pesquisa possuem internet em sua residência. Do total 41,6% disseram utilizar tecnologias nas aulas, 33,3% às vezes e 25,5% não utilizam. Os professores utilizam mais estes recursos para ensinar o conteúdo do esporte (33%), depois a dança e os jogos e brincadeiras (20%) e por último no ensino das ginásticas e das lutas (11%) (MELO; BRANCO, 2011). A dificuldade mais encontrada por 70% dos professores é referente à falta de tempo de preparar as aulas, além da motivação e da falta de conhecimento do manuseio dos equipamentos.

Estes autores lembram que muitos dos que atuam inclusive seus entrevistados, não possuíam contato com as TIC durante sua graduação, tendo aulas expositivas e unidirecionais. Neste caso, a formação continuada dos professores de Educação Física, bem como reformulação do currículo dos cursos de formação inicial para que estes possam utilizar as TIC de maneira efetiva nas aulas, é necessária e apoiada.

Já os professores, que estão ainda em formação, não possuem disciplinas na grade que os ajudem a lidar com as TIC no processo pedagógico; poucos professores do ensino superior empregam as TIC em aula, quando usam é como um instrumento em métodos tradicionais (sem reflexão, criticidade e criatividade) (FERREIRA, 2014).

Para Freitas (2010) os professores e os alunos devem ser formados para se apropriarem “crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente” (p. 340).

Para tanto, é preciso que os professores formados e os que estão em formação conheçam muito bem o conteúdo que ensinam e quais objetivos desejam atingir para visualizarem como as TIC podem auxiliá-los na construção e ressignificação dos conhecimentos referentes a cada conteúdo.

Neste sentido, há muitas maneiras do professor investir na sua formação continuada. Há o Portal do professor, criado pelo MEC no qual os próprios professores podem enviar sua experiência, disponibilizando exemplos de aulas,

conteúdos multimídias e cursos e materiais disponíveis para aprimoramento, entre outros materiais; há cursos *online* oferecidos pela Secretaria do Estado de São Paulo; as Universidades estão oferecendo cursos específicos sobre as TIC para os professores (Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, bem como criando Programas de Pós Graduação com linhas específicas dessa temática, como a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e a Universidade Estadual Paulista - UNESP, entre outras) (FERREIRA, 2014).

Atualmente há congressos específicos também que tratam das TIC no âmbito escolar como Congresso Brasileiro em Informática na Educação; Congresso Iberoamericano de Ciência, Inovação, Educação e Tecnologia; Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, enfim, várias são possibilidades que o professor pode recorrer para sua formação, seja na graduação quanto na continuada.

Entretanto, mesmo sabendo dos problemas e dificuldades da inserção da tecnologia na educação, este estudo utilizará em sua proposta, algumas possibilidades de ensino do basquetebol utilizando as TIC, e estas possibilidades serão fornecidas e compartilhadas pelos professores de Educação Física que participarão do estudo. As possibilidades apresentadas serão executadas em aulas de Educação Física, no 7º ano do ensino fundamental – ciclo II.

## 5. Metodologia

### 5.1 Descrição da metodologia

Este trabalho foi desenvolvido em três etapas distintas. Na primeira etapa foi realizado um mapeamento das dificuldades de dois professores de Educação Física da rede pública estadual do município de Rio Claro/SP, em relação ao ensino do conteúdo Basquetebol na perspectiva da cultura corporal e os conhecimentos desses professores em relação ao uso das TIC para o ensino do mesmo.

A segunda etapa da pesquisa foi caracterizada pela construção, elaboração e implementação do material didático com propostas de prática pedagógica complementares ao currículo de Educação Física do Estado de São Paulo, a partir dos conteúdos que não foram encontrados no currículo, das dificuldades que foram observadas durante as aulas de Educação Física desses professores e a partir da entrevista realizada pela pesquisadora. Neste material foram utilizadas algumas tecnologias e as propostas de aulas foram baseadas na perspectiva da cultura corporal.

Na terceira e última etapa este material de apoio foi disponibilizado no grupo<sup>3</sup> criado no *Facebook* chamado “Basquetebol e TIC na escola” e os professores avaliaram as possibilidades deste material em suas aulas por meio de comentários e interação no grupo. Ao final da pesquisa, os professores avaliaram o impacto do material proposto por meio de uma entrevista, gravada em áudio, e na utilização das TIC, em particular do *Facebook*.

Este conteúdo está presente no 7º ano do ensino fundamental – ciclo II. Este nível de ensino foi selecionado, visto que, de acordo com a sistematização dos conteúdos apresentada pelo currículo, o 7º ano é o primeiro momento em que o basquetebol é tratado em todas suas perspectivas.

---

<sup>3</sup> *Grupos* são espaços online em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos, sendo possível criar grupos abertos, privados, e fechados, o que ajuda a preservar a privacidade de seus membros e dos temas discutidos (MATTAR, 2013).

Este estudo é de natureza qualitativa e descritiva (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) visando descrever e decodificar os diversos significados e componentes da realidade, bem como expressar os diferentes sentidos dos fenômenos sociais (MAANEN, 1979).

A pesquisa qualitativa possibilita o contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando o processo em detrimento do produto (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Segundo as autoras, há algumas características básicas deste tipo de investigação: o ambiente natural se constitui como fonte direta de dados em que o pesquisador é o seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; e a análise dos dados possui uma tendência indutiva.

Cabe salientar que o presente estudo, foi encaminhado e aprovado pelo o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, cujo número do parecer é 1.012.738, do dia 14 de abril de 2015. Assim, todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo devidamente instruídos para o preenchimento, possuindo todas as suas responsabilidades e direitos oficializados neste documento.

#### 5.1.1 Seleção dos professores

Primeiramente, houve o contato com a direção da escola e com os respectivos professores para a entrega da carta de apresentação do projeto explicando os objetivos do estudo. Após a permissão da direção e a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos professores, deu-se o início à pesquisa, sendo posteriormente adicionados e inseridos no grupo na rede social *Facebook*.

A pesquisa foi realizada com dois professores do 7º ano do ensino fundamental – Ciclo II, de duas escolas públicas estaduais da cidade de Rio Claro, SP, que trabalham com o Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo.

Estes professores foram escolhidos pelo interesse que eles têm com a intervenção pedagógica de nossos projetos de trabalhos na Universidade, pelo interesse em avaliar o material proposto, considerando sua relação direta com o basquetebol e que se disponibilizaram a contribuir com a interação no grupo criado

no *Facebook*. Fatores como sexo, idade ou tempo de atuação não foram determinantes para a inserção ou não no estudo.

A seguir, a pesquisadora construiu um quadro (Quadro 2) que resume as três etapas realizadas na pesquisa para melhor entendimento inicial dos leitores, antes de descrever as etapas de modo mais detalhado, com seus respectivos meses de implementação do estudo.

**Quadro 2.** Resumo das três etapas realizadas na pesquisa

|   |  | <b>QUANDO</b>   |
|---|--|---|
| <p><b><u>PRIMEIRA ETAPA</u></b><br/>Levantamento das dificuldades dos professores em relação ao ensino do Basquetebol e uso das TIC</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Contato com a escola e com os dois professores participantes;</li> <li>- Observação das aulas dos professores;</li> <li>- 1ª entrevista com os dois professores.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Abril;</li> <li>- Maio e Junho;</li> <li>- Agosto</li> </ul> |
| <p><b><u>SEGUNDA ETAPA</u></b><br/>Elaboração e implementação do material didático</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração do material didático;</li> <li>- Implementação das aulas</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Agosto</li> <li>- Setembro e Outubro</li> </ul>              |
| <p><b><u>TERCEIRA ETAPA</u></b><br/>Postagem e avaliação do material didático no <i>Facebook</i></p>                                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Postagem das aulas no <i>Facebook</i>;</li> <li>- Interação no <i>Facebook</i>;</li> <li>- 2ª entrevista com os professores participantes</li> </ul>                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Setembro;</li> <li>- Outubro;</li> <li>- Novembro</li> </ul> |

Fonte: Elaborado pela autora

### 5.2 Primeira etapa: Levantamento das dificuldades dos professores em relação ao ensino do basquetebol e o uso das TIC.

O conceito muito presente no currículo é do “Se movimentar” (KUNZ, 1991). O “Se”, propositadamente colocado antes do verbo, enfatiza o fato de que o sujeito (aluno) é autor dos próprios movimentos, que estão carregados de suas emoções, desejos e possibilidades, não resultando apenas de referências externas, como as técnicas esportivas, por exemplo, (SEE/ SÃO PAULO, 2010). No entanto, estamos nos referindo ao movimento próprio de cada aluno, sendo que o aluno pode gostar de movimentar-se em certo contexto, mas não em outro, embora os movimentos/gestos possam ser os mesmos.

Assim, muitos professores ainda com resquícios do período esportivista, possuem dificuldades em trabalhar o basquetebol em uma perspectiva crítica e reflexiva, voltada à cultura corporal, a qual o aluno é considerado como sujeito ativo do processo e as dimensões conceituais e atitudinais são tão mais importante quanto a abordagem procedimental.

Neste sentido, foram entrevistados dois professores do 7º ano do ensino fundamental – Ciclo II para conhecer as dificuldades que alguns possuem de abordar o basquetebol nesta perspectiva. Nesta entrevista também esteve contida questões sobre a utilização das TIC em sua prática pedagógica, bem como suas dificuldades em empregá-las na vida e no cotidiano escolar. As entrevistas foram feitas após as observações da pesquisadora das aulas dos professores.

### 5.2.1 Observação das aulas

A pesquisadora observou as aulas dos dois professores participantes durante dois meses. Foram 16 aulas observadas (2 aulas duplas por semana), uma vez por semana, sendo 8 aulas de outros conteúdos como atletismo e depois, 8 aulas mas especificamente de basquetebol.

### 5.2.2 Primeira entrevista semiestruturada

Depois que os participantes aceitaram fazerem parte do estudo, a primeira entrevista semiestruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) foi realizada. Nesta entrevista tiveram perguntas sobre as principais dificuldades apresentadas pelos professores acerca do basquetebol, bem como sobre a relação que eles possuem com as TIC.

Este momento se fez necessário para que possíveis adaptações fossem realizadas na proposta desenvolvida na pesquisa, para mapear algumas limitações que os professores encontrassem ao explorar esta plataforma, ou ainda, pontuar a opinião deles a respeito das TIC no contexto educacional.

A entrevista semiestruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) foi selecionada como instrumento de pesquisa, visto que possibilita maior interação entre pesquisador e participante, bem como, viabiliza respostas mais completas por meio de um diálogo dinâmico.



Thomas et al. (2007) dizem que este tipo de entrevista valoriza a presença do pesquisador que parte de questionamentos básicos, permitindo que o entrevistado se expresse com liberdade e espontaneidade por meio de interrogativas mais profundas, na mesma linha de pensamento, que propiciem uma maior verbalização do mesmo. Além disso, o entrevistador deve ter flexibilidade para reformular as perguntas quando necessário utilizando palavras claras e compreensíveis e acima de tudo ser um bom ouvinte (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

Cervo e Bervian (2002) afirmam que para a realização de uma entrevista é importante desenvolver previamente planejamentos, procurar conhecer realidade dos entrevistados, e criar uma situação discreta para o desenvolvimento da mesma.

Segue o roteiro da primeira entrevista, o qual contribuiu com a extração de informações importantes e específicas para a pesquisa.

***Roteiro inicial para a entrevista com o professor antes da intervenção***

- 1- Como são suas aulas de basquetebol? Descreva uma aula, por favor.
- 2- O que você acha da proposta de basquetebol no currículo do Estado de São Paulo?
- 3- Você considera difícil trabalhar em sala de aula o conteúdo basquetebol?
- 4- Você conhece as novas propostas do ensino do esporte na perspectiva da cultura corporal?
- 5- Você utiliza algum tipo de tecnologia na sua casa? E na escola? Se sim, qual (s)?
- 6- Você já utilizou ou utiliza algum tipo de tecnologia no ensino do Esporte? E do basquetebol?
- 7- Dê exemplo de uma aula que você tenha dado de basquetebol.
- 8- Durante sua formação inicial, você teve alguma disciplina sobre tecnologia ou aprendeu algo sobre o uso e importância?
- 9- Você já fez algum curso de preparação para o uso de tecnologia?
- 10- Quais ferramentas tecnológicas você domina?
- 11- A sua escola possui ferramentas tecnológicas para ajudá-lo nas aulas? Dê exemplos.

12- A direção, coordenação e corpo docente apoia o uso de ferramentas tecnológicas na sua escola como computadores, celulares, jogos digitais, etc? Dê exemplos.

13- Possui perfil no *Facebook*? Para que você usa o *Facebook*? Dê exemplos.

14- Acha possível utilizar o *Facebook* ao ensino do basquetebol? Como?

### 5.3 Segunda etapa: *Elaboração e implementação do material didático*

A partir dos dados encontrados na análise documental do currículo e das dificuldades encontradas dos professores, foi elaborado um material didático complementar com conteúdos de basquetebol que foi disponibilizado no grupo “Basquetebol e TIC na escola”. Esta produção foi apoiada principalmente nas limitações que os professores encontraram para tratar este conteúdo nas aulas de Educação Física e empregaram-se tecnologias e possibilidades de ensino do basquetebol na perspectiva da cultura corporal.

Segundo Mattar (2013), *grupos* são espaços online em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos, sendo possível criar grupos abertos, privados, e fechados, o que ajuda a preservar a privacidade de seus membros e dos temas discutidos (MATTAR, 2013).

A perspectiva da cultura corporal tem como objetivo educar o ser humano *no* e *pelo* esporte, tendo suas intencionalidades pedagógicas, com intuito de assumir a responsabilidade de realizar a formação humana.

O *Facebook* foi selecionado como meio digital a ser utilizado com o fim de postar/divulgar as propostas de aula, devido sua facilidade de elaboração e manipulação, possibilitando que o professor acompanhe a produção complementar ao currículo do 7º ano de forma mais dinâmica e veloz, sendo que existe mais vontade de comunicação e motivação entre professores e alunos em utilizar este meio para a prática pedagógica e interatividade (MATTAR, 2013).

Foram desenvolvidas pesquisas em diversas bases de dados para construção do material de apoio sobre basquetebol, contemplando além de textos, outras formas de linguagens como imagens, vídeos, atividades e curiosidades, gerando

maiores possibilidades didáticas para o professor utilizar em sua prática pedagógica. Foi dedicado também a produzir relação das aulas com as TIC.

Foram identificados alguns temas no conteúdo basquetebol que não estavam contidos no Currículo do Estado de São Paulo, como temas que abordem as questões de valores e atitudes. Neste sentido, a pesquisadora propôs aulas com alguns temas na dimensão atitudinal, como mulheres no esporte (gênero), basquetebol em cadeira de rodas (inclusão, preconceito), e temas nas dimensões conceituais e procedimentais, que estão presentes no Currículo, mas não com a inserção das TIC para o ensino dos mesmos.

Após as investigações feitas, os materiais didáticos produzidos foram selecionados, implementados e postados no grupo (Figura 1) a partir das pesquisas e análises da pesquisadora responsável.

As aulas na Escola 1 aconteciam de segunda-feira e quinta-feira, das 13h20 às 14h10 e 12h30 às 13h20, respectivamente. Na Escola 2, as aulas eram uma vez na semana, duplas, de quarta-feira, das 16h10 às 17h50.

#### 5.4 Terceira etapa: Postagem, interação e avaliação do material didático no Facebook proposto e da interatividade entre os professores

**Figura 1** - Grupo fechado de “Basquetebol e TIC na escola”.



Fonte: Elaborado pela autora

Na terceira e última etapa foi realizada a avaliação da interatividade entre os professores, o quanto os professores se ajudaram nas postagens das aulas, o quanto essa interação auxiliou a prática pedagógica e também foi realizada a avaliação do material, que consistiu em refletir sobre os benefícios e limitações desta proposta para o trato do basquetebol nas aulas de Educação Física.

Os professores acessaram o grupo no *Facebook*, explorando e utilizando as ferramentas. Este acesso foi para que eles se atentassem à disposição das informações, a qualidade das mídias reunidas (textos, imagens, vídeos), as propostas de atividades, possibilidades de interatividade, bem como as principais limitações. Lembrando que as propostas de aulas foram construídas a partir da perspectiva da cultura corporal e foram abordadas em uma perspectiva crítica e reflexiva, não se esquecendo das dimensões dos conteúdos (conceitual, procedimental e atitudinal).

Após esta etapa, os professores foram entrevistados novamente para fins avaliativos da proposta e da rede social *Facebook* utilizada como ferramenta para a prática pedagógica e como um meio de troca de experiências pelos professores, proporcionando maior interatividade, verificando se houve ou não interação.

#### 5.4.1 Roteiro da segunda entrevista semiestruturada

Na segunda entrevista, os professores foram questionados sobre o material produzido, considerando suas possibilidades didáticas e as principais limitações em propostas como estas. O roteiro desta entrevista foi o seguinte:

#### ***Roteiro inicial para a entrevista com o professor após a intervenção e para a avaliação da proposta***

- 1- Você encontrou dificuldades em entender as aulas propostas e o que achou das postagens no grupo no *Facebook*?
- 2- Foi fácil o acesso das aulas?
- 3- A interação com outros professores influenciou na sua prática pedagógica? De que forma?

- 4- Você já havia dado algumas dessas aulas durante seu percurso docente? Dê exemplos.
- 5- Você já tinha *Facebook*? Para o que você utilizava? Se não tinha, você teve dificuldades em manipulá-lo?
- 6- Qual sua opinião em utilizar este meio para consultar aulas e interagir com outros professores?
- 7- Quais foram as principais dificuldades e facilidades de utilizar esta ferramenta no seu dia-a-dia enquanto professor?
- 8- As aulas propostas contribuíram para motivação, participação e interação dos alunos?
- 9- Em que sentido este estudo contribuiu para você enquanto professor de Educação Física?
- 10- Você considera viável o *Facebook* como meio didático? Nas suas condições de trabalho, inclusive? Como?

#### 5.5 Análise dos dados

Os dados que foram obtidos por meio das entrevistas e por meio das análises das postagens do *Facebook* foram tratados através da análise de conteúdo (BARDIN, 2009), um instrumento metodológico com o potencial de aplicação a discursos diversos e que visa compreender estruturas e modelos submersos nos fragmentos de mensagem, codificando-as, classificando-as e categorizando-as. A análise de conteúdo será realizada em três fases distintas, que compreendem: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, que diz respeito à inferência e a interpretação (BARDIN, 2009).

## 6. Resultados e discussão

Antes de apresentar os resultados e dar melhor visibilidade às discussões, será feito um resumo de como foram as aulas observadas e suas principais ocorrências. Em seguida, inicia-se a análise e discussão das categorias encontradas na pesquisa.

### 6.1 Descrição do processo: um resumo

Como primeiro objetivo, houve a observação de 16 aulas dos professores participantes. A pesquisadora iniciou a observação das aulas durante outros conteúdos como o atletismo. Em seguida, os professores iniciaram as aulas do conteúdo Basquetebol, que era o conteúdo principal deste estudo para observar. A observação durou dois meses. Além de observar as aulas, a pesquisadora observou também as condições das escolas, materiais, equipamentos tecnológicos, como eram as turmas e como os professores abordavam os conteúdos.

Em seguida foi realizada uma entrevista com estes professores para ter um diagnóstico inicial de como era a relação deles com as TIC, como eram suas aulas, se utilizavam TIC na sua prática pedagógica e as suas opiniões em relação ao Currículo do Estado de São Paulo.

Após isso, a pesquisadora analisou o material do Currículo do Estado de São Paulo, mais especificamente os conteúdos referentes ao Basquetebol e a partir do que não foi encontrado, elaborou um material com quatro aulas, utilizando algumas TIC, como por exemplo, vídeos, redes sociais, ferramentas de pesquisa na internet e celular. Então, a pesquisadora criou um grupo no *Facebook* chamado “Basquetebol e TIC na escola” onde as aulas foram postadas e os dois professores participantes adicionados. A partir daí, começaram a comentar os aspectos pedagógicos no *Facebook*.

A implementação das aulas teve duração de um mês. As aulas já estavam sendo postadas no grupo criado no *Facebook* e já estavam sendo comentadas pelos professores participantes da pesquisa. Em seguida, os professores foram entrevistados novamente e avaliaram o material postado.

## *6.2 Descrição da observação inicial*

A pesquisadora observou as aulas dos dois professores participantes durante dois meses. Foram 16 aulas observadas (2 aulas por semana), uma vez por semana, sendo 8 aulas de outros conteúdos e 8 aulas especificamente de basquetebol. Buscando facilitar a compreensão frente aos dados obtidos nesta pesquisa, antes de discorrer sobre as categorias de análise dos resultados, será apresentada uma síntese acerca dos locais onde o presente estudo foi realizado, bem como as principais práticas pedagógicas desses professores.

### 6.2.1 Apresentação das escolas participantes e suas características

Este estudo foi desenvolvido em duas escolas, sendo uma instituição pública de período Integral e outra pública normal, localizadas no interior do Estado de São Paulo, no município de Rio Claro. Para tanto as características gerais de cada escola serão apresentadas separadamente (Escola 1 – Pública Integral e Escola 2 – Pública Normal), bem como seus respectivos participantes (professores), baseados na observação e no Plano de Trabalho Institucional das escolas.

#### Descrição da Escola 1

A Escola 1, escola de Ensino Integral (Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano), localiza-se próxima a região central do município, em um bairro de classe média, atende alunos em período integral, das 7h00 às 15h20, com aulas de 50 minutos cada.

A escola possui 250 alunos na faixa etária entre 11 e 15 anos, provenientes de famílias de classe média baixa e baixa, e conta com 14 professores. Seu prédio, característico dos anos 50, possui um piso térreo onde fica a secretaria, direção, almoxarifado, coordenação, sala de professores, sanitários dos professores, duas salas de aula, laboratório de ciências (práticas e experiências), sala de multiuso (arte), sala de informática e sala de leitura. No piso superior ficam mais seis salas de aula e dois sanitários de alunos. O prédio possui um grande galpão coberto, uma quadra poliesportiva coberta, sala de Educação Física, depósito, cozinha, refeitório,

mais três sanitários de alunos, sendo um para deficientes. Além disso, há um enorme espaço para brincadeiras e socialização escolar.

As aulas são distribuídas nos períodos da manhã e tarde, com intervalos para as refeições. Através de reuniões e caixa de sugestões, a escola tem dado abertura para os pais, alunos, professores e membros da comunidade para que se manifestem quanto ao trabalho desenvolvido na Escola de Ensino Integral.

Este tipo de escola se iniciou em 2006, após a consulta e aprovação da comunidade escolar. Ela passa a ser Escola de Tempo Integral (ETI), desenvolvendo um currículo diferenciado, juntamente com mais cinco outras escolas da Diretoria Regional de Limeira.

A partir de 2013, a escola aderiu ao Programa Escola de Ensino Integral, o qual tem ações voltadas para Excelência Acadêmica e Projeto de Vida dos alunos. Este modelo de ensino visa a formação de um jovem competente, solidário e autônomo. Os argumentos que regem a escola de tempo integral são:

- I - Jornada integral de alunos, com currículo integralizado, matriz flexível e diversificada;
- II - Escola alinhada com a realidade do adolescente e do jovem, preparando os alunos para realizar seu Projeto de Vida e ser protagonista de sua formação;
- III - Professores e demais educadores com atuação profissional diferenciada, e em Regime de Dedicção Plena e Integral à unidade escolar,
- IV - Modelo de Gestão voltado para a efetiva aprendizagem do aluno e a terminalidade da educação básica;
- V - Infraestrutura diferenciada, com salas temáticas, sala de leitura, laboratórios de Biologia/Química e de Física/Matemática, Programa ACESSA Escola, no caso do ensino médio e salas temáticas, sala de leitura, laboratório de ciências, sala multiuso e laboratório de informática no caso do ensino fundamental – Anos Finais (SÃO PAULO, 2014).

As disciplinas do currículo básico são Língua Portuguesa, Matemática, Educação Física, Arte, Ciências Físicas e Biológicas, História, Geografia e Ensino Religioso (opcional). A parte diversificada de disciplinas é Língua Estrangeira Moderna, Disciplinas Eletivas e Práticas Experimentais; já as atividades complementares são: Orientação de Estudo, Protagonismo Juvenil e Projeto de Vida: Valores para a vida cidadã<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do Plano de Trabalho 2015 da escola participante deste projeto que, devido a motivos éticos, não será identificada.



O professor de Educação Física (Professor 1) tem 35 anos idade e 9 anos de magistério. Durante a graduação, a sua formação foi na área de desenvolvimento e comportamento motor. Foi professor em outro município e em 2011 removeu-se para esta escola participante. É um professor comprometido com a escola e com os alunos, ministra as disciplinas de Educação Física, Orientações de Estudo, Protagonismo Juvenil e Disciplina Eletiva.

Apesar da pouca experiência na área com basquetebol, viu a necessidade de atualizar a sua prática pedagógica, por isso aceitou participar do estudo.

Percebeu-se um bom relacionamento do professor com a turma observada, mas em muitos momentos ele perde o controle da turma. Durante a observação, não foi possível notar o professor utilizando as TIC com seus alunos.

A primeira parte de sua aula ele preenche o caderno do Estado e passa as tarefas de casa, e na outra aula, ministra as atividades na quadra. A pesquisadora percebeu que enquanto ela observava, o Professor 1 dava o conteúdo proposto, mas em outros momentos deixava seus alunos livres.

Suas aulas de basquetebol eram dadas em filas, fragmentadas, primeiro drible, depois passe, e por fim arremesso. Não foram observados jogos pré-desportivos, e sim jogos na forma de ração. Ele divide a turma em meninos e meninas e cada grupo joga separadamente em um lado da quadra.

## Descrição da Escola 2

A Escola 2 atende ao Ensino Fundamental – ciclo II (6º a 9º ano), Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Há turmas para os três turnos (manhã/tarde/noite), sendo de manhã das 7h às 12h20 (Ensino Fundamental e médio), a tarde das 12h30 às 17h50 (Ensino Fundamental) e a noite (EJA) das 19h às 23h. Está localizada em um bairro de classe média e média alta do município, tendo apenas 2% dos alunos residentes próximo à escola; os outros 98% são provenientes de bairros distantes.

A escola tem 697 alunos no total, 37 professores, e dispõe além das dependências administrativas, dez salas de aula, uma sala dos professores, uma sala de leitura, sala de vídeo, quadra coberta, pátio coberto com palco, cantina, duas cozinhas, sala de almoxarifado, refeitório, saleta para guardar materiais de

Educação Física, sala de informática acessa escola sendo que toda a estrutura está adaptada para receber alunos com deficiência de locomoção e visão. Devido a este fator, as matrículas aumentaram ao longo dos anos, especialmente pelo apoio dos cuidadores contratados por meio de convênio com a secretaria da educação e empresas terceirizadas. É uma escola com poucas condições de uso de tecnologias para o ensino.

O fato de a escola ser muito distante da residência dos alunos acaba por implicar em um acompanhamento precário da vida escolar dos alunos por parte da maioria das famílias. O comparecimento de pais/mães em eventos como “Um dia na escola do meu filho”, reuniões ou em atendimento às convocações sempre dependem de várias tentativas de contato, seja por bilhete ou através de contato telefônico. As famílias que dependem de programas de distribuição de renda, como por exemplo, o Bolsa Família, comparecem com maior frequência com o objetivo de constatar a frequência do aluno e evitar a suspensão do benefício<sup>5</sup>.

Diante disso, o trabalho de mediação feito pelos professores e gestores é de suma importância na medida em que promove ações para que todos, com suas diferenças e peculiaridades, possam conviver de forma respeitosa e solidária dentro do ambiente escolar. Assim, o maior objetivo desta escola é construir relações que não gerem atos de agressão e violência, seja em relação ao patrimônio e/ou em relações às pessoas, focando primeiramente em projetos preventivos, e concomitantemente, em projetos que evidenciam a necessidade atual dos alunos.

Além disso, o contato da equipe gestora com a Rede de Proteção da Criança e do Adolescente é fundamental para os encaminhamentos necessários, tornando-se mais uma tentativa de estabelecer vínculos afetivos e sociais mais sólidos, de modo a favorecer a permanência com o sucesso escolar desses alunos.

O professor de Educação Física (Professor 2) tem 51 anos de idade e há 12 anos leciona nesta escola. Dá muitas aulas (40 h/semanais), tem um ótimo relacionamento com os alunos e eles o respeitam. Não é um professor nativo das tecnologias, e segue a risca o Currículo do Estado de São Paulo.

Suas aulas tem caráter de separar teoria na sala de aula e prática na quadra e inclui alguns jogos para ensinar o esporte. Em alguns momentos também separa

---

<sup>5</sup> Citação retirada do Plano de Trabalho 2015 da escola participante deste projeto que, devido a motivos éticos, não poderá ser identificada. Este documento não se encontra para circulação externa da instituição.

meninos e meninas. Ele discute muitos assuntos com seus alunos quando estão na prática, questiona-os e permite que seus alunos participem do processo. Ao final, ele sempre deixa os alunos livres para jogarem futebol.

Tem 20 anos de profissão e mostrou-se receptivo a proposta do estudo. Em seu currículo há quatro cursos de pós-graduação em Educação Física escolar, três especializações e um mestrado. Este professor é da área de atletismo e lutas e atua no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual de ensino; é comprometido com a escola e com os alunos, constrói materiais alternativos com seus alunos, pois a escola não possui materiais suficientes.

Sobre sua experiência na área com basquetebol, é pouca, mas viu a necessidade de atualizar a sua prática pedagógica, por isso aceitou participar do desenvolvimento do trabalho.

#### 6.2.2 Observação das aulas de outros conteúdos e do Basquetebol

O conteúdo de atletismo antecedeu o conteúdo de basquetebol nas duas escolas, pois seguem o Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. O Professor 1 estava em fase de correção de trabalhos, cadernos, provas e preenchendo o caderno do Currículo. Logo que terminavam, ele deixava os alunos jogar o que eles escolhessem, pois já havia terminado o conteúdo de atletismo. Os alunos eram bem agitados e não respeitavam o professor quando pedia silêncio.

Nas aulas de basquetebol do Professor 1, foram desenvolvidas aulas da história da modalidade, regras e fundamentos. A aula de história foi realizada na sala de aula, com leitura do caderno do Estado e preenchimento do mesmo, juntamente com algumas regras básicas.

As aulas de fundamentos foram divididas em passes, dribles, arremesso e o jogo. Na semana seguinte da aula de aspecto histórico, o professor deu aula de passes com variações, enfileirados. Na terceira aula, trabalhou o arremesso de lance livre, dois pontos e três pontos, finalizando com um jogo. Este professor se preocupava bastante com a técnica do movimento de arremesso, insistindo em um lançamento “correto” dos alunos, corrigindo o tempo todo o movimento das mãos. Na última semana de observação, o Professor 1 voltou para a sala de aula para cumprir as atividades teóricas do caderninho, preenchendo-o junto com os alunos.

Nestas aulas houve a participação da maioria dos alunos. Era uma turma de 35 alunos. Os alunos que não participavam, faziam anotações sobre as aulas, valendo nota.

Já o Professor 2 percebeu-se um grande domínio no ensino do atletismo. Isso se deve à sua vasta experiência que este professor possui na modalidade, sendo tema de seu mestrado na sua formação continuada. Foram observadas corridas de revezamento, salto em distância e 100m rasos. Todas as aulas deste professor se iniciavam dentro da sala de aula; como eram aulas duplas, a primeira aula era na sala e a segunda na quadra. A maior parte do tempo o Professor 2 ficava em sala preenchendo o caderninho do Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo.

Percebeu-se também nos alunos uma aderência maior no atletismo em relação ao basquetebol, pois estes participam de provas de atletismo nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo.

Nestas aulas, o Professor 2 utiliza muitos materiais alternativos para o ensino do atletismo. Ele já começou dando as modalidades propriamente ditas, e no final deixava a aula livre para o futebol.

No mês seguinte, nas observações do conteúdo Basquetebol, o Professor 2 iniciou a aula na sala de aula, apresentando um pouco da história e regras da modalidade. Na segunda aula, deixou os alunos livres.

Na semana seguinte apresentou o fundamento do passe (de peito, picado, com uma das mãos e por cima da cabeça) de uma maneira mais tradicional, deixando os alunos livres ao final da aula. É um professor que os alunos respeitam, mas não gostam da aula de basquetebol. Na verdade, alguns destes alunos só queriam futebol e outros queriam apenas ficar sentados.

Na terceira aula, o professor deu um jogo de basquetebol, e jogaram apenas os alunos interessados. Era uma turma de 37 alunos, e apenas 12 se interessaram em jogar.

### *6.3 Seleção dos quatro temas*

A elaboração do material foi realizada de acordo com temas dentro do conteúdo Basquetebol considerados relevantes para serem tratados com a faixa

etária correspondente. Os temas foram “Alguns aspectos históricos e contextualização do Basquetebol”, “Compreendendo o jogo de basquetebol”, “Basquetebol em cadeira de rodas” e “As mulheres no Basquetebol”. A história e a dimensão mais procedimental se encontram no Currículo do Estado de São Paulo, mas são abordados de maneira um pouco diferentes das aulas propostas nesta pesquisa; já os outros dois temas não foram localizados pela pesquisadora no Currículo.

No material elaborado, o primeiro tema proposto foi sobre a história do basquetebol, cujo título era “Alguns aspectos históricos e contextualização do Basquetebol”. Neste tema, os alunos conheceram o que é e como surgiu a modalidade, através de atividade que trabalhassem a criatividade e autonomia dos alunos, como por exemplo, encenação/teatro, retratando como eles achavam que havia surgido a modalidade. Houve também a apresentação de um vídeo selecionado pela pesquisadora sobre a história verdadeira e uma atividade de *Quizz* com perguntas referentes à atividade anterior. Estas questões foram elaboradas pela pesquisadora.

O segundo tema foi “Compreendendo o jogo de basquetebol”, no qual foram propostas vivências aos alunos por meio de mini-jogos e jogos e brincadeiras para que eles compreendessem qual o objetivo do jogo e qual a sua lógica interna buscando sempre enfatizar que o basquetebol é um jogo de invasão. Foi uma aula pautada na perspectiva da Pedagogia do Esporte (GALATTI, 2002; PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009; RODRIGUES; DARIDO, 2012; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014). A pesquisadora buscou levar esta perspectiva à escola.

Já o terceiro tema, “Basquetebol em cadeira de rodas”, a pesquisadora se atentou em uma proposta de aula que mostrasse aos alunos a possibilidade deles conhecerem e vivenciarem o basquetebol em cadeira de rodas, bem como algumas dificuldades enfrentadas pelos jogadores dessa modalidade, além de conhecer outras modalidades existentes praticadas por cadeirantes.

E no último tema “As mulheres no Basquetebol”, a pesquisadora buscou levar aos alunos conhecimento sobre as mulheres ídolos do basquetebol brasileiro, além de conhecerem alguns aspectos históricos sobre a mulher no esporte. Mesmo o Currículo do Estado de São Paulo trazendo as seleções campeãs, não citam os ídolos brasileiros na modalidade.

#### *6.4 As aulas implementadas pela pesquisadora*

Este subtópico foi criado para descrever como foram implementadas as quatro aulas pela pesquisadora e os principais acontecimentos durante esta implementação.

##### **6.4.1 Aula 1 – Aspectos históricos e contextualização do Basquetebol**

Embora o Currículo do Estado de São Paulo traga a alguns aspectos históricos da modalidade, de uma forma resumida, este tema é tratado pelos professores de maneira mais teórica, ou seja, os professores leem o que está no caderninho para os alunos e discutem algumas informações com eles. Não que isso seja errado, pois cada professor tem a sua forma de trabalhar e abordar alguns temas em sala de aula, mas a pesquisadora quis levar a eles algumas possibilidades de vivências, utilizando algumas atividades e alguns recursos tecnológicos para ajudá-los a ampliar a sua prática pedagógica dentro deste tema.

O objetivo da aula foi apresentar a modalidade para que os alunos conheçam o que é e como surgiu este fenômeno esportivo. Como o primeiro tema é apresentar a modalidade, a primeira atividade foi elaborar uma apresentação/encenação de como eles acham que surgiu o basquetebol (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2007). No início foram questionados sobre o que eles sabiam do basquetebol, e os alunos da Escola 1 surpreenderam a pesquisadora, pois lembravam de muitas questões já tratadas pelo Professor 1.

Já na Escola 2, a pesquisadora teve uma recepção negativa dos alunos. Mesmo ela tendo ido observá-los anteriormente, os alunos não entendiam a participação dela naquele momento, mesmo o Professor 2 ter avisado à turma que ela iria. Os alunos desta escola não deixavam explicar e conversar com eles, até que eles se acalmaram e a pesquisadora conseguiu ministrar as atividades propostas.

Em seguida, os alunos foram divididos em grupos e tiveram 20 minutos para se prepararem para a apresentação da turma. Os alunos da Escola 1 se organizaram e fizeram a atividade, ao final, cada grupo se apresentou explicando o que eles haviam criado. Foi uma atividade que os alunos gostaram e o professor da

turma também. Com os alunos da Escola 2 foi diferente. Eles não queriam fazer, pois queriam jogar futebol. Com muita insistência da pesquisadora, os alunos cederam e realizaram a atividade proposta, mas de modo não muito adequado, resultado da desmotivação deles.

Após as atividades de encenação, a pesquisadora passou um vídeo de 3 minutos contando sobre alguns aspectos históricos do basquetebol, desde como surgiu até como ele é praticado hoje. Este vídeo teve um papel importante para facilitar a compreensão dos alunos sobre alguns aspectos históricos da modalidade, pois havia imagens, narração, música e isso fez com que eles se interessassem em assisti-lo.

Assim que acabou o vídeo, a pesquisadora questionou os alunos sobre o que sabiam, e alguns alunos, principalmente os alunos da Escola 1, trouxeram algumas cenas que havia sido apresentadas pelos colegas na atividade anterior. Em seguida, realizou um *Quizz* com perguntas referentes ao que foi mostrado no vídeo, e para responder os alunos tiveram que acertar um arremesso de pertinho da tabela.

Segundo Giacomazzo et al. (2010), o *Quizz* assume um significado pedagógico, como possibilidade de tornar mais efetivos os resultados avaliativos, e qualificam o processo ensino aprendizagem.

Essa última atividade provocou nos alunos o espírito competitivo. O mesmo encontrado dentro do esporte, e isso pôde ser discutido com eles ao final desta atividade, além da questão de sempre os mais habilidosos ficarem à frente, da participação de todos, etc.

Assim, a primeira parte da aula foi realizada dentro da sala de aula, devido às dificuldades de apresentação de vídeo em outro espaço de aula, em ambas as escolas. Já na Escola 1, a encenação e o *Quizz* foi possível realizar na quadra, devido à organização melhor da turma.

Estas atividades contribuíram para discutir as dimensões conceituais e atitudinais relacionadas à modalidade, retomando o que foi aprendido e conhecido por eles. Além disso, a encenação tem o papel de tornar o aluno mais interessado quanto aos conhecimentos históricos.

#### 6.4.2 Aula 2 - Compreendendo o jogo de Basquetebol.

Esta aula teve como objetivo possibilitar a vivência dos alunos por meio de mini-jogos e jogos e brincadeiras para que compreendessem qual o objetivo do jogo de basquetebol e qual sua lógica interna, buscando enfatizar que o basquetebol é um jogo de invasão.

A aula foi pautada na perspectiva da Pedagogia do Esporte (GALATTI, 2002; PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009; RODRIGUES; DARIDO, 2012; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014), a qual tem seu objeto de estudo e intervenção o processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, acumulando conhecimento significativo a respeito da organização, sistematização, aplicação e avaliação das práticas esportivas nas suas diversas manifestações e sentidos, lidando com a relação entre o ambiente esportivo e os sujeitos que jogam, e entre a modalidade praticada e a intencionalidade da prática educativa (GALATTI; REVERDITO; SCAGLIA; PAES; SEOANE, 2014; PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2013).

Segundo Barroso e Darido (2009), o esporte, por ser um conteúdo tradicional do componente curricular Educação Física e pelo fato de estar intensamente presente na nossa sociedade, necessita receber um tratamento pedagógico adequado. Ao desenvolver as modalidades esportivas no âmbito escolar, os professores, na maioria das vezes, concentram suas ações em ensinar movimentos e gestos técnicos específicos, mas para o aluno adquirir um amplo conhecimento deste conteúdo entendemos que seja fundamental, além da aprendizagem de movimentos esportivos, que ele saiba analisar o porquê da realização de tais movimentos, como também possa atribuir valores e ter atitudes apropriadas para e nas diversas práticas esportivas (BARROSO; DARIDO, 2009).

Por isso, a pesquisadora buscou levar até à escola esta perspectiva, para que o basquetebol possa ser aprendido de uma maneira mais divertida, agradável, motivante e proveitosa para quem joga, permitindo aos alunos uma aprendizagem mais significativa.

Os alunos da Escola 1 lembraram da aula anterior e trouxeram alguns nomes de atletas brasileiros de basquetebol que estão na mídia, inclusive atletas da equipe profissional de basquetebol da cidade, que disputa um campeonato nacional chamado Novo Basquete Brasil (NBB).



A pesquisadora reforçou essas informações, pois até então, a maioria destes alunos nunca haviam visto uma partida de basquetebol e terem retornado à escola já com tantos assuntos sobre basquetebol, pôde evidenciar que as aulas estavam influenciando suas vidas. Já na Escola 2 não foi assim. Não houve a participação de todos os alunos e eles como em todas as aulas, pediam para jogar futebol.

Como atividades práticas, foram selecionadas algumas que abordassem tanto algumas brincadeiras para aquecimento trabalhando os fundamentos, reconhecimento da quadra de basquetebol dentro das linhas (quadra poliesportiva), quanto mini-jogos e jogos e brincadeiras que simulavam as mesmas características de um esporte de invasão, que aqui neste estudo é o basquetebol (exemplos: Pic Bandeira Basquetebol, Gato e rato, Cesta no arco, etc).

Durante a experiência do jogo foi possível abordarmos também as atitudes de respeito dos alunos com os seus colegas. Ao jogar eles ficaram expostos individualmente enquanto os demais aguardavam, surgindo gozações que foram discutidas no final da atividade.

Foram propostas mais duas atividades no plano de aula: a primeira foi a que a pesquisadora realizou com os alunos devido ao tempo da aula. Os alunos assistiram a um vídeo de um jogo de basquetebol, os 4 primeiros minutos, e analisaram quais fundamentos eles encontraram, pontuação, etc, e trouxeram para a pesquisadora. Nesta atividade foi possível discutir posicionamento dos jogadores, quantidade de jogadores, discutir algumas regras e o jogo de invasão.

A outra atividade proposta, os alunos teriam que se dividir em dois times e um de cada grupo vai filmar o jogo pelo celular. Assim que filmado, o aluno enviaria via *bluetooth* para a pesquisadora e ela apresentaria à turma para discutir o que aconteceu. Nesta atividade é possível discutir ética no esporte, a não violência, etc.

Nesta atividade realizada, na qual os alunos assistiram a um vídeo, eles contribuíram muito para o desenvolvimento da proposta e foi possível observar o entendimento e a compreensão dos fundamentos por eles, a partir da análise de um jogo real, apresentado pelo vídeo.

No caso da Escola 1 o que dificultou de dar a atividade do uso de celular para a filmagem foi o pouco tempo que restou para a pesquisadora, pois a turma em um dado momento não permanecia atenta à explicação da pesquisadora, utilizando os minutos da aula para outros fins. Na Escola 2 foi por dois motivos que não ocorreu a

atividade. O primeiro que a maioria da turma não tinha celular com *bluetooth* e segundo porque era proibido utilizar o celular nas dependências daquela escola, mesmo para fins didáticos.

Assim, com a atividade em substituição a pesquisadora baixou na sua casa 4 minutos de um jogo de basquetebol do *Youtube* e conseguiu colocar para os alunos analisarem. Nesta atividade foi possível a discussão sobre a importância da cooperação, já que o basquetebol é um esporte coletivo de invasão, e segundo Barroso e Darido (2009) é essencial a cooperação dentro da equipe e perante a outra equipe, a construção e o respeito às regras dos jogos e a organização das atividades envolvendo todos os integrantes da turma. Além disso, foi possível chamar a atenção para a postura do indivíduo como consumidor de espetáculos esportivos, mostrando a necessidade da reflexão quanto às mensagens transmitidas durante os eventos televisionados e estimulando uma postura crítica do aluno espectador (BARROSO; DARIDO, 2009).

#### 6.4.3 Aula 3 - Basquetebol em cadeira de rodas

A aula 3 teve como intuito possibilitar aos alunos conhecerem e vivenciarem o basquetebol em cadeira de rodas, bem como algumas dificuldades enfrentadas pelos jogadores dessa modalidade, além da realização de outras modalidades praticadas por cadeirantes.

Os alunos tiveram uma parte introdutória, sendo o primeiro contato deles com este tema. A seguir, eles tinham que pesquisar no *notebook* ou computador e quem quisesse, no celular também, quais modalidades esportivas são praticadas por cadeirantes (Basquetebol em cadeira de rodas, Tênis em cadeira de rodas, Tênis de mesa em cadeira de rodas, Atletismo em cadeira de rodas e Esgrima em cadeira de rodas).

Cada grupo ficou com um esporte, distribuído pela pesquisadora, e ao final apresentaram para toda a turma o esporte e algumas características dele. Poderiam fazer pequenos vídeos ou apresentação rápida de *Power Point*. O grupo que ficou com o basquetebol em cadeira de rodas, além de apresentar as características da modalidade, apresentou alguns aspectos históricos da mesma.

Esta proposta de pesquisa auxiliou no conhecimento e procedimentos destes esportes. As turmas desconheciam a existência dessas modalidades, principalmente de ver um cadeirante jogar basquetebol normalmente. A aula contou também com vídeos que por meio da discussão contribuíram para a formação dos conceitos básicos sobre as regras do Basquetebol em cadeira de rodas.

Na vivência, os alunos simularam as dificuldades enfrentadas pelos jogadores de basquetebol em cadeira de rodas. A turma foi dividida pela metade, sendo que uma metade de cada equipe permanecia em pé e a outra metade devia se posicionar sentada em alguma região da quadra.

Nesta atividade ocorreram algumas dificuldades. Primeiro que os alunos da Escola 1 demoraram para pesquisar na primeira parte da aula e acabou atrasando a vivência, sendo possível poucos minutos para a realização da atividade; e segundo alguns dos poucos alunos que participaram da aula na Escola 2, principalmente as meninas, não quiseram fazer para não sujar a roupa na quadra, no momento de sentar no chão.

No final, foi possível a discussão nas duas turmas sobre a questão da inclusão, as limitações que os cadeirantes enfrentam, o preconceito, as dificuldades que pessoas com deficiência física enfrentam no dia-a-dia. Alguns alunos tinham casos na família e na própria escola, o que os permitiam participar ainda mais das discussões.

#### 6.4.4 Aula 4 - As mulheres no Basquetebol

O tema nas duas escolas foi inédito com as turmas. Os professores não haviam trabalhado com seus alunos este tema, e neste sentido foi muito relevante, pois trouxe aos alunos bastante interesse, principalmente nas discussões.

O intuito desta aula foi conhecer e discutir a participação das mulheres no esporte, mais especificamente no Basquetebol. De início a pesquisadora questionou-os para saber se eles conheciam mulheres no esporte, e a maioria deles respondiam “Marta do futebol”. A partir daí a pesquisadora começou a contar um pouco de alguns aspectos históricos da mulher no esporte desde a não participação delas na primeira Olimpíada em 1896 (Atenas), pois eram tratadas como de natureza frágil, destinadas à maternidade e fertilidade. A mesma posição ainda

persiste de forma um pouco diferente, tanto no basquetebol, quanto nos outros esportes até os dias de hoje.

Após essa contextualização histórica, os alunos assistiram a um vídeo que mostrou um pouco da história das duas atletas campeãs e ídolos na seleção brasileira de Basquetebol, Paula e Hortência. Neste momento, percebeu-se muita admiração, e ao mesmo tempo algumas falas preconceituosas por parte de alguns meninos.

Assim que terminaram de assistir, a pesquisadora pediu para que eles escrevessem um texto sobre o que eles entenderam do vídeo e responderem a pergunta: A menina que joga basquetebol deixa de ser menina?

A discussão ao final foi muito interessante. Algumas meninas trouxeram nas discussões experiências próprias de preconceito da família e amigos em jogar basquetebol ou futebol, que foram as modalidades mais citadas durante a conversa, por serem modalidades que se dizem “mais violentas”, “com mais contato” ou como “esporte de menino”. Muitas ali deixaram de praticar por conta de brincadeiras por parte dos amigos e proibição por parte dos pais.

Segundo o estudo de Milani (2015) ter habilidade e disponibilidade para prática de esporte são fatores que contribuem para a inclusão das meninas, sendo a esportivização um fator que contribui para discriminação de meninos e meninas na escola.

### *6.5 As categorias de análise*

O presente estudo foi desenvolvido a partir de diferentes etapas, as quais visaram estabelecer uma relação entre a utilização de algumas TIC como mais uma ferramenta pedagógica para auxiliar o professor no ensino do conteúdo Basquetebol.

Dentre as possibilidades de análises apresentadas por Bardin (2011), a escolhida para essa pesquisa foi a “análise de categorias”, mais precisamente, a análise por temas. Esta análise condiz no “tratamento dos resultados obtidos e interpretação”, que, segundo Bardin (2011) é quando os “resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (‘falantes’) e válidos” (p.131).

Assim, a categorização temática dos resultados foi extraída das observações das aulas dos dois professores, dos registros de campo das aulas ministradas e das transcrições das duas entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores das duas escolas participantes e do material coletado no grupo do *Facebook*.

O quadro abaixo ilustra as categorias de análise e as suas respectivas subcategorias:

**Quadro 3.** Categorias de análise e subcategorias.

| <b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>   | <b>SUBCATEGORIAS</b>                                |
|--|---|
| 6.5.1. Diagnóstico, realidade, dificuldades e TIC                        | A. Relação da escola com as TIC                     |
|  | B. Relação dos professores e dos alunos com as TIC. |
| 6.5.2. Concepções dos professores em relação à Educação Física na escola | A. Basquetebol                                      |
|  | B. Currículo  |
|  | C. Formação docente e condições de trabalho.        |

Fonte: elaborado pelo autor.

#### 6.5.1 Diagnóstico, realidades e TIC

No intuito de facilitar a compreensão acerca do contexto das escolas onde este estudo foi realizado, esta seção será destinada a apresentar as principais características relacionadas às TIC na escola, na realidade docente e na realidade dos alunos nas duas escolas.

#### **A. Relação da escola com as TIC**

Neste primeiro momento foi realizado um diagnóstico dos equipamentos e recursos tecnológicos disponíveis em cada escola, bem como a sua utilização pelos professores e alunos. As duas escolas dispunham destes materiais, porém com algumas diferenças em suas realidades.

A Escola 1 passou a adotar em 2013 o modelo de escola de tempo integral, sendo ofertada para o Ensino Fundamental – ciclo II. Está localizada na região central da cidade, e a clientela predominante é de classe média baixa e baixa.

O período de observação foi fundamental para entender a rotina da escola. Os registros do diário de campo realizado durante as observações e o próprio relato do professor desta escola auxiliam na compreensão dessa realidade:

*Aqui tem sala com computadores de 15 à 20 computadores, netbooks 40 notebooks, lousa interativa, datashow, projetor interativo com caneta interativa.*(PROFESSOR 1)

Na observação foi notada a existência de recursos tecnológicos como dois televisores, um aparelho com mesa de som com microfones, cinco computadores administrativos, 20 computadores de uso pedagógico, um retroprojetor, três aparelhos de som/ toca CD, uma câmera fotográfica digital, duas filmadoras, um aparelho de *datashow*, 120 *netbooks* para os alunos, 16 *netbooks* para os professores, 11 salas com retroprojetores e rede *wifi*. Na fala do Professor 1, ele cita 40 *netbooks*, e no documento da escola cita 120. Isso porque os 40 *netbooks* ficam disponíveis para o uso do professor.

Estes dados foram obtidos na análise do Plano de Trabalho 2015, documento legalizado mais atual até o momento do presente estudo.

Assim como relatado pelo Professor 1, esta escola contava com uma grande variedade de ferramentas tecnológicas para serem utilizadas durante sua prática pedagógica. A escola tem acesso à rede *wifi*, mas a senha não era disponibilizada para os alunos e professores. Os computadores e *netbooks* já vinham para a escola com acesso, já que é a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que disponibiliza este acesso.

A sala de informática era frequentemente utilizada por alguns professores, e contava com 20 computadores com acesso à rede *wifi*. Como a turma tinha 35 alunos, 20 sentavam nos computadores e os outros 15 pegavam um *netbook* cada um. Para utilizar esta sala era necessária a presença de um funcionário responsável, caracterizado como um monitor, para acompanhar os alunos e acessar os computadores à internet a eles, além de auxiliar os professores responsáveis pelas turmas.

Todos estes equipamentos estavam à disposição do professor para serem utilizados, mas nem todos estavam em boas condições. Alguns equipamentos não eram suficientes para todos os alunos, pois as classes eram muito numerosas. Observou-se na prática pedagógica do Professor 1 que ele, apesar da boa estrutura, fazia pouco uso das TIC nas suas aulas.

Na entrevista realizada antes da intervenção da pesquisadora, ambos os professores relataram que utilizavam TIC nas suas aulas, tendo predominância no uso de vídeos:

*Bastante! Vídeos, reconhecer o real da competição, pra verem técnica.* (PROFESSOR 1)

*Na escola a gente tem duas opções que pode usar com o aluno a parte do computador e do projetor no carrinho e também tem uma sala com isso aí fixo e a sala de computação. A sala de computação eu não uso porque são pouco os números de computadores né?! E pra gente ficar dividido uma parte aqui e a outra parte na quadra, a gente tem que fazer um projeto disso e ficar uma pessoa cuidando, já que não pode ficar parte dos alunos sozinhos.* (PROFESSOR 2)

Mas durante as observações foi possível perceber uma utilização maior de materiais como livros didáticos, o próprio Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo, e não o uso de recursos tecnológicos que estavam disponíveis na escola para fins pedagógicos.

Em ambas as escolas não foram observadas o uso sistemático das TIC nas aulas. O professor da Escola 2 utilizou em uma aula de atletismo, durante as observações, um *notebook* e um *datashow* como TIC, para projetar filmes aos alunos.

Parece, como aponta Carvalho (2012), que o uso de vídeos é o mais frequente na Educação Física escolar, ainda que seja possível verificar algumas dificuldades, entre elas a de reservar estes equipamentos.

Na Escola 2 havia apenas um carrinho com um *notebook* e um *datashow* para toda a escola usar, e para conseguir, tinha que reservar com bastante antecedência para não causar problemas com outros professores. Já na Escola 1, não havia problemas com a questão de disponibilidade de materiais. Como havia computadores suficientes e materiais disponíveis para a aula de Educação Física, o Professor 1 já deixava reservado para a aula da pesquisadora.

A pesquisadora em suas intervenções utilizou com maior frequência os mesmos recursos que estes professores tinham disponíveis, tentando adaptar para suas aulas. Houve o uso de *datashow*, *notebook*, além de celular e sala de informática, esta última apenas na Escola 1. Ela tem uma facilidade maior nos usos das TIC, pois em sua formação continuada, pôde se aprofundar em relação ao uso das TIC na escola.

A realidade das duas escolas é bastante diferente em relação à disponibilidade e facilidade no acesso a estas ferramentas tecnológicas. Na Escola 2, os recursos são mínimos. A sala de informática possui 10 microcomputadores, mas apenas cinco funcionam, todos conectados em rede com intragov<sup>6</sup>. O professor só pode usá-la se a monitora, que é uma aluna do Ensino Médio da escola, estiver presente, e durante a implementação deste estudo, ela esteve ausente por conta da sua gravidez. Portanto, não foi possível utilizar a sala de informática nesta escola.

Há muitas dificuldades nas escolas, mas possuem o programa “Acessa Escola”, programa criado a partir da Resolução 0379 em 2008, implantado pelo Governo do Estado de São Paulo e desenvolvido por meio da Secretaria de Estado da Educação, tem como objetivo atender professores, alunos e funcionários visando à inclusão digital por meio da apropriação das TIC, provenientes das salas de informática das escolas públicas do Estado.

Os resultados observados reforçam a realidade de muitas escolas públicas que se encontram abaixo do que se almeja. Alguns estudos, como, Ferreira (2014), Diniz (2014), Milani (2015), Germano (2015), Ginciene (2016) também se depararam com estas condições das salas de informática no ensino público.

Belloni (2005) relata que a escola pública enfrenta muitos problemas como a falta de estrutura e de recursos; e tentativas de melhoria da qualidade do ensino, através da introdução de inovações tecnológicas e metodológicas esbarram em obstáculos pedagógicos e institucionais. Já Pretto (2008), indica que a escola pode diminuir as desigualdades existentes em relação ao acesso as tecnologias, incluindo-as no seu contexto, transformando metodologias no processo de ensino-aprendizagem.

As TIC estão transformando os cenários educacionais tradicionais e, ao mesmo tempo, promovendo o surgimento de outros novos. Coll et al. (2000) cita que as expectativas e os discursos que as TIC têm potencialidades para o ensino-aprendizagem estão sensivelmente afastados do que ocorre nas escolas e nas salas de aula.

---

<sup>6</sup> A Rede Intragov, tem como finalidade a prestação de serviços aos órgãos signatários do Projeto Intragov, propiciando suporte ao transporte de informações multimídias entre as redes locais dos órgãos e entidades participantes e os *Data Centers* de Governo. < <http://www.intragov.sp.gov.br/oqueeintragov.php>, acessado dia 23 de dezembro de 2015.



Neste sentido, a pesquisadora pôde observar que em algumas escolas ainda não possuem possibilidades de acesso e uso das TIC, tornando-se muitas vezes limitadas e até mesmo inexistentes. Assim, enquanto não melhorarem isso, o impacto das TIC sobre as práticas educacionais continuará sendo, necessariamente, restrito, embora seja possível adaptar este uso de acordo com a realidade da escola, que foi o caso da pesquisadora. As aulas foram construídas a partir do que as escolas ofereciam.

## **B. Relação dos professores e dos alunos com as TIC**

Os professores participantes desta pesquisa não apresentaram resistência ao desenvolvimento da pesquisa nas suas respectivas escolas quando a pesquisadora entrou em contato. Pelo contrário, foram receptivos e ajudaram-na durante todo o período do estudo. São professores com grande demanda de tarefas dentro da escola, ambos são professores do 7º ano do Ensino Fundamental – ciclo II.

De acordo com Prensky (2001), a sociedade atual se encontra num processo de transição em relação às transformações ocasionadas pelas TIC, onde se têm os “nativos” e “imigrantes” digitais. Embora não sejam “nativos digitais”, estes professores são considerados “imigrantes digitais” têm o compromisso de ensinar “nativos digitais” a aprenderem, e desse modo, adequar a metodologia e o conteúdo que são essenciais (PRENSKY, 2001).

Segundo Sebriam (2009) a utilização de recursos tecnológicos significa uma ferramenta para aproximação entre professores e alunos no acesso ao conhecimento, neste sentido, as TIC disponíveis para esta tarefa contribuem com material a disposição do docente para sua prática pedagógica.

Atualmente, o acesso à internet está presente em nosso dia-a-dia, seja em casa, na escola, no trabalho, na rua. Estamos o tempo todo conectados, e isso não é diferente na vida desses professores. Eles relataram que utilizam TIC em casa e na escola em suas aulas, e quais tecnologias são estas:

*Bastante! Vídeos, reconhecer o real da competição, pra verem técnica. Em casa, internet, redes sociais Facebook, whatsapp só entre professores, e blog da escola que eu que sou responsável para atualizar as informações. (PROFESSOR 1)*

*Na minha casa utilizo o computador, internet, e uso pouco celular. Software que eu tenho pra baixar vídeos, pra transformar vídeos, a*

*parte de áudio. É mais internet mesmo que eu utilizo. Na escola a gente tem duas opções que pode usar com o aluno a parte do computador e do projetor no carrinho e também tem uma sala com isso aí fixo e a sala de computação. A sala de computação eu não uso porque são pouco os números de computadores né?! E pra gente ficar dividido uma parte aqui e a outra parte na quadra, a gente tem que fazer um projeto disso e ficar uma pessoa cuidando, já que não pode ficar parte dos alunos sozinhos. (PROFESSOR 2).*

Em relação às experiências com o uso das TIC, em ambos os casos, se mostraram mínimas, e quando questionados se utilizou alguma TIC para ensinar o esporte e qual, eles relatam:

*Não, só vídeos. (PROFESSOR 1).*

*Tem alguns softwares que a gente conhece, mas a gente não tem acesso. Questão de preço, questão de uso. Eu gostaria de usar alguma coisa principalmente no ensino do atletismo. O que eu uso é a parte de vídeo, análise e apreciação de vídeo, pros alunos terem uma noção mais próxima do que apresentar. (PROFESSOR 2)*

A exploração da linguagem audiovisual como apoio ao professor denota outras maneiras de mobilização do conhecimento, proporcionando uma percepção acima da reflexão, promovendo respostas aliadas com a afetividade e a emoção (FERRÉS, 1996). Darido (2002) diz que a utilização de vídeos, filmes, documentários e reportagens especiais são ótimos recursos para aulas de Educação Física, desde que sejam utilizados com alguns cuidados, estabelecendo relações entre esta tecnologia e o tema abordado em aula.

O professor deve assistir ao vídeo antes de trabalhá-lo, para que possa destacar algum aspecto relevante; estabelecer um roteiro de observações selecionando momentos mais marcantes que poderão ser reproduzidos novamente; antecedendo o vídeo, o professor deve informar aos alunos a respeito dos aspectos a serem observados, podendo facilitar a assimilação e compreensão dos objetivos, tendo maior aceitação e o cumprimento dos objetivos das aulas por parte dos alunos (DARIDO, 2002).

Os vídeos são vistos como uma boa ferramenta a ser utilizada nas aulas de Educação Física, sobretudo pelo fato dos alunos consumirem a cultura corporal evidentemente explorada de diferentes formas pela mídia (BETTI, 2001), possibilitando várias contribuições como maior motivação para discussões, a sintetização das ideias pelos recursos visuais, entre outras, a depender do tipo de material a ser utilizado (filme, documentário, reportagem etc.), bem como o que o

professor quer passar ao aluno com este material (BETTI, 2001; CHAMPANGNATTE; NUNES, 2011).

Estes fatores foram inclusive apontados como principais no entendimento do vídeo e da imagem como boas ferramentas didáticas, por provocarem estímulos e respostas diferenciadas, quando empregados com objetivos bem definidos e contextualizados. Segundo Coll et al. (2010):

...a penetração das TIC nas escolas e nas salas de aula ainda é limitada. Além disso, essa incorporação está encontrando mais dificuldades do que estava previsto inicialmente e, embora com exceções, a capacidade efetiva dessas tecnologias para transformar as dinâmicas de trabalho, em escolas e processos de ensino e aprendizagem nas salas de aula, geralmente fica muito abaixo do potencial transformador e inovador que normalmente lhes é atribuído (COLL; MAURI; ONRUBIA, 2010, p. 66).

Compreende-se que os dois professores, como são mais velhos, são tidos como “imigrantes digitais”. Isso quer dizer que eles não nasceram imersos nesse “novo” formato de lidar com o mundo, mas que acompanharam de perto o processo de transformação e incorporação das TIC nos diversos contextos (GERMANO, 2015).

Deste modo, percebeu-se que eles dominam algumas ferramentas que consideram suficientes para sua prática pedagógica, e os mais citados são vídeos (baixar e editar) e redes sociais, além dos básicos como consultar *e-mails*, por exemplo. Os vídeos são os mais utilizados, é um recurso mais fácil de utilizar na escola, pois, por mais que as escolas tenham algumas deficiências em relação à sua infraestrutura, acesso à internet, falta de materiais, nelas se encontram pelo menos um *datashow* e um *notebook*.

Em relação ao uso das redes sociais pelos professores, demonstra que a sociedade vive em um novo momento tecnológico, em que as redes digitais, tornadas possíveis graças ao aumento da velocidade de acesso e à ampliação da transmissão de dados, voz, imagens etc. (KENSKI, 2010).

O potencial de difusão de uma mensagem na rede é imenso. Segundo Mattar (2013), as redes sociais são associações entre pessoas conectadas por diversos motivos, e são dinâmicas, modificando-se durante o tempo.

No caso deste estudo, a rede social utilizada foi o *Facebook*, no qual foram disponibilizadas em um grupo, as propostas de aulas implementadas durante a

pesquisa. Quando a pesquisadora entrevistou os professores perguntando se eles tinham conta nesta plataforma, apenas o Professor 1 afirmou que sim. Já o Professor 2, a pesquisadora teve que criar uma conta para que ele pudesse participar da pesquisa, com a condição que após o uso, a pesquisadora excluísse a sua conta.

O *Facebook* para o Professor 1 não era utilizado com fins pedagógicos, e sim como meio de se comunicar com a família já que mora em outra cidade. Nem para assuntos da escola, com a direção e outros professores ela era utilizada. A rede social utilizada neste sentido era o *Whatsapp*<sup>7</sup>:

*Utilizo o perfil do Facebook para ter contato com a família, porque minha família é de longe. Mas não sou de postar muita coisa. Entre professores, só grupo no Whatsapp. (PROFESSOR 1).*

O *Facebook* permite aos seus usuários diversas ações interativas, como filiar-se a grupos; postar fotos e imagens; realizar comentários no próprio mural ou no de um amigo, trocar mensagens instantâneas, criar e participar de eventos, compartilhar fotos, imagens e informação. Toda essa gama de recursos faz do *Facebook* um fenômeno mundial (MATTAR, 2013; MILANI, 2015).

No estudo de Sebriam (2009), os resultados mostraram que a maioria dos professores utiliza as TIC a nível pessoal, pois o uso do computador é direcionado para múltiplas tarefas e faz uso principalmente da Internet (86,7%), do *e-mail* (78,7%) e 42,7% de ferramentas de comunicação (*Msn, Skype, Facebook, etc*). Referentemente as atividades diretamente ligadas a atuação docente, os dados apontam que os professores utilizam bastante o computador para preparar suas aulas, principalmente para pesquisa na internet (69,3%) e elaboração de fichas e/ou testes (45,3%) (SEBRIAM, 2009), ou seja, os professores empregam a TIC na vida pessoal, mas utilizam pouco como recurso pedagógico.

Outro aspecto que afasta a Educação Física das TIC foi expresso pelo Professor 2 quando aborda a questão do movimento. Segundo ele:

*A tecnologia tem que ser a serviço do movimento, algo pra complementar para o aluno. E se ficarmos colocando tudo da evolução, vamos deixar de lado aquele momento que é a prática do*

---

<sup>7</sup> WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Além das mensagens básicas, os usuários podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

*exercício físico. Primeiro, a Educação Física tem pouco tempo na grade, tem currículo para seguir, aí vem computador, celular, Facebook...e a aula prática? Como apoio é excelente, como substituição, não.* (PROFESSOR 2)

Não se está propondo transformar a Educação Física em teoria, nem tirar os movimentos das aulas, mas inserir as TIC para possibilitar também o ensino da dimensão conceitual e atitudinal na prática pedagógica.

Para os professores, acessar o *Facebook* foi fácil, sem segredo algum. Eles conseguiram acessar todas as propostas, comentar e compartilhar algumas trocas de experiências. O Professor 1 avaliou positivamente:

*A interação influencia e é interessante. Mas no meu caso não porque a conversa que tive com o outro professor foi mais em relação de conhecer a escola, parte estrutural e não em relação a aula.* (PROFESSOR 1)

Cada proposta de aula postada, tiveram entre 3 à 4 comentários de cada um dos professores em relação às aulas. Na proposta de aula 1 (Aspectos históricos e contextualização do basquetebol) os dois professores enfatizaram na atividade de encenação de como surgiu os basquetebol, elogiando a proposta. No plano de aula 2 (Conhecendo o basquetebol), gostaram das atividades e discutiram entre eles a questão estrutural de cada escola que lecionam. Na proposta 3 (Basquetebol em cadeira de rodas) destacaram a importância da pesquisa, utilizando as mídias, deixando claro que as três dimensões dos conteúdos foram bem trabalhadas. E na proposta 4 (Mulheres no Basquetebol) os comentários foram pautados no destaque das discussões sobre gênero na escola, que está crescendo muito e nas discussões acerca deste tema entre os alunos.

O Professor 2, relatou algumas dificuldades para o uso do *Facebook* como a questão do tempo. Como trabalham o dia todo, quando chegam em casa, ainda têm que corrigir atividades, provas, planejar aula, ficar com a família, além de cursos que em alguns momentos são oferecidos da Secretaria do Estado de São Paulo a eles.

*Deixei de usar o Facebook por problemas que tive em casa. Essas redes sociais aumenta círculo de contato e é duro controlar. Mas como ferramenta de trabalho, grupo fechado, é muito viável. O que é complicado é como lidar com isso pessoalmente quando se trabalha além da conta.* (PROFESSOR 2)

Para o Professor 2, o *Facebook* significa problemas pessoais e também ter que trabalhar mais.

Estas redes sociais não apenas possibilitam a interação, encontro de pessoas e desenvolvimento de relações sociais, mas se destacam por permitirem a criação de espaços de aprendizado coletivo, bem como de trocas de conhecimento e experiências de forma coletiva (MACHADO; TIJIBOY, 2005), desde que sejam dadas condições para isso.

Os dois professores consideraram muito viável a proposta com a utilização do *Facebook*. Para o Professor 1, além de considerar viável, disse que estas propostas contribuíram muito enquanto professor:

*Ah...contribui sim com certeza. Em discussões interessantes, conversas entre eles, alguma coisa que vou citar falo: "lembra lá da Ana, tal discussão..." aí eles retomam. Foi interessante, porque eles lembram e reforça...desperta o interesse deles. (PROFESSOR 1)*

É uma ferramenta que pode sim ser utilizada para fins pedagógicos e para compartilhar trocas de experiências entre professores e alunos. Muitos professores da rede não se encontram, não se conhecem, não conversam, e esta plataforma pode auxiliá-los neste aspecto também.

*O Facebook reúne algumas situações que podem melhorar a sua aula, contato com outros profissionais, partilhar experiências, utilizar outras ferramentas e combinar a utilização delas, como vídeos, arquivos. Isso é o mais legal do Facebook. Tudo que vier para ajudar o professor é sempre bem vindo. (PROFESSOR 2)*

*Método interessante, pois ta crescendo muitos cursos online, pra outros professores conversarem, tirem dúvida, trocar experiências. Conversar com professores de outras regiões. (PROFESSOR 1)*

Para os alunos, a relação com as TIC é bem mais resolvida em comparação com os professores. Isso se deve à geração dos "nativos digitais", nos quais eles já nasceram numa sociedade com recursos tecnológicos mais modernos e mais informatizados.

Mesmo assim, nem todos os alunos dessas duas escolas possuem acesso à internet em casa. Alguns têm o acesso por meio da operadora de celular, mas são proibidos de utilizá-los dentro das dependências da escola. Quando a pesquisadora propôs algumas aulas que utilizou TIC, os alunos demonstraram maior interesse e motivação para participarem da mesma.

Um ponto a se destacar é que não era apenas a falta de acesso à internet em casa e/ou na escola, mas muitos nem tinham equipamentos tecnológicos como celulares e computadores no seu dia-a-dia.

Infelizmente, o uso das TIC na educação ainda esbarra nas questões estruturais, na falta de equipamentos e manutenção. As TIC apresentam potencialidades para serem inseridas da escola, porém as figuras mais importantes de todo esse processo continuam sendo o professor e o aluno, sem uma predisposição e qualificação do professor, e sem o interesse e envolvimento do aluno, dificilmente ocorrerá um aprendizado significativo (MILANI, 2015).

Assim, fica exposto que se fazem necessárias mudanças na vida dos professores para que possam usar com mais frequência as TIC nas aulas de Educação Física. É preciso aumentar o tempo que o professor tem para preparar as aulas, melhorar as condições da estrutura da escola, melhorar a formação dos professores para assim, usarem as TIC em suas aulas.

#### 6.5.2 Concepções dos professores em relação à Educação Física escolar

Este subtópico abordará sobre o que pensam os dois professores a respeito da Educação Física na escola, em relação ao conteúdo Basquetebol, ao Currículo do Estado de São Paulo e ao Trabalho docente.

##### **A. Basquetebol**

O Basquetebol é um jogo desportivo coletivo disputado por duas equipes de cinco jogadores que tem como objetivo acertar a cesta adversária. Ele se integra a um rol de práticas que compõem a cultura corporal, e para tanto, é reconhecido como um dos conteúdos da Educação Física escolar.

Este conteúdo ainda é trabalhado em muitas escolas na concepção tradicional relacionada ao ensino tecnicista. Isso se deve, em parte, à grande influência que a história da Educação Física proporcionou aos professores que atuam nas escolas.

Nas observações e na entrevista feita pela pesquisadora neste estudo, pôde ser percebido alguns momentos que representam esta perspectiva esportivista

(influência do esporte no sistema educacional onde o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, o fim justificando os meios estão mais presentes, sendo a prática uma repetição mecânica dos movimentos esportivos.), e em outros, desenvolvimentista, ou seja, teoria baseada no desenvolvimento motor como principal meio para a aprendizagem.

Nesta abordagem é defendida a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da educação física (DARIDO, 1998). Grande parte do modelo conceitual desta abordagem relaciona-se com o conceito de habilidade motora. Para a abordagem desenvolvimentista, a Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação entre o aumento da diversificação e a complexidade dos movimentos (DARIDO, 1998).

Quando questionado na entrevista como era uma aula de basquetebol deles, o Professor 1 mencionou que:

*...os alunos não tem praticamente nenhuma habilidade com o basquetebol, começar do básico mesmo. Uma aula que eu inicio com uma atividade com alguma habilidade do basquete, seja em grupo, brincando de passe, alguma coisa que envolva passe, drible. E deixar eles experimentarem do jeito que eles acharem melhor e depois passo o que seria uma técnica do basquete. (PROFESSOR 1)*

Neste relato é perceptível a teoria desenvolvimentista nas aulas. Isso pode ser observado quando ele diz que os alunos não têm nenhuma habilidade e começa suas aulas enfatizando o movimento técnico correto do basquetebol, como exemplo, a técnica do arremesso.

Quando este mesmo professor continua em seu relato:

*Uma aula aprendendo pelo menos dois fundamentos, pra no final na aprendizagem, começar a questão do jogo, aí passando regras né?! Mas as aulas seriam por fundamentos e no final o jogo em si. (PROFESSOR 1)*

Além da abordagem desenvolvimentista, tem resquícios do ensino tradicional, no qual tem suas características dividir o jogo em fundamentos, e após o jogo propriamente dito. O contrário do que propõe a Pedagogia do Esporte.

Já o Professor 2 segue o Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo e se posicionou:

*Uma aula de basquete minha geralmente faço uma parte no caderno né?! E depois eu puxo pra parte prática aí eles vão fazer fundamento, eles vão fazer parte de jogo, eles vão discutir a questão*



*de regra, e as vezes utilizo algum jogo, relógio, como 21, pra fazer a iniciação desse trabalho com o basquete. Sigo o currículo então aproveito e vejo a parte de conceito que tem no caderno, depois a parte prática eu resolvo em quadra né?! Mas é uma parte assim meia breve, então eu procuro não ficar muito na classe pra inclusive por causa de preferência das crianças. Parte rápida que eu tenho que fazer pra depois levar pra quadra na parte prática que é preferencias das crianças. (PROFESSOR 2)*

Ele tem uma abordagem mais tradicional de ensino, fragmentando o conteúdo. Isso não atende às novas propostas pedagógicas de ensino (GALATTI, 2008; RODRIGUES; DARIDO, 2009; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014), que busca relacionar conhecimentos com origem em diferentes campos do conhecimento a fim de observar a realidade da prática esportiva e dos processos de ensino e aprendizagem do esporte. Além disso, analisam a relevância e adequação das práticas realizadas, apontando novas propostas de intervenção pedagógica, potencializando e otimizando a desenvolvimento esportivo do aluno em todas as dimensões, considerando ainda as possibilidades de educação através do Esporte, contribuindo para a sua formação (GALATTI, 2008).

Assim, com as novas propostas pedagógicas para a Educação Física escolar, quanto na Pedagogia do Esporte, o ensino do basquetebol deve estar atrelado com a concepção de cultura corporal, a qual considera o aluno como sujeito ativo do processo.

Tendo-se em vista a importância de oferecer uma maior abrangência referente ao conteúdo esporte nas aulas de Educação Física escolar, mostra-se relevante buscarmos em alguns autores que estudam a pedagogia do esporte as formas de desenvolvimento deste assunto, ou em outras palavras, entender como os estudos na área da pedagogia do esporte tratam a questão do que é essencial ensinar e como ensinar (BARROSO; DARIDO, 2009).

O professor 1 não conhecia esta proposta, diferentemente do Professor 2. Isso significa que apesar da boa formação inicial, ele não faz cursos sobre estas propostas e não participa de grupos de estudos com outros professores.

*Não conheço, estou meio desatualizado. Não tendo a especialização precoce, não tendo nada disso, minhas aulas são mais voltadas para pra aprender os esportes. Vivenciar e conhecer mesmo. (PROFESSOR 1)*

O Professor 2 conhecia as novas propostas, mas não utilizava integralmente em suas aulas. É possível perceber esta afirmação tanto em sua fala, quanto nas observações, sendo o discurso levemente diferente da prática. Nas suas palavras:

*...a perspectiva de ensino é que parte do jogo e não do fundamento, inclusive a parte do Currículo, os cursos que eu fiz de RedeFor, vai mais pautado nessa linha do jogo e não dos fundamentos de partes do jogo. Então conheço algumas coisas disso aí, algumas vezes eu uso, outras vezes eu uso o método tradicional das partes pro todo. Depende de como a turma reage. (PROFESSOR 2)*

Durante a implementação da pesquisadora deste conteúdo utilizando esta nova perspectiva de ensino, houve algumas resistências na participação nas aulas, mas a maior parte da turma participou. Foram aulas que os alunos não haviam tido ainda na escola. As atividades eram baseadas em jogos e brincadeiras, fazendo com que despertasse o interesse dos alunos em aprender e conhecer como é o jogo de Basquetebol.

Esta perspectiva é pautada na Pedagogia do Esporte, que tem como objeto de estudo e intervenção do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte (GALATTI; REVERDITO; SCAGLIA; PAES; SEOANE, 2014), podendo auxiliar os professores da escola com o ensino das modalidades esportivas.

Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) apontam que a aprendizagem do jogo conduz-se a partir da compreensão dos princípios dele e sua própria lógica na elaboração de ações táticas frente ao caráter situacional do jogo, tornando um aluno ativo do processo criando estratégias para resolver conflitos, jogadas, regras, espaço, ou seja, questões referentes ao jogo. Esta perspectiva serve como facilitadora durante o processo de ensino e aprendizagem do esporte.

Não é que seja “errado” dar aulas com características de repetição movimentos da modalidade, mas não é só isso que deve ser ensinado na Educação Física escolar. Precisa-se entender que o esporte na escola deve ser abordado para vivenciar, conhecer e reconhecer este fenômeno, e com a utilização de jogo para garantir uma aprendizagem significativa.

## **B. Currículo**

O currículo, segundo Sacristán (2000) é como o conjunto de objetivos de aprendizagem selecionados que devem dar lugar à criação de experiências apropriadas que tenham efeitos cumulativos avaliáveis, de modo que se possa manter o sistema numa revisão constante, para que nele se operem as oportunas reacomodações.

Ele relaciona currículo com as políticas educacionais de forma similar à relação que estabelece com as práticas pedagógicas, ou seja, ele emerge das políticas, mas as suas implicações nas práticas pedagógicas desencadeiam reflexões que afetam as políticas públicas e a inovação das práticas pedagógicas (BARROS, 2014).

O Currículo do Estado de São Paulo foi elaborado para servir de apoio ao trabalho pedagógico cotidiano e melhorar a qualidade do ensino público estadual, formar cidadãos e jovens autônomos, desenvolver principalmente as competências da leitura e da escrita, para assim prepará-los à sua ação cidadã e inseri-la no mundo de trabalho e na sua vida.

Para Castellani (2013), a proposta permitiu que a Educação Física rompesse com a prática do “rola-bola” e contribuiu para uma nova postura do professor e para que os conteúdos sejam os mesmos em todas as escolas do Estado de São Paulo. Além disso, o autor acredita que o Currículo considera muito pouco as particularidades regionais.

O Currículo do Estado de São Paulo consiste em um novo instrumento da política educacional adotada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP). Foi implementado no ano de 2008, com a finalidade de organização do ensino em todo o Estado e oferecer materiais de apoio para os professores. Segundo Barros (2014), a sua elaboração foi feita mediante um levantamento documental e técnico pedagógico, consultas a escolas e professores da rede, pretendendo sistematizar e divulgar boas práticas existentes nas escolas de São Paulo.

Em 2008 este Currículo chegou às escola em forma de jornal, em 2009 já foram distribuídos os cadernos dos alunos com textos explicativos, imagens e exercícios para fixação dos conteúdos. Já em 2010, passa a ser então o currículo oficial.

Segundo Ferreira (2014), a Educação Física neste currículo é compreendida na perspectiva cultural, priorizando as culturas juvenis dos alunos da escola e as práticas corporais atreladas a eles.

[...] entendemos que a Educação Física escolar deva tratar pedagogicamente de conteúdos culturais relacionados ao movimentar-se humano, porque o ser humano, ao longo de sua evolução de milhões de anos, foi construindo certos conhecimentos ligados ao uso do corpo e ao seu movimentar-se (SÃO PAULO, 2011, p. 224).

Partindo desta concepção, os jogos, as ginásticas, as danças e as atividades rítmicas, as lutas e os esportes são os eixos de conteúdos selecionados, sistematizados e tratados pedagogicamente no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Estas práticas são denominadas pelo Currículo como “cultura do movimento” (KUNZ, 1991).

Outro conceito muito presente no currículo é do “Se-movimentar”, também baseado em Kunz (1991), que trata o movimento como algo próprio de uma pessoa “carregados de suas emoções, desejos e possibilidades, não resultando apenas de referências externas, como as técnicas esportivas, por exemplo” (SÃO PAULO, 2011, p. 224). favorecendo as experiências dos alunos e dos professores ampliando, aprofundando e qualificando criticamente seus conhecimentos prévios.

No currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2009), o conteúdo do basquetebol é inserido no 7º ano do ensino fundamental – ciclo II, além de, em pequena escala, ser abordado no sexto ano com o tema Jogo e Esporte trabalhando a cooperação e a competição, e princípios gerais do esporte coletivo, no oitavo ano como uma modalidade que pode ser escolhida pela turma enfatizando sistemas táticos (ataque, defesa, proteção do alvo, e etc.) e no 9º ano o tema de organização esportiva.

Os temas são enfocados a partir da concepção teórica da disciplina, fundamentada nos conceitos de cultura corporal e “Se-movimentar” (aluno é autor de seus movimentos) (SÃO PAULO, 2009).

Analisando o Currículo do Estado de São Paulo, O material do 7º ano apresenta uma breve introdução histórica sobre esta modalidade, os seus fundamentos, regras, sistemas táticos capacidades físicas e aplicações no basquetebol, organização de campeonatos, propõe pesquisas, lições para casa, curiosidades, desafios e tópico para ampliação do conhecimento.

Os dois professores deixaram claro que seguem a risca o Currículo. O Professor 1, além da equipe gestora cobrá-lo, como é uma escola de tempo integral, ele tem uma supervisora que vai até às aulas e revista todos os cadernos dos alunos para ver se está preenchidos.

*Sigo o que está no caderninho. Acho a parte dos esportes coletivos em geral, interessante. Pra tá conhecendo acho adequado tá colocando o basquetebol assim como tantos outros que tem no Currículo. Então é adequado, faixa etária também, retoma o basquete no ensino médio. (PROFESSOR 1)*

*...na minha aula de basquete, assim como nos outros conteúdos, eu utilizo o que está programado no currículo né?!...(PROFESSOR 2)*

*É...como é alguma coisa como experiência minha é a primeira vez que é uma proposta curricular que realmente tenho que aplicar, então não tem outra coisa com que eu possa comparar a não ser com o meu trabalho antes. Então eu acho boa inclusive por causa da parte do material e o que a gente pode enriquecer por fora é a parte de vídeo, a parte de apresentação de Power point, alguma outra informação que a gente pode ter a gente traz de fora pra enriquecer o que já tem. (PROFESSOR 2)*

Nestas falas, dá para perceber que eles seguem o Currículo, pois se não o fizerem, são punidos pelos seus superiores. Barros (2014) cita em seu trabalho que:

O Currículo do Estado de São Paulo determina as orientações a serem seguidas pelos gestores e professores sem conferir-lhes autonomia, prevendo a coordenação de ações entre as disciplinas, tratando-se assim, de uma camisa de força, no qual conteúdo e forma constituem partes articuladas subordinadas ao instrumento pedagógico, sendo os professores meros executores dos materiais didáticos. (BARROS, 2014, p. 49)

Seria difícil o professor ser detentor de todas as informações para desenvolver o currículo nas diversas áreas. Pensando assim, o Currículo vem como uma forma de apoiar os professores nas suas aulas, mas não devem utilizá-lo como controlador de sua prática. As TIC nas escolas também tem este objetivo. Alguns professores ficam presos a este material, não inovando e nem evoluindo a sua prática.

Durante a observação das aulas, constatou-se que o Professor 2 ditava as respostas para seus alunos preencherem o caderno do aluno, ou seja, o mais importante é responder certo do que permitir ao aluno que ele construa seus próprios conhecimentos e respostas. Observou-se que estes alunos não queriam

fazer muita coisa, queriam ir para a quadra, e como o professor é obrigado a desenvolver o Currículo, acaba ditando as respostas para seus alunos.

A partir disso, dá para se concluir que em muitas escolas, o Currículo do Estado de São Paulo não é bem implementado, e sim é utilizado como uma obrigação a seguir, tanto pelos professores, quanto pelos alunos.

Este professor ainda aponta em sua fala:

*“Antes ter este Currículo do que não ter nada”* (PROFESSOR 2)

Em relação ao ensino do conteúdo Basquetebol a partir do Currículo, com os dois professores, foi observada a primeira parte da aula sendo teórica, preenchendo o caderninho e apresentando o tema dentro da sala de aula, e a parte prática na quadra.

Isso pode ser observado no estudo de Barros (2014), que evidencia que as aulas conceituais eram desenvolvidas na sala de aula e as aulas ocorridas na quadra, houve ênfase para o desenvolvimento de conteúdos procedimentais.

A partir disso pode-se concluir que o Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo se aproxima da dimensão conceitual, e os professores utilizam-na separando da prática, sendo seguida como obrigação dentro da escola.

Isso foi ainda mais evidente quando os professores só deixaram a pesquisadora desenvolver seu trabalho nas suas respectivas escola, devido ao fato das propostas elaboradas por ela estarem adequadas com o período e conteúdo existente no Currículo.

### **C. Formação dos professores e condições de trabalho**

Atualmente, a sociedade exige do professor outras formas de dedicação à aprendizagem, que precisam ser contínuas e de qualidade, visto que o formador possui um papel fundamental na mediação entre o conhecimento culturalmente produzido pela humanidade e os alunos (DINIZ, 2014). Entretanto, o professor encontra inúmeras dificuldades para incluir as ferramentas tecnológicas no contexto de aprendizagem.

Uma das causas é a formação inicial que nem o Professor 1 e nem o Professor 2 tiveram disciplinas durante sua graduação que os ajudassem a manipular ferramentas tecnológicas.

*Não, durante a minha formação eu tive vídeos, mas especificar como utilizar em aula não. (PROFESSOR 1)*

*No meu tempo não tinha isso; em 1987, não existia computador em casa. E se existia tinha que fazer curso de programação e não de utilização. Antigamente você tinha que ser um programador pra utilizar o computador. Hoje em dia não. (PROFESSOR 2)*

Portanto, se não tiveram disciplinas específicas para o uso das TIC em sua formação inicial, eles precisaram de cursos como formação continuada que apresentassem como os alunos aprendem e quais são as ferramentas e os seus recursos.

Neste caso, tanto o professor da Escola 1 quanto o professor da Escola 2 buscaram cursos que os auxiliassem para a inserção das TIC em suas aulas, mas parecem não ter sido suficientes.

*Eu fiz um curso de pós graduação de metodologia do ensino à distância, que a gente usava algumas coisas disso aí, usava videoaulas, outros materiais mais avançados, mas mais voltados pra curso feito pra longa distância. Até poderia ser usado na escola, mas lembrando que não são todos os alunos que tem acesso a internet e computador em suas casas né?! (PROFESSOR 2)*

*Sim. Aqui na rede oferece cursos e que envolvem as tecnologias, mas tem específico chamado Currículo mais que acessa a rede e acessam conteúdos de outras aulas, outros conteúdos que outros professores postam. (PROFESSOR 1)*

Nas falas, foi possível perceber que os professores já estão sendo inseridos neste universo das TIC dentro das escolas, mas ainda falta muito para que possam ter condições para isso. Começando pelas condições de trabalho que estes professores possuem. Ferreira (2014) cita em seu trabalho que muitos professores atualmente não possuem uma estrutura física e materiais adequados, o salário não é valorizado pelos professores e governantes e seu trabalho é desvalorizado socialmente.

Muitos ainda não têm tempo para frequentar cursos para sua formação continuada, pois têm jornada dupla, tripla, casa, filhos, família; encontram vários problemas no ambiente escolar como a desmotivação e desinteresse dos alunos pelas aulas; entre outras características específicas dos professores de cada

contexto (BELLONI, 2005; CHANAN; NASCIMENTO; CHANAN, 2006; SILVA, 2011, DINIZ, 2014; FERREIRA 2014; GERMANO, 2015; MILANI, 2015).

No caso do Professor 1, como ele é professor na escola de tempo integral, ele só trabalha até o meio da tarde, tendo teoricamente mais tempo que o Professor 2 que possui uma carga horária maior, além de trabalhar em outro ramo quando não está na escola.

Foi possível perceber também a desmotivação dos professores em se empenhar em novas propostas, um cansaço aparente provocado pela rotina do trabalho. Noronha (2001) salienta que, além disso, muitas tarefas que a escola designa ao professor, vão muito além do que ele recebeu em sua formação inicial, extrapolando o que é próprio de sua atuação.

A falta de recursos tecnológicos nas escolas dificulta a inserção das TIC e o trabalho docente. No caso deste estudo, observou-se mais dificuldades de uso na Escola 2, devido ao fato que ainda falta estrutura e investimentos para a compra de materiais e equipamentos tecnológicos suficientes para atender a maioria dos alunos.

*Na nossa escola tem um datashow, sala de informática com 10 computadores, mas só 5 estão funcionando. Notebook para os alunos só uma menina que tem que tem problema visual. Um notebook para o professor, na sala dos professores também tem dois. (PROFESSOR 2).*

A diferença de uma escola a outra em relação aos recursos é grande, mas de nada adianta ter estas possibilidades e não aproveitá-las em suas aulas.

Alguns apontamentos neste sentido aparecem no estudo de Sebriam (2009), em que 64% declaram que as escolas nas quais trabalham não oferecem as condições necessárias para utilização das TIC em contexto educativo; 60% não conhecem as vantagens pedagógicas da utilização das TIC junto aos alunos; 56% apontam não ter recebido formação em TIC e desconhecem as suas potencialidades.

Assim, estes professores demonstraram que dominam muitos recursos tecnológicos, buscam se aperfeiçoarem em cursos presenciais e online, e utilizam, na medida do possível, TIC em suas aulas, mas ainda encontram algumas dificuldades nas condições que hoje as escolas enfrentam, principalmente as escolas públicas. (SEBRIAM, 2009; FERREIRA, 2014).



Entretanto, conclui-se nesse item que muitos professores ainda precisam de mais possibilidades de cursos para utilizar adequadamente as TIC em suas aulas, para motivar a aprendizagem por meio destas ferramentas, além de estrutura e recursos em boas condições de uso para auxiliá-los em sua prática pedagógica.

## 7. Considerações finais

Este estudo apresentou três objetivos: 1) Mapear as dificuldades de dois professores de Educação Física do 7º ano do Ensino Fundamental – ciclo II, da rede pública de uma cidade no interior de São Paulo em relação ao ensino do conteúdo Basquetebol na perspectiva da cultura corporal e em relação ao uso das TIC; 2) Elaborar e implementar um material didático utilizando as TIC para o ensino do Basquetebol, complementar ao currículo de Educação Física do Estado de São Paulo; 3) Disponibilizar este material no grupo criado no *Facebook* e avaliar as suas possibilidades, junto aos dois professores.

A partir disso, o presente estudo tentou responder algumas perguntas, tais como: Quais as dificuldades que os professores têm no ensino do basquetebol na perspectiva da cultura corporal? Os professores estão preparados para utilizarem as novas tecnologias nas aulas de Educação Física? Quais as dificuldades que os professores têm no uso das TIC? Novas metodologias para o ensino do basquetebol os ajudariam? O *Facebook* pode ser uma ferramenta para se disponibilizar propostas de aulas?

Para isso este trabalho foi desenvolvido em três etapas distintas. Em sua primeira etapa foi realizado um mapeamento das dificuldades dos dois professores através das observações e entrevistas antes da implementação em relação ao ensino do conteúdo Basquetebol na perspectiva da cultura corporal e ao uso das TIC. A segunda etapa da pesquisa foi caracterizada pela elaboração do material didático utilizando TIC para o ensino do Basquetebol complementar ao currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. E na terceira e última etapa este material foi disponibilizado no grupo criado no *Facebook* chamado “Basquetebol e TIC na escola” e os professores comentaram e avaliaram as possibilidades deste material em suas aulas e interação no grupo. Ao final da pesquisa, os professores avaliaram o impacto do material proposto por meio de uma entrevista, gravada em áudio, e na utilização das TIC, em particular do *Facebook*.

A análise dos dados ocorreu por meio da observação das aulas dos professores, das aulas implementadas pela pesquisadora, análise dos comentários realizados no grupo do Facebook e entrevistas semiestruturadas com os dois professores antes e após a implementação.

Os resultados expressos culminaram em duas categorias de análise, sendo elas: Diagnóstico, realidade, dificuldades e TIC e Concepções dos professores em relação à Educação Física na escola.

Com a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação na escola, novas propostas de ensino vêm sendo estudadas que é o caso deste trabalho. A partir dos pressupostos encontrados, estabelece-se que o Currículo não tem a função de dependência por parte do professor em sua utilização, e sim deve ser compreendido como um ponto de referência, um auxílio para o enriquecimento de suas aulas, de modo que é o professor quem seleciona e indica a aquisição, organizando seu trabalho em sala de aula, selecionando saberes e conteúdos que podem estar inseridos no material.

A principal prerrogativa do trabalho foi a contribuição do estudo para o professor durante a sua prática pedagógica, ilustrando possibilidades de auxílio ao professor na inclusão de conceitos e valores durante suas aulas utilizando as TIC, pois de alguma forma, o aluno, além de conhecer e saber a prática (o que ocorre com a maioria deles, não todos), é possível integrar os conceitos, história, valores e atitudes durante o âmbito da prática esportiva, valorizando a aprendizagem significativa e a ampliação das dimensões dos conteúdos.

Para os professores, estas propostas de aulas utilizando as TIC teve um papel muito significativo para sua prática pedagógica, permitindo a eles visualizarem aspectos didático-pedagógicos dos conteúdos, apresentando uma diversidade de estímulos e abrangência de variadas formas de se compreender as dimensões dos conteúdos ao longo do processo de ensino-aprendizagem das aulas de Educação Física.

Foi encontrado também, que os professores participantes desta pesquisa tinham ainda em suas aulas resquícios da abordagem esportivista e o outro desenvolvimentista, sendo possível visualizar isso em suas aulas durante as observações.

Em relação ao uso das TIC, estes professores, durante as observações, não utilizaram qualquer tipo de recurso tecnológico pertencente às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, como vídeos, redes sociais, blogs e etc., mas na entrevista semiestruturada realizada antes da implementação das quatro aulas elaboradas para o ensino do basquetebol a partir da análise do Currículo e das

observações, os professores não apresentaram dificuldades no manuseio dessas tecnologias.

Eles durante sua formação inicial, não tiveram aulas com TIC e muito menos disciplinas que os ensinassem a utilizá-las. Já na formação continuada de ambos, as escolas que eles lecionam, juntamente em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, investem e apoiam em cursos *online* para que possam construir conhecimento a partir dessas ferramentas.

Sobre o uso de redes sociais, um possui perfil, e o outro a pesquisadora teve que fazer para ele poder participar da pesquisa, mas já havia tido perfil há alguns anos atrás, ambos apenas utilizando para fins pessoais.

Nesta pesquisa, a rede social *Facebook* foi utilizada, porém apenas para o material elaborado ser disponibilizado e para haver o compartilhamento de informações, pois o *Facebook* é um canal de comunicação mais aberto, sendo preferível meio de comunicação entre alunos e professores.

Na opinião dos participantes, a utilização desta ferramenta para estes fins, é viável, até porque eles dizem que os alunos gostam de manusear estas ferramentas, e em relação às postagens das aulas e as discussões proporcionadas pelo *Facebook*, é sim uma maneira muito interessante de até mesmo conhecer outros professores da rede pública estadual e trocar experiências. Neste caso, as trocas de experiências foram mais na questão estrutural da escola.

Houve também algumas limitações apresentadas ao longo do presente estudo. As turmas que foram desenvolvidas os estudo, tinham um número grande de alunos, 35 e 38 alunos cada. Com isso, as propostas elaboradas pela pesquisadora, utilizavam as TIC, e com isso, sentido, a falta de equipamentos e a proibição do uso de aparelhos móveis dentro da escola foram fatores que dificultaram durante a elaboração do material e na implementação das aulas.

Tratando-se do conteúdo Basquetebol, o ensino dos professores ainda é pautado na perspectiva tecnicista, com atividades fragmentadas e com caráter de reprodução de movimentos.

O material foi compilado a partir do que não foi encontrado na análise do conteúdo Basquetebol no Currículo do Estado de São Paulo e para apresentar novas propostas que saia dessa perspectiva tecnicista. Contudo, possibilitou-se aos

alunos a vivência do basquetebol a partir de perspectivas oriundas das três dimensões dos conteúdos.

Um dos professores participantes avaliou ser tão significativa a aula compilada com atividades na perspectiva da Pedagogia do Esporte, que as utilizam para o ensino de outros conteúdos, além do Basquetebol, como é o caso do Handebol.

Os professores ainda possuem dificuldades em utilizar algumas ferramentas tecnológicas em suas aulas, devido à falta de alguns recursos e por não terem tido acesso durante sua formação inicial e na sua formação continuada muito pouco acesso. Verificou-se, também, que a utilização de redes sociais está presente no cotidiano destes professores, mas não em sua prática pedagógica.

Em relação à disponibilidade de propostas pedagógicas no grupo criado na plataforma digital, o *Facebook* se mostrou uma ferramenta viável, por ser uma ferramenta de fácil acesso e comunicação, além de permitir postagens e interatividade.

O estudo ilustrou também algumas possibilidades de inter-relação do basquetebol nas aulas de Educação Física por meio da explícita consideração das três dimensões dos conteúdos, a partir da compilação de novas propostas de ensino. Há ainda inúmeras outras possibilidades que podem ser desenvolvidas, tendo em vista a imprevisibilidade da prática pedagógica e a consideração de cada contexto.

Neste sentido, apesar das dificuldades, considera-se que foi significativo o estudo para a concepção das novas propostas pedagógicas para o ensino do Basquetebol e no uso do *Facebook* como meio de disponibilidade de aulas e trocas de experiências entre docentes.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Org.) **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: MEC, 1997. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000701.pdf>>. Acesso em 20 de janeiro de 2014.
- ALTOÉ, A.; SILVA, H. O Desenvolvimento Histórico das Novas Tecnologias e seu emprego na Educação. In: ALTOÉ, A.; COSTA, M. L. F.; TERUYA, T. K. **Educação Novas Tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005, p 13-25.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARROS, A. M. de. **Os conteúdos e a prática pedagógica dos professores de Educação Física**: análise do currículo do estado de São Paulo. 2014. 193f. Tese (Doutorado) - Curso em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- BARROSO; A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: Conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2. trim. 2009.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- BENTO, J. O. et al.. **Contextos da pedagogia do desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BETTI, M. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. Campinas, SP: Papirus, 1998. 159 p.
- BETTI, M. Educação Física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física**. V.18, n.2, p. 207-217, 2007.
- BETTI, M. **Educação Física escolar**: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Unijuí, 2009.
- BETTI, M. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar. **Motriz**, São Paulo, v. 7, n. 2 p.125-129, jul./dez. 2001.
- BIANCHI, P; PIRES, G. L. Possibilidades para o ensino-aprendizagem com Tics na Educação Física escolar: uma experiência com blogs. **Cadernos de Formação RBCE**, p.45-55, mar. 2010.

BRACHT, V. A Educação Física brasileira e a crise da década de 1980: entre a solidez e a liquidez. In: MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. Campinas: Papirus, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BRASIL. **Lei número 10.793**, de 1º de dezembro de 2003. Publicado no Diário Oficial da União em 2 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/2003/10793.htm>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

BRASIL. **Ministério do Esporte**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snelis/segundotempo/default.jsp>>. Acesso em 30 dez. 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: Educação Física/ Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. **Secretaria Nacional de Esporte Educacional**. Ministério do Esporte. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snee/default.jsp>>. Acesso em 28 dez. 2015.

CARVALHO, A. O. **Ginástica na escola e a utilização da tecnologia audiovisual (vídeo)**. 2012. 147f. Dissertação (Mestrado) – Curso em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

CASTELLANI, R. M. Nova proposta curricular do estado de São Paulo: limites e virtudes. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 1, p. 235-251, jan./mar. 2013.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CHAMPANGNATTE, D. M. O.; NUNES, L. C. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982011000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 nov. 2015.

CHANAN, D. S.; NASCIMENTO, R. J.; CHANAN, A. A. C. **As tecnologias da informação e da comunicação nas aulas de educação física em colégios de ensino médio em Londrina – Paraná – Brasil**, 2006. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISICA/artigos/TICS\\_EDF.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/TICS_EDF.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

COLL, C.; MAURI, T.; ONRUBIA, J. A Incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Orgs.). **Psicologia da Educação Virtual: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 66- 96.

COLL, C.; POZO, J. I.; SARABIA, B.; VALLS, E. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL (CBB). **História Oficial**. Rio de Janeiro: CBB, 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL (CBB). **Regras oficiais de basketball e manual dos árbitros**. Rio de Janeiro: CBB, 2015.

COSTA, L. C. A. Pedagogia do basquetebol: diferentes abordagens. In: **Basquetebol na escola: uma proposta didático-pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

DAIUTO, M. B. **Basquetebol: metodologia do ensino**. 5ª ed. São Paulo: Brasipal, 1983.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S. C. Apresentação e Análise das Principais Abordagens da Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 20, set. 1998.

DARIDO, S. C. Linguagens, códigos e suas tecnologias. **Secretaria de Educação Média e Tecnológica**. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos PCNs. Brasília: MEC, SEMTEC, 2002, p.139-179.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64– 79, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O Contexto da Educação Física na Escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2007. v. 1. 349p.

DE PABLOS, J. P. Visões e conceitos sobre a tecnologia educacional. In: SANCHO, J. M. (Org.). **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.



DEMO, P. Conhecimento, Tecnologia e Formação dos Professores das Séries Iniciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23, 2000. Caxambu, MG. **Anais**. Caxambu, MG, ANPEd, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/te13a.PDF>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

DIAS, C.; COUTO, O. F. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 631-648, set./dez. 2011.

DINIZ, I. K. S. **Blog educacional para o ensino das danças folclóricas a partir do currículo de Educação Física do Estado de São Paulo**. 2014. 215f. Dissertação (Mestrado) - Curso em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2014.

DUARTE, F.; KLAUS, F. Redes Urbanas. In: DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. **O Tempo das Redes**, p. 156. Editora Perspectiva, 2008.  
ELDON, E. Growth Puts Facebook In Better Position to Make Money, **Venture Beat**, dezembro de 2008.

FERREIRA, A. E.; DE ROSE JÚNIOR, D. **Basquetebol: técnicas e táticas**. São Paulo: EPU/Edusp, 1987.

FERREIRA, A. F. **Os jogos digitais como apoio pedagógico nas aulas de Educação Física escolar pautadas no Currículo do estado de São Paulo**. 2014. 129f. Dissertação (Mestrado) - Curso em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2014.

FERREIRA, H. B.; GALATTI, L.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. Tradução: Juan Acuña Lorens. Porto Alegre. 2. ed. Porto alegre, 1996.

FORQUIN, J. C. **Currículo e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**. v. 26, n. 03, p. 335-352, dez. 2010.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Fundamental**, Porto Alegre, v. 14, p. 6-9, 2010. Disponível em: <[www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6315/as-tecnologias-e-a-verdadeirainovacao.aspx](http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6315/as-tecnologias-e-a-verdadeirainovacao.aspx)>. Acesso em: 23 fev. 2015.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte**: discutindo o processo de ensino-aprendizagem na modalidade basquetebol. 2002. 98f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

GALATTI, L. R.; FERREIRA, H. B.; SILVA, Y. P. G.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 397-408, jul. 2008.

GALATTI, L. R.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 1. Trim, 2014.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 2. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1995. p. 11-25.

GERMANO, V. A. C. **Educação física escolar e currículo do estado de São Paulo**: possibilidades dos usos do celular como recurso pedagógico no ensino do Hip Hop e Street dance. 2015. Dissertação (Mestrado) – Curso de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2015.

GIACOMAZZO, G. F.; FIUZA, P. J.; SANTOS, C. R.; DIAS, A. T. B. B.; NICOLEIT, E. R.; ZANETTE, E. N. Aplicações para a ferramenta de avaliação online Quiz na UNESC. **Revista Novas Tecnologias na Educação**. Rio Grande do Sul. V. 8, dezembro, 2010.

GINCIENE, G. **A história do esporte, os valores e as Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino do atletismo**. 2016. Tese (Doutorado) - Curso de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Departamento de Educação Física, Unesp - Rio Claro, Rio Claro, 2016.

GINCIENE, G. **A utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino dos 100 metros rasos**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Departamento de Educação Física, Unesp - Rio Claro, Rio Claro, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E.; FENSTERSEIFER, P. E. Sentidos e significados do ensino do esporte na educação física escolar: deslocamentos históricos e proposições contemporâneas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B. **Legados do Esporte brasileiro**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2014.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. Esportes de invasão. 1. ed. Maringá: **Eduem**, 2014.

GUIMARÃES, C. A lição digital. **Época**. São Paulo. Sociedade Educação, p. 80–87, 10 de jan. de 2011.

- KAWAMURA, L. **Novas tecnologias e Educação**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 6. ed. Campinas/São Paulo: Papyrus, 2010.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distancia**. Campinas, SP: Papyrus, 2003a.
- KENSKI, V. M.. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, 2008, vol.29, n.104, p.647-665.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MAANEN, V. J. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Quaterly Science**. v. 24, n. 4, p. 520-526, dez. 1979.
- MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A. V. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS. Porto Alegre, v.3, n.1, mai., 2005. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13798/7994>> Acesso em: 25 de fev.de 2015.
- MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.
- MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.
- MARQUES, A. O treino dos jovens desportistas. Actualizações de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Porto. Vol. 1, jan. 2001.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 19. ed. Campinas: Papyrus, p. 133-173, 2011.
- MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato educacional. 1ª ed, 2013.
- MC LUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MELO, S. C.; BRANCO, E. S. O uso das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de educação física. In: Congresso Nacional de Educação – EUCERE, 5., 2011, Curitiba. **Anais...**, Curitiba, nov. 2011, p. 2990-3000.

MILANI, A. G. **Gênero nas aulas de educação física: diálogos possíveis com os conteúdos do currículo do estado de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Curso de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2015.

MINHOTO, P. M. L. V. **A utilização do Facebook como suporte à aprendizagem da biologia: estudo de caso numa turma do 12º ano**. 2012. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Bragança. 2012.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 19. ed. Campinas: Papirus, 2011.

NORONHA, M. M. B. **Condições do exercício profissional da professora e os seus possíveis efeitos sobre a saúde: estudo de casos das professoras do ensino fundamental em uma escola pública de Montes Claros**. 2001. 157f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Federal de Minas Gerais/Universidade de Montes Claros, Belo Horizonte/Montes Claros, 2001.

OLIVEIRA, A. M.; LUDWIG, L.; FINCO, M. D. Proposta pedagógica do uso das TICs como recurso interdisciplinar. In: XXII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO E XVII WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA. **Anais...Aracajú**, SE Universidade Federal de Sergipe, 2011.

PAES, R. R.; **Aprendizagem e competição precoce: o caso do Basquetebol**. Campinas: Unicamp, 1997.

PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C.; FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2009.  
PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. **NCB University Press**, v. 1, n. 5, out. 2001. Disponível em: < <http://pdfcast.org/pdf/nativos-digitais-imigrantes-digitaismarc-prensky>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PRETTO, N. L. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. Campinas: Papirus, 2008.

RANGEL BETTI, I.C. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz**, v. 1, n.1, p.25-31, 1995.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

RIBAS, C.C.; ZIVIANI, P. Mediação, circulação e uso da informação no contexto das redes sociais. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 1-19, junho de 2008.

RODRIGUES, H. A. **Basquetebol na escola: construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático**. 2009. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. **Basquetebol na escola: uma proposta didático-pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pesquisa-ação e educação física escolar: analisando o estado da arte. **Pensar a prática**. v. 17, n. 1, p. 01-294, jan./mar. 2014.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Tradução de E. F. F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANCHO, J. M. A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência. In: SANCHO, J. M. (Org.). **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artmed, p. 22-49, 1998.

SANCHO, J. M. De tecnologias da informação e comunicação à recursos educativos. In: SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F.; et al. **Tecnologias para transformar a educação**. Tradução V. Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Caderno do aluno: educação física, ensino fundamental – 6ª série, volume 1 e 2**. São Paulo: SEE, 2009.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: SE, 2010. 260 p.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE/SP). **Edição Especial da Proposta Curricular**. Revista do Professor. São Paulo: IMESP. 2008.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. A contribuição da pedagogia do esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B. **Legados do Esporte brasileiro**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2014.

SEBRIAM, D.C.S. **Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino de Educação Física**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Curso em Engenharia de Mídias para a Educação – EUROMIME – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, Universidade Nacional de Educação a Distância, Espanha, Universidade de Poitiers, França – Portugal, Espanha e França.

SILVA, A. C. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, jul./set. 2011.

SILVA, M. R.; PIRES, G. de L. Educação Física e tecnologias digitais: formação profissional, práticas educacionais e socioculturais. **Motrivivência**. v. 22, n. 34, p. 6-11, 2010.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA DE SENA, D. C. As tecnologias da informação e da comunicação no ensino da Educação Física escolar. **Hipertextus**. v. 6, n. 1, p. 1 – 12, 2011.

TAVARES, W.; DE PAULA, H. C.; DE PAULA, A. P. P. Comunicação e Interação no Ensino Através do Uso de Redes Sociais Virtuais. **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS, Porto Alegre. V. 11. n. 3, dezembro, 2013.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 396 p.

TUBINO, M. J. G. (1975) apud GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E.; FENSTERSEIFER, P. E. Sentidos e significados do ensino do esporte na educação física escolar: deslocamentos históricos e proposições contemporâneas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B. **Legados do Esporte brasileiro**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2014.

VALENTE, J. A. As tecnologias e a verdadeira inovação. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, v. 14, p. 6-9, 2010. Disponível em: <[www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6315/as-tecnologias-e-a-verdadeirainovacao.aspx](http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6315/as-tecnologias-e-a-verdadeirainovacao.aspx)>. Acesso: 12 fev. 2015.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**APÊNDICES**  
**APÊNDICE A – PROPOSTAS DE AULAS**

**PLANO DE AULA - Nº1**

**Tema da Aula:** Aspectos históricos e contextualização do Basquetebol.

**Objetivo(s) Específicos da Aula:** apresentar a modalidade para que os alunos conheçam o que é e como surgiu este fenômeno esportivo.

**ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS**

**Roda inicial:** Será apresentado o tema da aula aos alunos e sobre o que será trabalhado em aula. Como o primeiro tema é apresentar a modalidade, a primeira atividade será montar uma apresentação/encenação de como eles acham que surgiu o basquetebol.

**Vivência:** Os alunos serão divididos em 3 grupos de 6-8 alunos e terão 20 minutos para se prepararem para a apresentação da turma. A partir do conhecimento anterior, a professora apresentará um vídeo que retrata alguns aspectos históricos da modalidade. Após os alunos assistirem, haverá um quizz com perguntas referentes ao que foi mostrado no vídeo. Será dividida a turma em duas/três equipes para responder o *quizz*. Para chegar até a professora, terão que ir fazendo algum movimento que eles acham é do basquetebol. Quem chegar na linha demarcada pela professora, terá que arremessar. Quem acertar primeiro, responde.

**Parte final:** Discussão final sobre a atividade, retomando o que foi apreendido e conhecido por eles, trazendo fatos que ocorreram durante toda a aula nos aspectos atitudinais, buscando também a explicação dos elementos encontrados durante a execução da atividade do Quizz.

**QUIZZ**

1- Em que ano surgiu o basquetebol?

- a) 1891;
- b) 1999;
- c) 1895;
- d) 1960

2- Onde foi criado o basquetebol?

- a) Pittsfield
- b) Greenfield
- c) Springfield
- d) Rio Claro Field

3- Quem inventou o basquetebol?

- a) Oscar Schmidt;
- b) Michel Jordan;
- c) Hortência;
- d) James Naismith

4- Qual o motivo que fez o professor criar esta modalidade?

- a) Porque precisava de um esporte que pudesse ser praticado em local gelado, devido ao verão rigoroso;
- b) Porque precisava de um esporte de arremesso;
- c) Porque o professor gostava de arremessar papel no lixo;
- d) Porque precisava de um esporte que pudesse ser praticado em local fechado, devido ao inverno rigoroso.

5- A primeira cesta que foi feita era de:

- a) Maçã;
- b) Pêssego;
- c) Limão;
- d) De lixo

6- Qual é a altura da cesta?

- a) 2m;
- b) 3m05cm;
- c) 8m05cm;
- d) 1m80cm



7- Quantos jogadores são em cada time?

- a) 6;
- b) 11;
- c) 5;
- d) 9

8- A primeira partida de basquete em uma Olimpíada foi em que ano e onde?

- a) 1896 Atenas;
- b) 1996 Atlanta;
- c) 1936 Berlim;
- d) 2000 Sidney

9 – O que significa basquetebol?

- a) Bola ao cesto;
- b) Bola no gol;
- c) Bola na rede;
- d) Bola no chão

10- O que tem que fazer para marcar o ponto no basquetebol?

- a) Chutar a bola;
- b) Sacar a bola;
- c) Arremessar a bola;
- d) Passar a bola

11- O basquetebol é um esporte:

- a) individual;
- b) em grupo;
- c) sozinho;
- d) coletivo

12- Qual esporte foi substituído quando o basquetebol foi criado?

- a) voleibol;
- b) rugby;

c) ginástica;

d) futebol americano

**Vídeo utilizado:**

**História do Basquetebol**

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=rUKUy-9svwI>

## PLANO DE AULA - Nº2

**Tema da Aula:** Compreendendo o jogo de basquetebol.

**Objetivo(s) Específicos da Aula:** possibilitar a vivência dos alunos através de mini-jogos para que facilitem na compreensão deles no entendimento da lógica interna da modalidade, enfatizando sempre que o basquetebol é um jogo de invasão.

### ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

**Roda inicial:** conversa com os alunos sobre o basquetebol como modalidade esportiva, retomando a aula anterior, e as adaptações que podem ser feitas nas aulas de Educação Física para facilitar a sua aprendizagem:

- Qual é o objetivo do basquetebol?
- Qual o principal movimento para realizar o ponto?
- Como se faz para chegar até o alvo adversário?
- Quais as posições dos jogadores?

Explicação sobre o passe, drible, arremesso, como as principais habilidades utilizadas no basquetebol. Enfatizar que nos jogos que eles vivenciarão, poderão arremessar a bola do modo que desejarem, sem se preocupar com a técnica dos movimentos utilizados na modalidade.

#### **Vivência:**

- Primeiro conhecer a quadra: andar pelas linhas da quadra de basquetebol, e ao comando da professora, mudar de direção e fazer o movimento que a professora falar (andar/correr de frente; andar/correr de costas, de lado, etc.) – domínio do corpo e reconhecimento das linhas da quadra de basquetebol;
- Pic Bandeira Basquetebol: divide-se os alunos em dois grupos; colocam-se duas bolas dos dois lados da quadra em baixo de cada tabela. O objetivo dos times é pegar a bola no campo do adversário e fazer a cesta no seu próprio lado através de passes entre os integrantes da equipe. Quando estiverem pegando a bola no campo adversário, os alunos que forem pegos devem voltar para seu próprio campo e continuar o jogo;
- Gato e rato: os alunos fazem um círculo, tem um pegador e um fugitivo dentro do círculo, ambos com bola. O fugitivo tem que driblar a bola pelo menos 3 vezes e se salva passando-a para um aluno no círculo, que passa então a ser o pegador. Na variação o fugitivo tinha que fazer zigue-zague em pelo menos duas pessoas;

- Cesta no arco: Dividir os alunos em 4 grupos de 8 pessoas cada. Cada dois grupos ficam em uma metade da quadra. Dois arcos serão dispostos em cada lateral, do lado de fora da quadra. O objetivo do jogo é a equipe que está com a bola colocá-la dentro do arco adversário e a equipe que está defendendo tem que impedir;

Após essas atividades, os alunos vão se dividir em dois times e um de cada grupo terá que filmar o jogo pelo celular. Assim que filmado, o aluno vai enviar via *bluetooth* para a pesquisadora e ela apresentará à turma para discutir o que aconteceu. Esta atividade é para discutir posicionamento, quantidade de jogadores, discutir algumas regras, ética no esporte, a não violência etc. Obs: Se houver tempo, retorne com os alunos para a quadra e apresente o jogo de basquetebol propriamente dito.

- Outra atividade é os alunos assistirem um vídeo de um jogo de basquetebol, os 4 primeiros minutos, e analisarem quais fundamentos eles encontram, pontuação, etc, e trazer para a professora.

**Parte final:** Reflexão sobre as vivências, a partir das seguintes questões:

- O que vocês acharam de jogar nas mini-quadras?
- É importante que haja cooperação entre os membros da equipe para atingir os objetivos indicados? Houve cooperação entre vocês?
- Todos tiveram possibilidades de tocar na bola e efetuar passes para a quadra adversária?
- O que vocês acharam do jogo com as variações que vivenciamos?
- Qual foi mais fácil ou mais difícil? Por quê?
- Vocês utilizaram o diálogo para adequar o posicionamento dos membros da equipe? Houve respeito entre todos? Alguém se sentiu excluído da atividade em algum momento? Por quê?

## PLANO DE AULA - Nº3

**Tema da Aula:** Basquetebol em cadeira de rodas

**Objetivo(s) Específicos da Aula:** conhecer e vivenciar o basquetebol em cadeira de rodas, bem como algumas dificuldades enfrentadas pelos jogadores dessa modalidade, além de conhecer outras modalidades existentes praticadas por cadeirantes.

### ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

**Roda inicial:** apresentar o tema da aula. Dividir a turma em 6 grupos e pedir aos alunos que eles pesquisem no *netbook* ou computador quais são as modalidades esportivas que são praticadas por cadeirantes (**Basquetebol em cadeira de rodas, Tênis em cadeira de rodas, Tênis de mesa em cadeira de rodas, Atletismo em cadeira de rodas e Esgrima em cadeira de rodas**). Cada grupo fica com um esporte, distribuído pela professora, e ao final terão que apresentar para toda a turma o esporte e algumas características dele. Podem fazer pequenos vídeos ou apresentação rápida de *Power Point* ou só apresentar. O grupo que ficar com o basquetebol, além de apresentar as características da modalidade, apresentará a história da mesma.

**OBS:** Caso a escola não tenha *netbooks* ou sala de informática disponíveis, a professora pode levar as imagens com algumas características delas em apresentação de *Power Point* ou vídeo para apresentar aos alunos.



**Vivência:**

- Após o término da primeira parte da aula, os alunos irão vivenciar o basquetebol em cadeira de rodas. O objetivo do jogo é simular as dificuldades enfrentadas pelos jogadores de basquetebol em cadeira de rodas. A turma será dividida em 2 equipes de 10 alunos, sendo que metade de cada equipe permanece em pé e a outra metade deve se posicionar sentada em alguma região da quadra.

- Os jogadores que estão de pé, poder dar no máximo 2 dribles com a bola, mas não poderão se deslocar sem sua posse.
- Os jogadores sentados podem se locomover com os braços e as pernas (arrastando) quando estiverem sem a bola, mas quando receberem não poderão se deslocar com sua posse; assim devem realizar o passe ou o arremesso.
- Só é permitido o arremesso aos alunos que estão sentados.

Varição: Todos jogando sentados.

**Parte final:** Reflexão sobre as vivências, a partir das seguintes questões:

- Todos podem jogar basquetebol?
- Quais foram as limitações? Essas limitações são semelhantes ao que o cadeirante enfrenta?
- No basquetebol em cadeira de rodas a cesta é mantida a 3m05cm como no basquetebol convencional. Quais foram as dificuldades encontradas no movimento de arremesso sentado?
- Quais medidas poderiam ser tomadas para facilitar o acesso de cadeirantes à prática do basquetebol em cadeira de rodas?
- Quais as dificuldades enfrentadas pelos praticantes dessa modalidade?  
(custo da cadeira de rodas a 4 mil reais cada, espaços sem estrutura e sem materiais adaptados)

**Link do vídeo:**

<https://www.dropbox.com/s/f4ziy9op4p7sqh9/BASQUETEBOL%20EM%20CADEIRA%20DE%20RODAS.mp4?dl=0>

## PLANO DE AULA - Nº4

**Tema da Aula:** As mulheres no Basquetebol

**Objetivo(s) Específicos da Aula:** conhecer e discutir sobre as mulheres no esporte, mais especificamente no Basquetebol.

### ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

**Roda inicial:** conversa com os alunos para saber se eles conhecem mulheres no esporte. A partir daí contar a eles que as mulheres não participaram da primeira Olimpíada em 1896 (Atenas), pois eram tratadas como de natureza frágil, destinadas à maternidade e fertilidade.

Em 1900 (Paris), quatro anos após a primeira Olimpíada, há a primeira aparição feminina. Uma tenista chamada Charlotte Cooper participa e ganha medalha de ouro, primeira medalha feminina em uma Olimpíada.

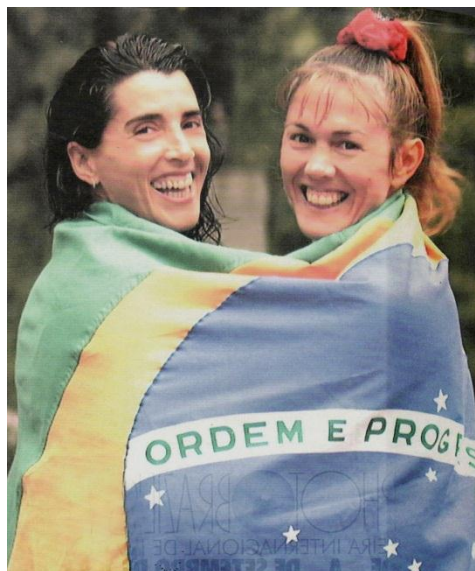


A primeira medalha olímpica brasileira conquistada por uma mulher foi nas Olimpíadas de 1932 (Los Angeles), pela nadadora Maria Lenk. A medalha de ouro foi conquistada em 1996, em Atlanta, por Sandra e Jaqueline, no vôlei de areia.



No basquetebol, as mulheres foram campeãs pan-americanas em 1991, em Havana (Cuba) e campeãs mundiais em 1994, em Sidney (Austrália), prata nos jogos olímpicos de 1996 em

Atlanta (EUA). As grandes atletas desta seleção fortíssima foram Hortência e Paula. Hortência é considerada a maior pontuadora da seleção com 3.160 pontos em 127 jogos; já Paula com 2.537 pontos em 150 jogos.



**Vivência:**

- Os alunos assistirão a um vídeo (o link está em anexo no grupo do *Facebook*) que mostra um pouco da história dessas duas atletas na seleção brasileira de Basquetebol;
- Após, eles terão que escrever um texto sobre o que eles entenderam do vídeo e responderem a pergunta: A menina que joga basquetebol deixa de ser menina?

**Parte final:** A partir do que eles escreverem, trazer aos alunos este texto:

*Basquetebol: o espaço das mulheres*

*As mulheres que se aventuram pela prática do basquetebol não enfrentam apenas as dificuldades próprias do jogo, além disso, enfrentam também o preconceito.*

*O basquetebol é bastante difundido entre os homens, fato que imprime nesse esporte características da cultura masculina, conduzindo a uma falsa impressão de que é eminentemente masculino. É comum ouvir comentários de que os movimentos do basquetebol são muito masculinizados, discurso bastante comum entre aqueles que só assistem jogos masculinos.*

*Com isso, as mulheres que ignoram tal entendimento reducionista do esporte enfrentam barreiras como críticas à forma de jogar<sup>12</sup> e mais grave ainda as meninas*



*sofrem comentários quanto a orientação sexual.*

*Todos esses fatores colaboram na configuração de uma realidade que dificulta a difusão do basquetebol feminino.*

*Em primeiro lugar as meninas não são encorajadas a praticar e a conhecer o esporte, existindo poucas categorias de base formadas exclusivamente por meninas. Outro agravante é o baixo incentivo aos campeonatos femininos, deixados em segundo plano obtendo pouca atenção da mídia e investimentos insuficiente a sua divulgação.*

*Mesmo nessas condições o basquetebol feminino brasileiro reina entre os quatro melhores do mundo, tendo ficado em 4º lugar no último Mundial (Brasil, 2006) e 4º lugar na última Olimpíada (Atenas, 2004).*

- Abrir para discussão:

\*O esporte tem poder para mudar a orientação sexual das pessoas?

\*Você conhece alguém que deixou de praticar algum esporte que gostava por conta do preconceito?

**Link do vídeo:**

**Mulheres no Basquetebol**

<https://www.dropbox.com/s/a8yxpg1x3gh0xwk/%C3%8Ddolos%20brasileiros%20do%20basquetebol%20feminino.mp4?dl=0>